

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

A mídia e as manifestações de junho de
2013: uma análise de produtos midiáticos

Eliana Natividade Carlos

São Paulo

2015

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

A mídia e as manifestações de junho de
2013: uma análise de produtos midiáticos

Eliana Natividade Carlos

Dissertação apresentada à Faculdade Cásper
Líbero para a obtenção do título de Mestre
em Comunicação, na linha de pesquisa
Produtos Midiáticos: jornalismo e
entretenimento, sob a orientação do prof.
Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho.

São Paulo

2015

Carlos, Eliana Natividade

A mídia e as manifestações de junho de 2013: uma análise de produtos midiáticos/ Eliana Natividade Carlos. – São Paulo, 2015.

96 f. : il. ; 30cm.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação, linha B – “Produtos Midiáticos, Jornalismo e Entretenimento”, 2015.

1. Produtos midiáticos. 2. Sociedade do Espetáculo. 3. Jornalismo.
4. Manifestações Sociais. 5. Ditadura. I. Coelho, Cláudio Novaes Pinto.
II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação.
III. A mídia e as manifestações de junho de 2013: uma análise de produtos midiáticos.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autora: Eliana Natividade Carlos

**“A MÍDIA E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013: UMA ANÁLISE DE
PRODUTOS MIDIÁTICOS”**

Maria Ribeiro do Valle

**Profa. Dra. Maria Ribeiro do Valle
Universidade Estadual Paulista - UNESP**

Luís Mauro Sá Martino

**Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero - FCL**

Cláudio Coelho

**Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho
Faculdade Cásper Líbero - FCL**

Data da Defesa: 05 de março de 2015

Agradecimentos

In memoriam... À Paula, minha companheira de todas as horas;

À minha Família, pelo amor incondicional;

Ao meu orientador Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho, por cada conversa, pelas aulas incríveis, por toda a atenção. Tenho imenso orgulho de ser sua orientanda;

Aos professores da banca de mestrado: Dra. Maria Ribeiro do Valle, Dr. Luís Mauro Sá Martino e Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho, pelas contribuições e por serem excelentes exemplos de pesquisadores. Vocês me inspiram;

Aos meus amigos que sempre me incentivaram;

Aos professores da Faculdade Cásper Líbero pelas aulas maravilhosas e, acima de tudo, instigantes;

Aos professores e amigos da Universidade São Judas Tadeu, por todo o incentivo, em especial à prof. Dra. Jaqueline Lemos, minha orientadora, em 2012, no Regime de Iniciação Científica (RIC);

Aos queridos da secretaria e da biblioteca da Faculdade Cásper Líbero, sempre prestativos e prontos para nos ajudar.

In memoriam de Paula Tesch Sabaini, sem você, companheira de todas as horas, eu jamais teria descoberto a alegria proporcionada pelos estudos, sobretudo a pesquisa. Sem dúvida, o ser humano iluminado que mais me incentivou e que eu mais amei (e amo) na vida. Jamais esquecerei o seu sorriso, o seu apoio, o seu amor...

Resumo

A dissertação pretende pesquisar a situação contemporânea do jornalismo praticado pela mídia impressa, através de análise crítica da cobertura jornalística realizada pelo jornal Folha de S. Paulo, sobre as manifestações de junho de 2013. Para enriquecer a reflexão sobre as jornadas da contemporaneidade, que levaram às ruas pessoas distintas, com reivindicações diversas, desenvolveu-se uma breve comparação com a efervescência que ocorreu nas ruas do país durante o período ditatorial, sobretudo após o assassinato do estudante Edson Luís de Lima Souto, em 28 de março de 1968. Faz parte da dissertação também uma comparação entre a cobertura da Folha de S. Paulo e a cobertura feita pela Mídia Ninja, um veículo da mídia alternativa, que utiliza a internet. Para esta comparação, serão levados em consideração os avanços tecnológicos e a espetacularização da sociedade, através da necessidade crescente de imagens que traduzam o mundo. As manifestações no Brasil começaram em junho de 2013 quando o Movimento Passe Livre (MPL) foi às ruas para protestar contra o reajuste de vinte centavos na tarifa do transporte público da cidade de São Paulo, mas teve como marco o dia 13 de junho, através da violência empregada pela Polícia Militar paulistana contra os manifestantes. O trabalho reuniu matérias que abrangem três momentos da cobertura da mídia sobre os episódios: a desaprovação das manifestações; a mudança de discurso da grande imprensa, conseqüentemente o apoio midiático aos ativistas e a volta ao primeiro estágio de desaprovação das passeatas devido ao vandalismo. Uma série de pensadores, dentre eles Pierre Bourdieu, Max Horkheimer e Theodor Adorno, contribuiu para a discussão proposta. Em destaque, Guy Debord, crítico do espetáculo globalizado que, com o passar do tempo, acentua-se devido às necessidades criadas pelo neoliberalismo. A principal referência na busca de compreender o diálogo proposto pela dissertação, o de conversar com a mídia impressa no que se refere à cobertura dos movimentos sociais tendo como enfoque as jornadas de junho de 2013.

Palavras-chave: Produtos Midiáticos, Sociedade do Espetáculo, Jornalismo, Manifestações Sociais, Ditadura.

Abstract

The dissertation aims to investigate the contemporary situation of journalism practiced by print media, through the critical analysis of the journalistic coverage performed by Folha de São Paulo newspaper, on the manifestations of June 2013. To enrich the reflection of the contemporaneity journeys, that led to the streets different people, with different claims, a brief comparison has been developed with the effervescence that occurred on the streets of the country during the dictatorship period, especially after the murder of student Edson Luis Lima Souto, on March 28 of 1968. Also, as part of the dissertation, the comparison between the coverage of the Folha de São Paulo newspaper and the one made by the Media Ninja, a vehicle of alternative media, which uses the internet. For this comparison, account shall be taken of the technological advances and the society of the spectacle, through the growing need of images that reflect the world. Public demonstrations in Brazil began in June 2013 when the Movimento Passe Livre (MPL) went to the streets to protest against the readjustment of 20 cents in the price of São Paulo's public transportation and had it's landmark on June 13, through the violence employed by the state's Military Police against the demonstrators. The work brought together articles that cover three moments of media coverage on the episodes: the disapproval of manifestations; the change of address of the press, therefore the support media to the activists and the back to the first stage of disapproval from protesters due to vandalism. A number of thinkers, among them Pierre Bourdieu, Max Horkheimer and Theodor Adorno, contributed to the discussion proposal. In the spotlight, Guy Debord, critic of the globalized spectacle that, with the passing of time, is accentuated due to the needs created by neo-liberalism. The main reference in the search to understand the dialog proposed by dissertation, a conversation with the printed media as regards the coverage of social movements with the focus on the days of June 2013.

Keywords: Media Products, Spectacle Society, Journalism, Social Events, Dictatorship.

Sumário

Introdução	09
Capítulo I – Da ditadura para a democracia: possíveis características das manifestações de junho de 2013 com a consolidação da Sociedade do Espetáculo	15
1.1 Uma transformação histórica	17
1.2 Imagem como argumento	19
1.3 Pensamento francês para os brasileiros	21
1.4 Slogan das manifestações de junho de 2013	25
1.5 A juventude e suas referências	27
1.6 Memória do jornalismo na ditadura militar	30
1.7 Censura: em maior ou menor grau	32
1.8 Responsabilidade do jornalismo	33
1.9 Visibilidade, argumento na sociedade contemporânea.....	39
Capítulo II – Mídia alternativa na sociedade do espetáculo	44
2.1 Jornalismo na contemporaneidade	45
2.2 Visibilidade na Rede	46
2.3 A flexibilidade do 4º poder	47
2.4 Velocidade da informação X Perda de análise	52
Capítulo III – Cobertura do jornalismo impresso, um olhar sobre as manifestações	57
3.1 As notícias e a tomada das ruas	61
3.2 Repercussão impressa.....	62
3.3 Polícia invade, estudante morre	64
3.4 Repercussão e posicionamento político	69
3.5 Caminho inverso ao de 1968: Manifestantes violentos, polícia é vítima	74
3.6 Polícia repressora, jovens resgatam a democracia	80
3.7 Polícia precisa conter vândalos	87
Considerações finais	90
Referências Bibliográficas	93

Introdução

Em junho de 2013, nas ruas das cidades brasileiras surgiram passeatas contra o aumento das passagens de ônibus, metrô e trem. Pessoas das mais diferentes classes sociais, etnias e interesses foram mobilizadas. Os jovens do Movimento Passe Livre (MPL) – que surgiu depois das “Revoltas do Buzu”, em Salvador, em 2003 e “da Catraca”, em Florianópolis, nos anos de 2004 e 2005 –, conseguiram movimentar grande quantidade de pessoas nas ruas do país para aderirem ao protesto que pedia a redução da tarifa do transporte público, principalmente depois do emprego da violência policial contra os manifestantes na Rua da Consolação e na Av. Paulista, em São Paulo, no dia 13 de junho de 2013.

Os vinte centavos viraram o clamor pela saída do Deputado Federal Pastor Marco Feliciano (PSC), da presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) – a infeliz nomeação talvez tenha sido uma jogada política que colocou a Comissão à margem do laicismo defendido pelas democracias –; a não aprovação da PEC 37¹; exigência da prisão dos responsáveis pelo “mensalão do PT”; aumento do salário de professores e médicos. Tivemos também os protestos por melhorias no Sistema Único de Saúde (SUS), ao brado de “Hospitais padrão FIFA”. Por falar em FIFA, as manifestações se voltaram também para a contestação dos gastos com a Copa do Mundo no Brasil, e renderam vaias à presidente da República Dilma Rousseff na abertura da Copa, dia 12 de junho de 2014, no “Itaqueroão”, em São Paulo. No começo de 2015, quase dois anos depois das primeiras passeatas, ainda podemos ver nas ruas alguns focos de manifestações. Como o paradigma é a cidade de São Paulo, após o reajuste de R\$ 0,50 na tarifa do transporte público, manifestantes voltaram às ruas em protesto.

As manifestações no Brasil começaram em junho de 2013 quando o Movimento Passe Livre (MPL) foi às ruas para protestar contra o reajuste de vinte centavos na tarifa do transporte público na capital paulista. O marco dos protestos foi o dia 13 de junho, consequência da violência empregada pela Polícia Militar contra os manifestantes. Até a data que marcou os episódios, as imagens que passaram na televisão – que os outros meios de comunicação, usando a mesma dinâmica, seguiram com opiniões e

¹ Emenda apresentada em 2011 pelo deputado Lourival Mendes (PTdoB-MA). Dá poder exclusivo à polícia para realizar investigações criminais. Aprovada a Pec no Congresso, o Ministério Público, que faz as investigações, não poderia mais realizá-las.

comentários –, permearam o imaginário do público com recortes da violência promovida pelos manifestantes, os quais a mídia, durante a cobertura, enquadrou como “vândalos”.

Não é de hoje que se fala em cultura da mídia. Informações que chegam às pessoas com conteúdos pouco reflexivos, muitas vezes até duvidosos. O conhecimento que deveria ser disseminado pouco aparece, seguindo a lógica capitalista, é uma mercadoria rara. Até as relações humanas se tornaram mercadorias, vivem à sombra das aparências e da busca inalcançável da utopia que é a plena satisfação. Zygmunt Bauman em sua metáfora da modernidade líquida nos mostra que o mundo é muito flexível. Em todos os campos, seja na comunicação, seja no cotidiano. O consumo é um estilo de vida. O tempo inteiro consumimos imagens e construímos uma falsa ideia sobre nós mesmos e sobre as coisas. “Lembre-se, por exemplo, o formidável poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre o imaginário popular, coletivo e individual” (Bauman, 2001:99). Desta forma, podemos pensar que vivemos no mundo das significações e as mídias narram o mundo para nós. Não podemos esquecer de que a tecnologia é uma facilitadora na difusão de informação e cultura, um instrumento utilizado pelo ser humano.

O capitalismo há muito transformou os conglomerados jornalísticos em grandes empresas de informação, em que os interesses dos anunciantes são mais importantes do que o interesse público. “O chamado ‘quarto poder’ ou ‘contrapoder’ trai a sua origem e passa a operar como um ‘partido da globalização neoliberal’ [...] A democracia vira um mero jogo cênico, em que vários debates públicos são interditados aos cidadãos” (Ramonet, 2012:10). Diante deste cenário, paira uma dúvida: ao reportar apenas o vandalismo promovido pelos manifestantes – certos ou errados, não cabe o meu julgamento –, omitindo, talvez, o excesso policial ao conter as passeatas que eram realizadas às vésperas de dois grandes eventos no país, a Copa das Confederações Fifa 2013 e a Copa do Mundo Fifa 2014, essa não seria uma tentativa midiática de esvaziar as ruas? Um exemplo do discurso desfavorável às manifestações de junho de 2013 é do jornalista Arnaldo Jabor, no Jornal da Globo, dia 13 de junho, disponível no *youtube*: “Os pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis molotovs, que

ganham muito mal. No fundo tudo é uma imensa ignorância política. É burrice misturada a um rancor sem rumo [...] A causa deve ser ausência de causa”².

O principal apoio às manifestações pode ter surgido nas redes sociais. Enquanto a grande mídia demonstrava pouca compreensão com o movimento que despontava, ativistas compartilhavam no *youtube*³ e *facebook*⁴, vídeos amadores de pessoas que estavam *in loco* durante a repressão policial. As imagens que circularam nas redes causaram comoção, sobretudo revolta. Não raro, o passado foi revisitado e surgiram comparações com a Polícia que reprimia as manifestações em tempos de ditadura militar brasileira.

Pululam na Internet gravações que saíram dos celulares dos manifestantes, mostrando outro olhar sobre as manifestações, contudo, um olhar também parcial que focou apenas em interesse próprio, o de mostrar a violência policial, contudo a ação da PM foi retratada dentro da lógica espetacularizada, ou seja, através de imagens de impacto, sem proporcionar o amplo debate merecido para lidar com o tema. Nesse contexto, qualquer atitude positiva vinda da polícia durante os conflitos fora desprezada pelos atores sociais em questão. Seria o bíblico “olho por olho, dente por dente”?

Curiosamente, após a movimentação das redes sociais, a grande mídia mudou o discurso e passou a apoiar as manifestações. “Amigos ouvintes, outro dia eu errei. Errei na avaliação do primeiro dia das manifestações contra o aumento das passagens em São Paulo”⁵, palavras do jornalista Arnaldo Jabor, na rádio CBN, em 16 de junho, quando se retratou pelo comentário que havia feito no Jornal da Globo, em que chamara os ativistas do MPL de vândalos. Não podemos afirmar que foi a movimentação nas redes sociais que fez a mídia tradicional mudar o enfoque quanto às manifestações de junho, mas, de fato, os discursos mudaram. Parafraseando Bauman, seriam discursos líquidos? Porosos, volúveis, forjados para agradar ao maior número de pessoas possível?

Seguindo a trilha dos fatos, sob a perspectiva de um olhar a mais em meio a tantos possíveis. Após a mudança de discurso da grande mídia, como mágica, as pessoas encorporaram as manifestações. Nas ruas do centro do Rio de Janeiro, em 17 de

² Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=o-CduMlUgRI>>, acesso em: 10/10/2013, às 10h.

³ É um site fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, em que qualquer pessoa pode compartilhar vídeos. Desde 2006 o You Tube pertence à empresa Google.

⁴ Fundado em 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, é a rede social mais utilizada no mundo atualmente.

⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=115sc85hO-g>>, acesso em: 03/10/2013, às 21h.

junho de 2013, por exemplo, havia uma aglomeração tão grande de pessoas que a mídia nomeou de “Passeata dos 300 mil”, talvez fazendo referência à “Passeata dos 100 mil”, que ocupou a mesma cidade, em 26 de junho de 1968, durante a ditadura militar brasileira, em protesto contra a repressão policial às manifestações que tiveram início após o assassinato do estudante Edson Luís de Lima Souto, no restaurante do Calabouço. Na ocasião, Edson fora alvejado à bala em 28 de março de 1968, tornando-se estopim das jornadas. No entanto, as Cem Mil pessoas na Av. Rio Branco protestavam contra o episódio conhecido como Sexta-feira Sangrenta que mostrou, de fato, a atuação violenta da Polícia Militar durante o período ditatorial brasileiro. Valle nos lembra que “o episódio da Sexta-feira Sangrenta é exemplar, pois tanto a participação do povo na luta estudantil quanto as decisões governamentais e o posicionamento da grande imprensa mostram que a dinâmica dos acontecimentos interfere na prática do ME, levando-o a questionar suas bandeiras ou até mesmo a radicalizá-las” (Valle, 2008:148).

Nas marchas de junho de 2013, após a redução da tarifa do transporte público, o Movimento Passe Livre se retirou da liderança dos protestos. Contudo, as manifestações não pararam e o que vimos foi uma enxurrada de reivindicações; o surgimento e a apropriação de grupos que queimaram bandeiras de partidos políticos, os “sem-partidos”, a entrada dos *Black Blocs*⁶ e, sobretudo o individualismo, pois cada manifestante queria, a pulso resolver o seu problema. O que parecia um respirar de democracia, aonde as pessoas tomavam as ruas para reivindicar direitos, discutir propostas, conversar sobre os caminhos da política no país, tornou-se, talvez, um simulacro mal-sucedido e saudosismo exagerado dos eventos que turbinaram as ruas brasileiras em 1968. Um respirar líquido, como as notícias que se perdem nos blogs da internet.

Desta forma, a dissertação pretende estudar a situação contemporânea do jornalismo praticado pela mídia impressa, através da análise da cobertura jornalística realizada pelo jornal Folha de S. Paulo, no período do dia 12 de junho de 2013 – antes do marco das manifestações –, quando o discurso midiático era desfavorável às manifestações, até o dia 21 de junho, data em que novamente a mídia explícita, de forma mais clara, novamente a opinião desfavorável às manifestações. Para enriquecer a discussão sobre

⁶ Grupo de jovens vestidos com roupas pretas, coturnos, rostos cobertos com lenços, que vão às manifestações com o intuito de promover depredação do espaço público e enfrentamento com a Polícia.

as jornadas recentes, que levaram às ruas pessoas distintas, com reivindicações diversas, o trabalho traz um breve relato sobre a efervescência que ocorreu nas ruas do Brasil em 1968, durante o período ditatorial, a fim de comparar momentos distintos na política, cultura e tecnologia. Desta forma, abrimos a discussão de como a mídia cobre as manifestações, sobretudo na contemporaneidade, em uma sociedade alicerçada no modelo neoliberal, seja na política e na economia, seja nas novas tecnologias que transcenderam a velocidade do rádio. Importante ressaltar a análise crítica sobre a espetacularização da notícia que envolve a cobertura das mídias. O texto pretende provocar a reflexão sobre a produção da mídia escrita.

Outro aspecto a ser considerado é que a proximidade com o fato torna a pesquisa um desafio, pois assume caráter pioneiro – embora exista, desde que as manifestações começaram, vasto conteúdo que busca interpretar os acontecimentos –, e poderá se tornar referência para futuros estudos deste recorte histórico, que ganha corpo no cenário nacional, mas que, nem de longe, dá sinais de esgotamento de análises, tampouco, um entendimento seguro das jornadas realizadas nas ruas do País. Assim, tentaremos compreender a produção do jornalismo impresso, considerando que vivemos em uma sociedade cada vez mais preocupada com a imagem e a velocidade da informação, ou seja, procuraremos refletir sobre a maneira como a mídia impressa cobre manifestações de rua. O trabalho será dividido da seguinte forma:

Capítulo I - Da ditadura para a democracia: possíveis características das manifestações de junho de 2013 com a consolidação da Sociedade do Espetáculo:

há uma abordagem a respeito das transformações pelas quais o campo jornalístico passa, tendo como cenário principal a contemporaneidade, em que as novas tecnologias, a mudança de comportamento do público consumidor de informação e, sobretudo o posicionamento neoliberal impulsionado pelo Capitalismo, refletem no conteúdo gerado pelas empresas midiáticas e nas necessidades de informação exigidas pela sociedade. Neste capítulo, traremos algumas informações sobre o Movimento Estudantil, principal protagonista das manifestações que eclodiram no país após o assassinato do estudante Edson Luís, em 28 de março de 1968, a fim de um resgate histórico sobre a cobertura da mídia no que tange as passeatas nas ruas brasileiras.

Capítulo II: Mídia alternativa na sociedade do espetáculo: propõe também uma reflexão sobre a visibilidade e repercussão da Mídia Ninja, que se destacou na cobertura

das manifestações de junho de 2013. Pretende-se discutir sobre o comportamento da grande mídia em relação aos protestos, a forma industrial da notícia e os possíveis motivos que fizeram com que, parte dos manifestantes, reconhecesse os Ninjas como mídia alternativa e representativa do momento histórico em questão. Desta forma, faremos um comparativo, de cunho histórico, com o modelo de mídia alternativa que tivemos durante o período militar.

Capítulo III: Cobertura do jornal Folha de S. Paulo. Um olhar impresso sobre as manifestações de junho de 2013: retrospectiva dos acontecimentos que resultaram no emprego da violência pela Polícia Militar de São Paulo contra os manifestantes na Av. Paulista, no dia 13 de junho de 2013, data conhecida como o marco do crescimento da presença da população nas ruas das cidades brasileiras em prol da redução dos preços na tarifa do transporte público, assim como a mudança do posicionamento da grande mídia sobre as manifestações.

Capítulo I – Da ditadura para a democracia: possíveis características das manifestações de junho de 2013 com a consolidação da Sociedade do Espetáculo

Desde junho de 2013 o país tem presenciado o início de uma realidade – ruas tomadas em manifestações –, que estava adormecida, talvez desde “os caras pintadas”, movimento estudantil que levou uma gama de jovens às ruas brasileiras na década de 90 para pedir o *Impeachment* do ex-presidente da república Fernando Collor de Melo⁷. Também pairam sob o holofote, diga-se de passagem, menos interessado da mídia, a continuidade e os desdobramentos das manifestações que começaram em São Paulo através da mobilização do Movimento Passe Livre (MPL), que pedia a redução das tarifas de ônibus, trem e metrô e ganharam apoio e adesão de outros estados.

A redução dos vinte centavos se transformou em pedido de prisão aos condenados do mensalão do PT⁸, desagrado popular com a PEC37; paralisações de serviços públicos que afetam diretamente o trabalhador, como as greves de ônibus e metrô, na cidade de São Paulo, em que os funcionários pediam aumentos de salários; desaguando, enfim, em protestos contra os gastos com a Copa do Mundo Fifa de Futebol 2014⁹.

O início das manifestações, que teve o marco no dia 13 de junho, através da violência empregada pela Polícia Militar de São Paulo – resultado de uma noite de enfrentamento entre policiais e manifestantes –, trouxe dois aspectos interessantes para o debate que o capítulo propõe: a volatilidade dos discursos que se acentua com o passar do tempo e a quantidade de pautas levantadas pelos manifestantes nas ruas, talvez reflexo do excesso de informações que a modernidade nos acomete.

A sociedade está cada vez mais mercantilizada, gerando uma cultura comandada pelo consumo, sobretudo apoiada por apelos publicitários que desprezam a reflexão e buscam o conforto das imagens na busca incessante de audiência. A cultura do raso e do perecível, a passos largos ganha espaço nas sociedades. Este não é um ônus atribuído exclusivamente ao Brasil, mas um movimento global que se afunila ao mesmo tempo

⁷ Primeiro presidente eleito pelo voto direto após os 21 anos de ditadura militar brasileira. Governou o país de 1990 a 1992. O *Impeachment* de Collor foi fomentado pelo fracasso do Plano Collor que tinha o objetivo de, através de reformas econômicas, estabilizar a inflação e as denúncias de corrupção política.

⁸ Denúncia de compra de votos praticada por parlamentares do Congresso Nacional, nos anos de 2005 e 2006, durante o mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

em que suprime as ideias de transformação, considerando que o ato de manifestar-se pretende ser revolucionário. Quanto à volatilidade, talvez possamos nos referir a ela como uma crise ideológica que mostra seus tentáculos em solo nacional desde o período do regime ditatorial brasileiro. Os jornais, por exemplo, seguem uma política editorial cada vez mais semelhante, preocupados com o interesse do público em detrimento do interesse público. Não podemos generalizar, pois sempre haverá profissionais que querem romper ou minimizar o sistema, contudo no terreno neoliberal os periódicos dependem mais da economia do que de uma ideologia para sobreviver. Bourdieu nos diz que “em nome do credo liberal, que o monopólio uniformiza e que a concorrência diversifica” (Bourdieu: 1997:31). Podemos oferecer também como exemplo de tal fragilidade de discurso, a opinião da “mídia oficial” no início das manifestações. Nos primeiros dias de passeata, a grande mídia estava em desacordo com a mobilização do MPL e, sobretudo, através da televisão, enquadrou a polícia como vítima dos vândalos no início das jornadas.

No dia 12 de junho encontramos a seguinte manchete de uma nota no jornal *Folha*: “Sangrando, PM aponta sua arma, mas não dispara”.



DEPOIMENTO
Sangrando, PM
aponta sua arma,
mas não dispara

GIBA BERGAMIM JR.
DE SÃO PAULO

Um policial e um manifestante caíram no chão atacadados. Cerca de dez pessoas começaram a agredir o PM com pedras, socos e chutes. Mesmo atingido, ele se levantou. De pé, sangrando, o policial apontou a arma para o grupo. Não disparou. *Cotidiano C4*

‘Não temos controle; virou revolta’, diz organizadora do ato

“Não temos controle. A manifestação se transformou numa revolta popular”, disse Nina Cappello, 23, estudante de direito e uma das organizadoras do Movimento Passe Livre.

Cappello culpou a “repressão violenta da polícia” pelo resultado. Segundo ela, a manifestação estava pacífica até que houve grande repressão no centro. *Cotidiano C5*

Outro aspecto abordado no capítulo é a quantidade de pautas levantadas pelos manifestantes nas ruas, ou seja, uma gama de reivindicações, sequer discutidas, vociferadas nas marchas regidas por palavras de ordem subtraídas das peças publicitárias dos comerciais de uísque e automóvel, como é o caso de “O gigante acordou” e “Vem pra rua vem”. Nesse aspecto, Llosa nos diz que “o vazio deixado pelo desaparecimento da crítica possibilitou que, insensivelmente, a publicidade preenchesse e se transformasse atualmente não só em parte constitutiva da vida cultural, como

também em seu poder determinante” (Llosa, 2013:33). Desta forma, podemos tecer uma discussão sobre as características acentuadas de uma sociedade em que tudo vira mercadoria, entretenimento e busca pelo prazer. Em que o importante não é “ser”, sequer “ter”. O eficaz para angariar ascensão social é “parecer”, ou seja, a manifestação declarada do poder que a imagem exerce no cotidiano contemporâneo. Não raro, a estética é valorizada em detrimento da ética.

Sob a ótica proposta pelo texto, que é uma reflexão das mudanças de comportamento da sociedade, traçando um paralelo com as jornadas durante o período da ditadura militar brasileira, percebemos que há um disparate de demandas já que o baluarte principal dos 21 anos sob a mão do Regime era o anseio pelo fim da ditadura, acompanhado de pautas do Movimento Estudantil, que lutava, sobretudo contra a Política Educacional do Governo (PEG). “No âmbito da universidade, do ponto de vista dos estudantes, os acordos MEC-USAID visam garantir os interesses do imperialismo no Brasil, por meio de formação de técnicos operacionais para as indústrias” (Valle, 2008:255).

1.1 Uma transformação histórica

O desenvolvimento do capitalismo criou tentáculos e propiciou que a industrialização surgisse na arte, na cultura e na comunicação. Dentro desse contexto, que caminha para dois séculos de império, as preocupações pensadas por alguns teóricos no século XX estão em larga consolidação. Com os estudos de cultura de massa que tiveram início na Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, por exemplo, falava da reprodução das obras de arte e da mudança da relação entre artista e obra. Em suas reflexões sobre a fotografia, mostrava que o desenvolvimento tecnológico é a própria industrialização, portanto, está ligado à sociedade capitalista. Para o autor, o objeto, antes das técnicas de reprodução em larga escala, só poderia ser considerado artístico se proporcionasse uma experiência única ao espectador. A famosa questão da aura. As técnicas de reprodução, facilitadas pelo avanço tecnológico, separavam a experiência da arte. A arte que era para poucos, lê-se burguesia, com a reprodução ficou mais próxima das pessoas “comuns”.

No caso da fotografia, é capaz de ressaltar aspectos do original que escapam ao olho e são apenas passíveis de

serem apreendidos por uma objetiva que se desloque livremente a fim de obter diversos ângulos de visão; graças a métodos como a ampliação ou a desaceleração, pode-se atingir a realidades ignoradas pela visão natural. Ao mesmo tempo, a técnica pode levar a reprodução de situações, onde o próprio original jamais seria encontrado. Sob a forma de fotografia ou de disco permite sobretudo a maior aproximação da obra ao espectador ou ao ouvinte. A catedral abandona sua localização real a fim de se situar no estúdio de um amador; o musicômano pode escutar a domicílio o coro executado numa sala de concerto ou ao ar livre (Benjamin, 1975:13)

Já Adorno e Horkheimer se referem às técnicas de reprodução como uma ferramenta da Indústria Cultural a serviço da dominação dos povos, que visa unicamente à busca constante do aumento do lucro. Para os autores, há um planejamento calculado, elaborado, muito bem estudado para ludibriar as pessoas e aumentar o público consumidor de bens:

O que não se diz é que o terreno que a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma (Adorno e Horkheimer, 1985:114)

A Indústria Cultural passou a dirigir o comportamento das pessoas. Ao ditar as regras a *IC* direciona comportamentos, gostos, necessidades, informações. Segundo a reflexão dos autores, é a racionalidade das grandes empresas a serviço da dominação. Nessa lógica de padronização que se acentua com o passar do tempo, a arte, a cultura e até mesmo os sentimentos se tornam mercadoria, pois no sistema vigente, uma compra leva a outra para alimentar o ciclo de consumo.

Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual (Adorno e Horkheimer, 1985:114)

Em busca da quantidade em detrimento da qualidade, nascem as fórmulas que se alimentam na repetição do sucesso – de vendas –, e disseminam cada vez mais conteúdo voltado para a diversão do público, seja na arte e na cultura, seja na política e na história. A Indústria Cultural amplia a nossa percepção e a originalidade é apenas uma aparência que nos faz consumir. Desta forma, em oposição ao texto de Benjamin, Adorno diz que o que parecia ser um progresso, em que as massas passariam a ter acesso à cultura, às obras de arte, aos livros, através da tecnologia, na verdade esbarra na lógica do mercado que subverte a “boa ação”, pois esvazia o conteúdo para abarcar um número cada vez maior de consumidores. No campo da arte, por exemplo, o que a massa vai contemplar não é uma obra de arte, mas um produto da Indústria Cultural feito sob medida com o intuito de obter retorno financeiro. Isso faz com que o valor intelectual se perca, torne-se diversão pura e simplesmente, ao invés de disseminar, de fato, o conhecimento, a experiência, o afeto – no sentido de provocar. “Quanto mais firmes se tornam as posições da Indústria Cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural” (Adorno e Horkheimer, 1985:135). Na passagem da modernidade para a pós-modernidade, as vozes publicitárias passam a dar as cartas, algo já previsto por Adorno e Horkheimer, que argumentavam que quanto mais a publicidade se desenvolve menos a sociedade precisa de um discurso político e ideológico.

1.2 Imagem como argumento

Na sociedade capitalista o que é valorizado são as possibilidades de consumo. Os vínculos são estabelecidos pelo valor de troca, geralmente impulsionado pela publicidade que divulga os padrões adequados para a vida em sociedade, assim como as nossas necessidades e desejos. Exemplos atuais da consolidação publicitária agregada ao valor financeiro são os artistas que se destacam pelo valor monetário de suas obras; a beleza atribuída aos tratamentos de pele, corpo e cabelos que custam caríssimo; os livros que esvaziam as prateleiras das livrarias são *Best Sellers*, que ganham três ou mais continuação, dependendo do apelo comercial. Esses padrões penetram no cotidiano das pessoas e dificilmente são percebidos. Por osmose, nossos corações e

mentos são subvertidos aos desejos do mercado, ou seja, desde a roupa da moda que usamos à comida feita pelo *chef* do programa de TV. Isso acontece em todos os campos da vida social, sobretudo na comunicação, que é o foco principal deste trabalho. Por exemplo, somos bombardeados por informações. Muitas notícias, pouco importa se foram bem apuradas, desde que reportem de forma imediata os acontecimentos extraordinários, sensacionais que pululam ao redor do globo. Na verdade, alguns autores definem que a importância das informações depende do quanto ela pode ser espetacular, imagética, emocionante. “Essa aceleração cria muita confusão e muitos erros, pois os meios de comunicação dominantes consideram indispensável agir como uma agência de notícias” (Ramonet, 2013:57).

Não raro, nas manifestações de junho de 2013, a cobertura midiática girou em torno de imagens das multidões nas ruas, o quebra-quebra e os incêndios promovidos por manifestantes vestidos de roupas pretas, com os rostos cobertos por lenços ou máscaras. Sequer sabemos se os jovens ativistas se reuniam em outros locais para discutir as pautas das manifestações, de certo é pouco provável, mas o diálogo seria uma boa forma de estimular um debate sobre os assuntos que envolvem questões tão importantes para o país como educação, saúde e reforma política. Devido à mesmice que parece assombrar o controle remoto, pouco importa o dia ou o lugar da aglomeração de gente nas ruas, em protesto. Bourdieu, em seu livro *Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*, faz uma severa crítica ao jornalismo, principalmente por ele ter adotado, em todos os aspectos, seja no jornal impresso, seja nas revistas, o modelo rápido, instantâneo e raso do formato do telejornalismo. “Comparem as capas dos semanários franceses com quinze dias de intervalo: são mais ou menos as mesmas manchetes. Da mesma maneira, nos jornais televisivos e radiofônicos das emissoras de grande difusão, no melhor dos casos, ou no pior, só a ordem das informações muda” (Bourdieu, 1997:31). Embora Bourdieu esteja se referindo às revistas da França, podemos aplicar a crítica à realidade brasileira, pois há um movimento global de superficialidade da informação. O jornalismo contemporâneo está inserido, cada vez mais, na fragmentação do conhecimento. Ao longo da nossa caminhada, devido aos avanços tecnológicos que nos dão velocidade e até mesmo, a falta de tempo que assombra as novas gerações, não há espaço para as análises. O pensamento crítico perdeu-se até mesmo nas salas das “empresas universitárias”, há muito formamos leitores de orelhas de livros, ou de resumos e resenhas disponíveis na internet, conduzindo as gerações ao hábito da informação e não ao conhecimento. Nesse

aspecto esbarramos em mais um problema que o progresso tecnológico capitalista nos reservou, pois o armazenamento, a produção e a circulação de matérias na imprensa são de extrema importância para as sociedades, no entanto, essa ferramenta social está cada vez mais nivelada por baixo. Sabemos cada vez menos, pois navegamos na superficialidade. “Já não encontramos o estabelecimento de grandes debates a respeito de alternativas políticas ou a elaboração de reportagens que discutam o tema. Quando aparecem, na maior parte das vezes, são feitas para desqualificar e estigmatizar essas alternativas” (Marques, 2006:40)¹⁰.

O processo de esvaziamento de qualquer conteúdo é potencializado pela capacidade da pós-modernidade em produzir imagens. Tudo se transforma em aparências e, não raro, o nosso cotidiano é pautado por isso. Lembrando Baudrillard, o processo está tão sofisticado que a realidade é produzida de maneira que parece ser mais real do que a realidade, ou seja, transforma-se em uma hiper-realidade. O objetivo dessa realidade recriada é chamar a nossa atenção para coisas sensacionais, um simulacro de literatura, cultura, política, pessoas, experiências, ideias. “A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: Hiper-real” (Baudrillard, 1991:08).

1.3 Pensamento francês para os brasileiros

Na França de 1968, no mês de maio, os jovens estudantes iniciaram uma série de manifestações que teciam críticas às políticas educacional e trabalhista da época. O movimento ganhou apoio dos trabalhadores que entraram em greve desmoralizando o governo do então presidente, o general Charles De Gaulle¹¹. O general renunciou ao cargo em 1969. Uma das lembranças mais repetidas da revolução proposta pelos estudantes franceses é a célebre frase: “É proibido proibir”. Um ano antes do revisitado maio de 1968, Debord escreveu o livro *A Sociedade do Espetáculo*. Em busca de tentar compreender a sociedade capitalista que transforma tudo em mercadoria e motivar as pessoas a se revoltarem contra o capitalismo selvagem que ameaçava tomar a sociedade,

¹⁰ MARQUES, Fábio C: Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa. - COELHO, Cláudio N.P. & CASTRO, Valdir J. de (Orgs.) – **Comunicação e Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

¹¹ General Charles André Joseph Marie de Gaulle (1890-1970). Líder militar da França durante a 2ª Guerra Mundial. Ingressou na vida política logo após a guerra. Presidiu o país de 1959 a 1969.

o autor tece uma crítica à imagem. Assustadoramente, Debord nos diz há quase 50 anos que: “o espetáculo domina os homens vivos quando a economia os dominou totalmente. Ele nada mais é do que a economia desenvolvendo-se por si mesma. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores” (Debord, 1997: 18). As palavras do autor, a cada dia, parecem fazer mais sentido no cotidiano da contemporaneidade.

Um passeio rápido no Brasil de 1968 percebemos que os jovens brasileiros também foram as ruas. “Abaixo a ditadura”, era um dos baluartes desde o golpe em 1964. Estávamos sob um regime militar apoiado pelos norte-americanos que, ao final da Segunda Guerra Mundial travavam uma guerra ideológica com a antiga União Soviética, a chamada Guerra Fria, que tinha o intuito de agregar o maior número possível de parceiros econômicos, seja para o capitalismo, representado pelos Estados Unidos, seja para o comunismo, representado pela URSS. No entanto, assim como os franceses, as lutas dos estudantes brasileiros se dividiam entre o apoio às causas dos operários e os protestos contra as Políticas Educacionais do Governo (PEG), embora as realidades sejam diferentes até os dias atuais, afinal, a educação de um país europeu desenvolvido é diferente do ensino de um país subdesenvolvido, vale a comparação do período para fins de reflexão e contextualização.

Merece destaque entre as medidas governistas para a educação a entrega, em maio, para o Ministério da Educação e Cultura, do relatório da Comissão Meira Matos sobre os ‘problemas estudantis no MEC’, que Serpa alvo privilegiado de críticas do estudantado. Meira Matos, em depoimento à Câmara, no início de julho, defende a restrição da prática política dos estudantes ao âmbito dos partidos, para que seja evitada, assim, sua “politização excessiva” (Valle, 2008:99).

A comparação acima nos permite contextualizar, de forma simplificada devido à vasta história que existe para ser contada, um pouco da efervescência em que se vivia no mundo em 1968 – “O ano que não terminou”, segundo Zuenir Ventura¹², marcado pela violência, não apenas no Brasil. Havia manifestações contra a Guerra do Vietnã¹³; nos

¹² Escritor e jornalista, trabalhou em jornais como O Globo e Jornal do Brasil, além de revistas como Veja e Época. Venceu do Prêmio Jabuti na categoria Reportagem. Em 1988 lançou o livro: 1968, o ano que não terminou, entre outros títulos.

¹³ O mais longo confronto militar ocorrido após a II Guerra Mundial. O conflito foi de 1946 a 1954, entre a República do Vietnã (Vietnã do Sul), capitalista, e Vietnã do Norte, que possuía orientação comunista.

EUA, Martin Luther King¹⁴ fora assassinado; e em solo brasileiro nós éramos conduzidos pela sucessão de governos militares aos “anos de chumbo”, período mais repressor do regime –, sobretudo a visão avançada de Debord, que já nos preparava para o que vivenciamos na contemporaneidade: a condução natural das sociedades ao espetáculo potencializado. Nessa trajetória podemos visualizar também a crítica de Adorno e Horkheimer no que tange as técnicas de reprodução desenvolvidas pela indústria cultural.

Carros, roupas de grife, refeições em restaurantes que custam verdadeiras fortunas, celebridades que aparecem e desaparecem como cabides de patrocinadores; nós, mortais, ansiosos para postar fotos no *facebook* das melhores (somente as melhores) coisas que acontecem em nosso cotidiano, ou seja, as sociedades estão constituídas de indivíduos que fingem ser, ter, saber. Como Debord chamava a atenção, tudo se transformou em consumo. Esta é a característica do capitalismo, sistema que há muito rege a maioria das sociedades.

É neste cenário descrito acima que desponta, como marco de resistência, os episódios de junho de 2013 em nosso país. Um ano de protestos e nós conseguimos a redução da tarifa de R\$ 0,20 nos ônibus, trem e metrô de alguns estados. E, ao contrário da França de 1968, ou mesmo do período ditatorial no Brasil, na toada do progresso, os *slogans* “É proibido proibir” e “Abaixo a ditadura” foram substituídos por “O gigante acordou”, inspirado no comercial do uísque *Johnnie Walker* e “Vem pra rua, vem”, peça publicitária da Fiat.

A pós-modernidade vive o esvaziamento das fronteiras, das identidades. A superficialidade que assalta o conhecimento das coisas, seja na política, na arte, na cultura, seja na história, transforma o indivíduo em meros coadjuvantes do sistema. Baudrillard diz que nós perdemos a capacidade de distinguir o que é real do que não é real. “Estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido” (Baudrillard, 1991:103). O vazio assombra de tal forma que, com as

Em 1964 os Estados Unidos entraram na guerra. Mas na década de 1970, com o movimento contrário ao conflito, principalmente entre os jovens norte-americanos, pedia que os EUA abandonassem o campo de batalha. Sem apoio popular e com derrotas seguidas, o governo norte-americano, em 1973, aceitou o Acordo de Paris que previa o cessar fogo.

¹⁴ Em 1954 Luther King, iniciou suas atividades como pastor em Montgomery, no Alabama. Liderou o boicote contra a segregação racial americana, foi preso e torturado por causa da sua militância pelos direitos civis dos negros. Liderou várias manifestações de conscientização. Dessas marchas nasceram às leis dos Direitos Civis, de 1964, e lei dos Direitos de Voto, de 1965. Foi assassinado, a tiros, em abril de 1968, por um opositor. King foi um dos mais importantes líderes do ativismo dos direitos civis nos Estados Unidos e no mundo.

referências ideológicas deturpadas, nas manifestações, a insatisfação com o governo, por exemplo, foi exaustivamente alardeada pelos “sem-partido”, na contramão da democracia, pois vivemos 21 anos em uma ditadura militar, período em que o voto não era permitido. Durante o Regime, os partidos políticos se dividiam em Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que representava o governo vigente e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), um simulacro de oposição.

A crise ideológica também não poupou o jornalismo, marcante dizer que a Rede Globo teve de esconder o logo da emissora para que seus repórteres não fossem linchados por parte dos manifestantes, que alegavam querer uma mídia isenta, mas operavam de forma nada plural e democrática ao escolherem um único enfoque para reportar. De acordo com o site de notícias Pragmatismo Político, em matéria do dia 18 de junho de 2013:

Temendo pela integridade física de seus repórteres, a Globo adotou uma estratégia inédita durante a cobertura das manifestações que acontecem em São Paulo nesta segunda-feira. Tanto o repórter Jean Raupp, que cobriu o evento para o “Jornal Nacional”, como seu colega Fabio Turci, apareceram na Globo sem o chamado “cubo” no microfone¹⁵

De tudo, o que há agora? Quais são os problemas políticos que enfrentamos há anos no Brasil? De onde surgiu o desencanto pela política? Talvez reste a insatisfação constante que nos impulsiona a adquirir cada vez mais coisas, mesmo que sejam inúteis, como as adquiridas em programas de tele vendas, porque os debates profundos estão perdendo espaço para a sedução do entretenimento. O eleitor espectador, por exemplo, não tem paciência de assistir horas de debates de ideias – na pós-modernidade nem há tempo para tanto –, projetos de reformas políticas. Os “sem-partido” não trouxeram nenhuma reflexão relacionada ao tema, suas ações apenas resultaram na expulsão de pessoas que estavam com bandeiras ou camisetas de alguns partidos políticos de esquerda durante as passeatas. As mídias que se diziam alternativas, de discurso contra-hegemônico, como será abordado no capítulo seguinte, não trouxeram nada que fugisse à superficialidade habitual, na verdade, trouxeram menos, a cobertura para a Internet, por exemplo, é uma enxurrada de gravações que mostram apenas pessoas correndo, bradando as palavras de ordem retiradas das peças publicitárias. Os intitulados

¹⁵ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/06/microfones-da-globo-sem-o-logotipo-da-emissora.html>>, acesso em: 12/01/2015, às 21h.

“jornalistas alternativos” apresentavam uma narrativa pobre, descrevendo apenas a imagem que mostrava o enquadramento do *smartphone*, ou seja, mais do mesmo. Para conferir o material registrado nas manifestações, basta acessar o *Youtube* e conferir as ínfimas coberturas, imagens e locuções sem conteúdo crítico, beirando apenas ao sensacionalismo que sempre é a crítica feita à grande mídia. Debord já nos preparava para este momento, pois o espetáculo é o contrário do diálogo:

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana – o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito à mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. Mas o espetáculo não pode ser identificado pelo simples olhar, mesmo que este esteja acoplado à escuta. Ele escapa à atividade do homem, à reconsideração e à correção de sua obra. É o contrário do diálogo. Sempre que haja representação independente, o espetáculo se reconstitui (Debord, 1997:18)

1.4 Slogan das manifestações de junho de 2013

Nas jornadas de junho podemos ver a relação indivíduo X consumo bastante enraizada em alguns dos *slogans* apropriados pelos manifestantes para repercutir durante as passeatas. Foi o caso, por exemplo, da frase, bastante utilizada de “O gigante acordou”, visto que esta citação está bastante associada ao comercial do uísque *Johnnie Walker*, em que um gigante de pedra percorre as ruas da cidade do Rio de Janeiro. Outro caso emblemático foi a utilização da música da peça publicitária da Fiat que endossou o coro dos “Vem pra rua, vem”. Inclusive, resultou em um videoclipe, disponível no *youtube*¹⁶, em que a música da propaganda é ilustrada de forma emocionante com as imagens das manifestações. Segundo Debord, o espetáculo está enraizado na representação do real.

¹⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UB60kWX2JZk>>, acesso em: 20/09/2014, às 7h30.

É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o seu corolário o consumo. Forma e conteúdo do espetáculo são identicamente a justificação total das condições e dos fins do sistema existente (Debord, 1967:11)

Desta forma podemos discorrer sobre o fato de como, ou de quanto o ser humano se relaciona e está inserido na produção e no consumo de mercadorias. A sociedade da imagem traz mudanças para todos os campos de interação, até na cultura das manifestações atuais. Isso acontece porque, segundo Debord, as relações pessoais são estabelecidas através da imagem (cinema, TV, internet, fotografia), ou seja, imagens que permeiam o imaginário, sobretudo imagens construídas. Dentro deste contexto, o autor francês nos diz que as pessoas se relacionam por intermédio das mercadorias. As imagens ou são mercadorias ou incentivam o consumo delas. “O espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social. Tudo isso é perfeitamente visível com relação à mercadoria, pois nada mais se vê senão ela: o mundo visível é o seu mundo” (Debord, 1967: 32), ou seja, a sociedade do espetáculo já está naturalizada. Com o passar dos anos e estabilidade deste modelo criticado pelo teórico, nós estamos perdendo a capacidade de analisar e compreender a realidade sem que ela seja mediada por imagens pré-concebidas. Não há como desagregar, por exemplo, entretenimento de vida real.

No livro “O nome da marca”, ao discorrer sobre o quanto as marcas estão imersas em nosso imaginário a ponto de não conseguirmos dissociá-las do nosso cotidiano, Fontenelle tece uma crítica interessante que podemos trazer para o capítulo, na tentativa de ilustrar o momento em questão:

Ao questionar o significado enigmático da marca publicitária – o seu “x inominável” –, que é inútil o procurarmos entre as propriedades positivas do objeto a que ela se refere, porque ele se produz no nível das “palavras”, e não no nível das “coisas”. Dizer que este valor não está no nível das coisas, mas no nível das palavras, significa admitir que ele é produto da história cultural que constitui certo objeto como fetiche e que tem ligação com o que é valorizado socialmente em determinada época. No caso específico da marca publicitária, apreender as mudanças que ocorrem para

que a sociedade contemporânea passasse a usar esse tipo de símbolo para falar de si mesma (Fontenelle, 2002:284)

As jornadas de junho de 2013 são mais um pretexto para perceber a estética da publicidade presente para atrair o público, senão, os *slogans* publicitários não caberiam tão bem em manifestações que, supostamente, tinham o interesse de questionar o próprio sistema capitalista que rege a nação, ou seja, o modelo do neoliberalismo que acirra a competitividade e visa o lucro sobre questões fundamentais para a sociedade, como o direito à saúde de qualidade, à moradia de qualidade e à educação de qualidade. Desta forma, Coelho nos faz refletir a respeito de um aspecto que pode ser direcionado para tentar compreender o momento em que as pessoas estiveram nas ruas para fazer política. O cenário é o de indivíduos desencantados com a própria política, mas usufruindo de um bem da sociedade do espetáculo, a propaganda, ferramenta da Indústria Cultural. “A retomada da politização da vida cotidiana só será possível mediante o questionamento da redução da política às estratégias de construção/desconstrução da imagem dos políticos. Assim como o aprofundamento da crítica da sociedade do espetáculo depende de uma crítica à crítica espetacular do espetáculo” (Coelho, 2012: 175).

1.5 A juventude e suas referências

A partir das décadas de 80 e 90 a integração entre marca e cultura ganhou força. As marcas deixaram de pertencer apenas aos produtos e passaram a ser vinculadas a conceitos, verdadeiros estilos de vida. “Não basta tomar refrigerante, tem de ser coca-cola; não basta fumar um cigarro, tem de ser Marlboro; não basta comer hambúrguer, tem de ser McDonald`s” (Fontenelle, 2012: 284, 285). Com a ajuda do neoliberalismo, os grandes conglomerados acirram disputas pelos mercados em vários espaços do globo, não seria diferente no Brasil.

A busca por uma fatia cada vez maior do mercado de cada país faz com que o *marketing* seja um diferencial estratégico na sedução por adquirir mais consumidores. Por isso, não raro nos deparamos com tantas promessas de produtos que transformam as nossas vidas. Esses produtos, muitas vezes, sem utilidade alguma, como verdadeiras drogas, nos tornam dependentes. Baudrillard em suas teorias já nos direcionava para o

fato de que estamos perdendo a capacidade de distinguir o que é útil do que não é. Em seus textos, discorre sobre a relação direta do indivíduo com os objetos. Nos diz que o poder publicitário está arraigado em nossos sentidos. Quando compramos uma determinada mercadoria, automaticamente estamos pré-dispostos a adquirir outros produtos. Simplificando ainda mais, Baudrillard fala que uma compra leva a outra compra e assim sucessivamente. Isso acontece porque as peças publicitárias são pensadas para despertar o nosso desejo:

Seduzida pela imagem, mas enganada e tornada culpável também por ela, a veleidade do desejo é recuperada pela instância social. Profusão de liberdade, contudo imaginária, contínua orgia mental, contudo orquestrada regressão dirigida em que todas as perversidades são resolvidas em benefício da ordem: se, na sociedade de consumo, a gratidão é imensa, a repressão também o é; recebemo-las conjuntamente na imagem e no discurso publicitários, que fazem o princípio repressivo da realidade atuar no próprio coração do princípio do prazer (Baudrillard, 2008: 187)

Neste breve relato que partilha características da sociedade capitalista espetacularizada, partindo do princípio de que os atores sociais se organizam a partir do consumo, talvez possamos tentar compreender o comportamento dos jovens, armados com palavras vindas da publicidade, presentes nas manifestações que tiveram o estopim, alcançando maior apoio popular, após o dia 13 de junho, tendo a mudança de postura da grande mídia como aliado. “Nos pontos essenciais, ele obedecerá à linguagem do espetáculo, a única que conhece, aquela que lhe ensinaram a falar. Ele pode querer repudiar essa retórica, mas vai usar a sintaxe dessa linguagem” (Debord, 1997:191). Desta forma, percebemos o quanto a imagem que permeia o imaginário da sociedade toma o lugar do discurso ideológico.

Debord nos faz refletir sobre essa questão enfrentada, sobretudo pelas novas gerações, que já nasceram sob a consolidação do espetáculo. O mundo está circundado por mentiras, há um processo natural, conduzido pelos interesses capitalistas, de desinformação através da perda ou simplesmente, fragilidade das análises e desdobramento de ideias. Não há discussões, somente espetáculos.

A supressão da personalidade acompanha fatalmente as condições da existência submetida às normas espetaculares – cada vez mais afastada da possibilidade

de conhecer experiências autênticas e, por isso, de descobrir preferências individuais (Debord, 1997: 191)

O desaparecimento do interesse pela história é outro fator que conduz as novas gerações aos braços acolhedores do poder espetacular das sociedades globalizadas. Para os jovens, se não há imagens, o interesse pelos registros se perde, desta forma, o público está à mercê de informações superficiais, quase um estado de êxtase, aonde o debate não desperta sedução e interesse se não estiver dentro da lógica do espetáculo. “A sociedade do espetáculo não é a superação da alienação, mas a sua elevação a um patamar superior” (Coelho, 2006: 18). Estas reflexões nos conduzem à fragilidade das inúmeras pautas levantadas pelos manifestantes após a vitória das jornadas, que se referia à redução das passagens do transporte público. Um volume grande de pessoas nas ruas, mas pouca qualidade e objetividade para se defender as reivindicações. Há uma dificuldade de se compreender a realidade num todo e as palavras de ordem retiradas da publicidade são reflexos da necessidade visceral de se estimular o pensamento crítico de toda uma sociedade. Arbex, em relato sobre palestras que ministrava para jovens ao longo dos anos 90, diz que perguntava aos estudantes sobre as lembranças que tinham, por exemplo, da queda do Muro de Berlim e da Guerra do Golfo. Segundo o autor: “As lembranças se referiam às cenas mais ‘espetaculares’ (a multidão que derrubava com picaretas o Muro de Berlim; a sensação de videogame na Guerra do Golfo; soldados desembarcando de helicóptero no Haiti; cenas de fome na ‘África’ – nunca sabiam o país) etc. Eles lembravam das imagens, mas não conseguiam explicá-las”(Arbex, 2005:53)

Ao estudarmos os textos, principalmente os de Debord, percebemos que a visão de mundo da sociedade do espetáculo é o próprio capitalismo, aonde a realidade em que vivemos é apenas um simulacro. As peças publicitárias nos dizem a todo instante que há uma satisfação para cada um de nós, por isso, absorvemos sem questionar o discurso implícito que, segundo Baudrillard é a questão do “cuidado” que está em nosso inconsciente desde que somos crianças. O caráter regressivo que nos infantiliza e faz com que estejamos presos ao campo imaginário, em que até as nossas reivindicações são pautadas através do fascínio pelas mercadorias.

Talvez, possamos dizer que nas manifestações de junho havia vontade popular, mas, como tentamos abordar na dissertação, havia também uma barreira que impede a sociedade de debater política com seriedade, o esvaziamento da experiência humana. “A

indústria da imagem e da memória, obviamente, não escapa às pesquisas de laboratório. Ao contrário, constitui uma das mais promissoras vertentes de ‘tecnologia de ponta’ do século XXI” (Arbex, 2005:87). A imagem está tão presente em nosso cotidiano que se transforma no próprio cotidiano, no ato de se fazer política. Sob este ponto de vista, as jornadas de junho talvez tenham sido a oportunidade perdida. Um mero reflexo da fragilidade das discussões, da supressão das ideias, do culto exagerado à publicidade que fabrica *slogans*, além do desejo visceral de consumir mais. Na prática, a sociedade capitalista está legitimada e a sociedade se identifica com as coisas que fazem referência ao consumo, por isso o mote da publicidade tenha causado tanto sucesso entre os manifestantes. As peças publicitárias estão enraizadas nas nossas vidas, é exatamente o que as pessoas estão acostumadas a ver, ouvir e sentir.

1. 6 Memória do jornalismo na ditadura militar

Há mais de 50 anos, em 31 de março de 1964, os militares depuseram do poder o presidente da República João Goulart e o Brasil mergulhou em uma ditadura. No entanto, vamos nos deter ao período de 1968, precisamente nas manifestações após um episódio que causou comoção social, o assassinato do estudante Edson Luís de Lima Souto, no restaurante estudantil do Calabouço, no Rio de Janeiro, em 28 de março de 1968. Edson foi assassinado após a invasão da Polícia Militar. Coincidentemente, a violência policial é o elo que este texto pretende utilizar para dar início às reflexões sobre as manifestações do passado e do presente.

Nesse momento, tombou morto um jovem estudante brasileiro, nosso filho – não um porco. Edson Luís, varado pela bala assassina que o matou, não teve tempo de ter tempo. [...] O tempo de Edson Luís, dilacerado e destruído pela bala homicida que o cortou, tornou-se de repente tempo histórico, tempo brasileiro, tempo de cólera e consciência, tempo de gritar: BASTA!¹⁷

Após o assassinato do estudante no Calabouço, a comoção social levou às ruas, nos meses que se seguiram, uma gama de pessoas para encorpar o que a mídia, sobretudo a imprensa escrita que tinha forte apelo na época, nomeou de “Passeata dos

¹⁷ Correio da Manhã, de 07 de abril de 1968, p. 4.

1.7 Censura: em maior ou menor grau

“Na falta da lei, faz-se a lei” (CHINEM, 1995:63)

Desde o Golpe em 1964 os meios de comunicação tiveram que se adaptar a algum tipo de censura estipulada pelo governo. Antes do Ato Institucional nº5¹⁸, o mais severo de todos, principalmente para a imprensa, pois o controle do governo aos meios de comunicação era velado, tanto que durante as jornadas, após o assassinato do estudante Edson Luís, vislumbramos alguma ousadia da imprensa ao reportar os fatos. Jornais como a *Última Hora*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* são exemplos disso e também, exemplos das consequências por serem considerados “subversivos” pelo governo. “Seria exagero afirmar que a imprensa brasileira vinha gozando de inteira liberdade para noticiar fatos após o golpe de 1964. O recém-criado SNI já ensaiara as suas primeiras pressões junto aos proprietários de órgãos de comunicação para que os jornalistas considerados contestadores da revolução fossem sumariamente demitidos” (MARCONI, 1980: 37)¹⁹. Não raro, atentados à bomba em sedes e bancas de jornais, prisões de jornalistas, pressões econômicas exerciam controle, seja através do medo dos atentados, seja pelas vias de sobrevivência empresarial. “O *Correio da Manhã*, jornal de grande circulação no Rio, estava sendo liquidado por pressões econômicas. Ninguém mais anunciava no *Correio da Manhã*” (CHINEM, 1995:41).

Após o AI-5, havia explicitamente sido estabelecida a censura. Redações foram invadidas por censores que ora cortavam parte dos textos que consideravam ameaça à “ordem nacional”, ora limavam dos cadernos reportagens inteiras. Em momento de maior pesadelo para o jornalista exercer a função, nas redações chegavam informações do que não poderia ser noticiado pelo jornal. Havia regras a serem seguidas, ou seja, uma listagem do que não podia chegar à população:

1) Inconformidade com a censura de livros, periódicos, jornais e diversões; 2) Campanha pela revogação dos Atos institucionais, nomeadamente do AI-5; 3)

¹⁸ Baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva. Vigorou até dezembro de 1978, ampliando o poder do Executivo sobre o Legislativo de para punir os inimigos do regime. O Congresso Nacional podia ser fechado, mandatos parlamentares foram cassados, e os direitos políticos foram cerceados.

¹⁹ MARCONI, Paolo. **A censura política na Imprensa Brasileira – 1968/1978**. São Paulo: Global Editora, 1980.

Contestação ao regime vigente – difere da oposição que é legal; 4) Notícias sensacionalistas que prejudicam a imagem do Brasil e as tendentes a desnaturar as vitórias conquistadas pelo país; 5) Campanha de descrédito da política habitacional, do mercado de capitais e de outros assuntos de vital importância para o governo; 6) Notícias de assaltos a estabelecimento de crédito e comerciais, acompanhadas de relato detalhado e instrutivo; 7) Referências à tensão entre a igreja católica e o Estado e à agitação nos meios sindicais e estudantis; 8) Publicidade sobre nações comunistas; 9) Críticas contundentes aos governadores estaduais, procurando mostrar o desacerto da escolha pelo governo federal; 10) Exaltação da imoralidade, com notícias sobre homossexuais, prostituição e tóxicos.” (CHINEM, 1995:14)

A perseguição à imprensa é um dos mais duros golpes na democracia. “O *Jornal do Brasil* foi colocado sobre censura prévia mas, pelo menos na edição de 14 de dezembro de 1968, conseguiu marcar seu protesto que, certamente ficará registrado na história da pouca resistência dos jornais brasileiros à censura. Seu editor chefe foi preso, assim como um dos diretores do Jornal” (MARCONI, 1980: 38).

1.8 Responsabilidade do jornalismo

Durante o Regime, sob as rédeas de presidentes militares, a imprensa, sobretudo a grande mídia, vivia sob as mãos da censura; na atualidade, a liberdade de imprensa não garante que o jornalista ou o veículo de comunicação seja favorável aos movimentos sociais. Fazendo um traçado entre as duas realidades, podemos perceber certa semelhança no trato das informações sobre a movimentação nas ruas do país. Sobre 1968, Valle, ao fazer um detalhado estudo sobre o movimento estudantil durante o período da ditadura, diz que o “*Jornal da Tarde* publica uma carta aberta do CCC sem nenhuma crítica, apenas chamando atenção para o seu conteúdo. A imprensa dá visibilidade para os grupos paramilitares, que expõem sem escrúpulos suas intenções.” (Valle, 2008: 285), desta forma, percebemos a irresponsabilidade ao dar voz aos discursos de ódio. Partindo desse princípio, ao publicar a carta, o jornal respaldava o assassinato de pessoas que fossem consideradas comunistas, esquecendo completamente o valor da vida humana. Em junho de 2013, a grande mídia, ao reportar as notícias de que os policiais militares eram vistos como vítimas, pode ter fomentado nos próprios

profissionais o desejo de revide contra os manifestantes. Ou seja, quando Jabor diz que “os pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis molotovs, que ganham muito mal”. Talvez, o prestígio da emissora somado ao prestígio do profissional que falava, tenham sido um facilitador para que a violência fosse excessiva no que se refere à contenção dos manifestantes, os “vândalos”.

Em junho de 2013, a repressão policial em São Paulo, em que jornalistas e manifestantes foram alvejados com tiros de balas de borracha – vale lembrar a repórter Giuliana Vallone do jornal Folha de S. Paulo que teve um ferimento grave nos olhos –, causou revolta na população e novamente as ruas brasileiras foram visitadas por manifestantes. Na atualidade, acredita-se que o episódio violento, somado às imagens da atuação da PM paulistana, disponibilizadas e compartilhadas nas redes sociais ajudaram na mudança de posicionamento da grande mídia sobre as manifestações.

O discurso favorável dos conglomerados, em especial o dos telejornais, encorajou a tomada das ruas pela população. Grosso modo, uma espécie de autorização para que as pessoas saíssem de suas casas e ocupassem as vias públicas. Llosa discorre sobre a maneira que o jornalismo atua na contemporaneidade:

Uma das consequências de transformar o entretenimento e a diversão em valor supremo de uma época é que, no campo da informação, isso vai produzindo, imperceptivelmente, uma perturbação subliminar das prioridades: as notícias passam a ser importantes ou secundárias sobretudo, e às vezes exclusivamente, não tanto por sua significação econômica, política, cultural e social, quanto por seu caráter novidadeiro, surpreendente, insólito, escandaloso e espetacular (Llosa, 2013:47)

Saudosa ou apenas publicitária, seguindo os passos das manifestações do período do regime militar, a imprensa moderna nomeou a manifestação do dia 20 de junho de 2013, no Rio de Janeiro, de “Passeata dos Trezentos Mil”. A TV, precisamente o Jornal Nacional, da Rede Globo, o mais influente telejornal brasileiro, avançou na programação a fim de cobrir o evento e, de maneira inédita, a novela do horário nobre foi exibida mais tarde, após às 21h. O jornal Folha de S. Paulo repercutiu a respeito na edição do dia 21 de junho de 2013, na p. 4 do caderno Cotidiano.



Policiais atiraram balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo durante confronto com manifestantes em Salvador

ANÁLISE

Globo abandona grade do horário nobre para transmitir 'manifestação tranquila' país afora

NELSON DE SÁ
DE SÃO PAULO

A transmissão começou mais de quatro horas antes de William Bonner, atordoado, anunciar formalmente o início do "Jornal Nacional".

Às 20h30, sem escalada de manchetes, anotou tão somente: "As notícias mais importantes estão transcorren-

São Paulo, quando os manifestantes chegaram às portas da própria Globo, os âncoras e apresentadores procuraram defender os protestos, pelo menos nas primeiras horas.

As palavras-chave, repetidas diante das primeiras cenas de violência, eram "pequena confusão", "pequeno grupo". No mais, "manifestação tranquila". até mesmo

a queimar, a Globo saltava de Recife para Campo Grande e Belém, onde parecia tudo tranquilo, até que, na última: "Agora a gente vê um corre-corre. A gente escutou uma explosão. Várias explosões".

Parecia não haver mais cidade com os protestos tranquilos buscados pela Globo.

A Globo News chegou a abrir três telas simultâneas.

trícia Poeta na narração. Disse que estava até então preparando o "JN", mas que "a essa altura não faz sentido".

E soltou um editorial improvisado, sobre o carro do SBT: "O trabalho da imprensa é para dar voz aos manifestantes, mas uma minoria tenta intimidar a imprensa".

Daí por diante, a locução na Globo foi tomada por expressões como "cordão de isolamento", "spray de pimenta", "explosões" — com crítica crescente aos "grupos infiltrados", aos "vândalos".

Perto do fim do "Jornal Na-

Para Bourdieu, que escreveu ampla crítica a respeito da influência do campo jornalístico sobre os outros campos sociais, "o princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico" (Bourdieu, 1997:25). O autor ainda nos atenta para o seguinte:

O campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e as do mercado dos anunciantes (Bourdieu, 1997:102)

Desde a manifestação do dia 17 de junho, pulularam comparação com as manifestações de 1968 na imprensa. No dia 19 de junho, o jornalista Zuenir Ventura

escreveu um artigo para o jornal O Globo, sob o título “Lembrando 68”²⁰. Em um dos trechos ele diz que “pelo menos uma lição de 68 não foi aprendida e assim não se evitou o incidente mais lamentável das manifestações do Rio: coquetéis molotov atirados contra a Alerj e carros incendiados na marcha dos 100 mil anteontem. Em julho de 68, na lendária Passeata dos 100 Mil, Vladimir Palmeira, o líder do movimento no Rio, convidou os participantes a se sentarem no chão”. Outros jornais também fizeram menção aos tempos da ditadura. A manchete do portal de notícias Uol do dia 18 de junho de 2013 estampava: ‘Geração 64’ elogia manifestações, mas alerta para falta de objetivos”²¹. Na mesma data, o Jornal Folha de S. Paulo, no caderno Cotidiano, trouxe a manchete: “Participantes da passeata de 1968 analisam os protestos atuais”²². Na versão impressa do periódico a manchete era: “Igual, mas diferente”:

MARCO AURÉLIO CANÔNICO
DOUVO

“Estava todo mundo entupido de problemas, com gana de protestar.” A frase da cantora Nana Caymmi se encaixa perfeitamente nos dias atuais, mas se refere a um outro 26 de junho — como hoje, uma quarta-feira —, o de 1968, data da Passeata dos Cem Mil. Principal manifestação popular de resistência à ditadura militar, a passeata, que aconteceu no centro do Rio, completa 45 anos hoje.

A Folha ouviu alguns de seus participantes cilienses para colher comparações com os protestos atuais — no Rio, as principais manifestações na semana passada aconteceram na mesma região da de 1968.

“O foco era muito preciso, havia uma mobilização geral da sociedade contra a ditadura”, diz Gilberto Gil, um dos muitos artistas retratados durante a passeata por fotografos como o americano David Drew Zingg, cujas fotos da época estão expostas no blog do Instituto Moreira Salles (www.blogoiams.com.br).

“Essa de agora é a nuvem, para usar a expressão da internet. É um conjunto de demandas difusas em relação a uma série de coisas, apesar de ter pontos objetivos também, como o passe livre”, afirma Gil.

“Naquela época, a gente queria organizar uma democracia. Hoje, existe uma decepção com essa ideia da democracia representativa, e não só no Brasil. Não sei como resolver isso, não gosto de democracia direta, acho que acaba no populismo”, diz o cineasta Cacá Diegues.

A Passeata dos Cem Mil foi resultado de uma série de insatisfações e incidentes, como o assassinato do secundarista Edison Luís, 18, pela Polícia Militar do Rio, em 28 de março, no restaurante estudantil conhecido como Calabouço. “Aquilo se seguiu a três dias de confronto com a polícia na semana anterior, com muitos mortos”, diz Vladimir Palmeira, ex-presidente da União Metropolitana de Estudantes e um dos líderes da passeata. “O governo decidiu permitir porque ficou com medo de que degenerasse para um conflito generalizado. Eles decretaram ponto facultativo, para tentar esvaziar.”

Diferentemente das maiores passeatas atuais, com vio-

PAÍS EM PROTESTO 1968-2013

IGUAL, MAS DIFERENTE

Participantes da **Passeata dos Cem Mil**, que completa **45 anos** hoje, analisam os protestos atuais



26. jun. 1968
Local Av. Rio Branco
O que foi Protesto contra a ditadura militar articulado pelo movimento estudantil, com apoio de artistas e intelectuais
Bandeiras “Abaixo a ditadura, povo no poder”; “Contra a repressão”; “Mais verbos, menos canhões”; “Libertem nossos alunos”

Artistas Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, José Celso Martinez Correia, Nana Caymmi, Marieta Severo, Itala Nandi, Cacá Diegues, Edu Lobo, Dilton Bastos e outros

20. jun. 2013
Local Av. Presidente Vargas
O que foi Protesto contra a tarifa e a falta de qualidade do transporte público no Rio, articulado pelo movimento estudantil
Bandeiras “Vem pra rua”; “Enfia o dinheiro da Copa no SUS”; “Você aí fardado também é explorado”; “Não à PEC 37, não à impunidade”

Artistas Leandro Leal, Bruno Gagliasso, Marcelo Serrado, Maria Gadu, Flávia Alessandra, Fernanda Rodrigues, Cássio Machado, Thaila Ayala e outros



PASSEATA DOS 300 MIL

lência de parte dos manifestantes e repressão policial, a de 1968 transcorreu em paz.

“Houve uma intimidação. Tinha tanque de guerra, metralhadoras, cavalos, um aparato militar como se fosse um dia de guerra. Mas a passeata foi em paz”, diz o diretor teatral Renato Borghi.

HIERARQUIA
Hoje, como em 1968, foi a jovem classe média que saiu às ruas. “Quem tem consciência e atua na sociedade politicamente é a classe média”, diz o poeta Ferreira Gullar, colunista da Folha.

“A diferença é que, naquela época, sabia-se quem estava organizando: a UNE, com os artistas e o respaldo do Partido Comunista. Participaram sindicatos, igrejas, associações de mães. Agora não, é o povo desorganizado.”

A existência de um comando central na Passeata dos Cem Mil deu unidade política ao discurso e evitou a violência dos manifestantes.

“Escolhi-se desde o itinerário até as palavras de ordem, era mais ensaiado”, diz o ex-deputado Fernando Gabeira.

Outro sinal desse planejamento foi a série de discursos na passeata, tanto em seu início, na Cinelândia, quanto no final, em frente ao Palácio Tiradentes — atacado por manifestantes na semana passada.

Mesmo sem lideranças identificáveis, à exceção do Movimento Passe Livre, as manifestações atuais conseguiram um objetivo semelhante a dos Cem Mil.

Como Costa e Silva à época, Dilma Rousseff recebeu representantes do movimento.

Entre os que estavam no protesto de 1968 e foram ouvidos pela Folha, apenas Vladimir Palmeira foi a uma passeata atual — ele acompanhou a da última quinta no Rio, que reuniu estimadas 300 mil pessoas.

“As maiores reivindicações são por educação, saúde e a luta contra a corrupção. O problema é que grande parte da esquerda se sente atingida pela luta contra a corrupção, fica cheia de dedos por causa do processo do mensalão.”

Para Nana Caymmi, agora os protestos precisam parar. “Já deram o recado, o mundo ficou sabendo, agora sossega o rabo. Deixa os outros trabalharem. Se o governo não tomar providência, marque outra. Ou aprendam a votar.”

²⁰ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/moreno/posts/2013/06/19/lembrando-68-500522.asp>, acesso em: 10/12/2014, às 10h15.

²¹ Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2013/06/18/geracao-64-elogia-manifestacoes-mas-alerta-para-falta-de-objetivos.htm>, acesso em: 10/12/2014, às 12h.

²² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1301456-participantes-da-passeata-de-1968-analisam-os-protestos-atuais.shtml>, acesso em: 10/12/2014, às 13h.

Desta forma, na tentativa de compreender os fatos, percebemos que a grande mídia, sobretudo a televisão, ainda não foi ultrapassada pelas novas tecnologias na ação de disseminar informação, embora muito se diga que a internet é a nova revolução da comunicação. Por isso, não seria arriscado conjecturar que a mudança de posicionamento da grande imprensa sobre a autenticidade das manifestações foi a energia motora que alavancou, ou validou a adesão de novos manifestantes nas ruas.

Na sociedade que privilegia a imagem, ser visto através da televisão, tornar-se “herói”, por participar das manifestações atuais e ser comparado aos jovens militantes do período ditatorial – talvez exista uma aura heróica que envolve os jovens de 1968 –, ou seja, participar do modismo que se tornaram as manifestações de junho de 2013, que fez surgir, além de outras necessidades criadas, o “kit manifestante de R\$ 15,00”, para muitos jovens pode ter sido mais relevante do que as reivindicações por reforma política e melhor prestação de serviços públicos. Segundo notícia do portal G1, datada do dia 23 de junho de 2013: “as máscaras de Guy Fawkes foram comercializadas por R\$ 10 no Leblon. Por mais R\$ 5, o "kit manifestante" ficava completo com a bandeira do Brasil”²³. Abaixo, na publicação do dia 21 de junho da *Folha*, um exemplo da popularidade das máscaras.



²³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/kit-manifestante-e-vendido-por-r-15-durante-protesto-na-zona-sul-do-rio.html>>, acesso no dia 05/07/2014, às 21h22.

Para ilustrar o empenho de alguns atores sociais que estiveram presentes nas manifestações de junho de 2013, tomo emprestado a reflexão de Llosa em um de seus ensaios. Ao discordar da afirmação de Lipovetsky e Serroy, quando os teóricos ilustram a legitimidade da cultura através da quantidade de turistas que visitam grandes museus e palcos com vasta história do mundo, diz que:

Os autores não percebem que essas visitas de multidões a grandes museus e monumentos históricos clássicos não representam um interesse genuíno pela “alta cultura” (assim a chamam), mas mero esnobismo, visto que a visita a tais lugares faz parte da obrigação do perfeito turista pós-moderno. Em vez de despertar seu interesse pelo passado e pela arte clássica, exonera-o de estudá-los e conhecê-los com um mínimo de competência. Um simples relance basta para lhe dar boa consciência cultural (Llosa, 2013:25)

Retomando a comparação das manifestações de junho de 2013 com as de 1968, durante a ditadura militar, é fato que os períodos históricos, tecnológicos e políticos são diferentes. Talvez seja realmente mero saudosismo comparar episódios tão distintos e as semelhanças terminem nas imagens das multidões dos Cem Mil e na dos Trezentos Mil, caminhando pelo mesmo palco, a Av. Rio Branco, no Rio de Janeiro. Em 1968 vivíamos uma ditadura, a internet – um embrião das pesquisas militares norte-americanas durante a Guerra Fria²⁴ –, conseqüentemente as redes sociais sequer existiam. No Brasil a televisão ainda era um objeto para poucos, mas exibia fascínio, deslumbramento que ainda hoje não foi superado.

Na década de sessenta, Debord antecipou-se à série de manifestações iniciadas por estudantes nas ruas da França, em maio de 1968, tecendo forte crítica à força que a imagem já desempenhava naquela época. Segundo o autor, na sociedade moderna, a imagem conduz o homem à acomodação, pois faz com que ele absorva, sem questionar, as explicações de mundo disponibilizadas pelo capitalismo, acometendo o sujeito ao esvaziamento da realidade. “A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo” (Debord, 2003: 14).

²⁴ Após a 2ª Guerra Mundial o planeta estava dividido entre duas ideologias, o capitalismo, liderado pelos Estados Unidos e o comunismo da extinta União Soviética. Desta forma, havia uma disputa entre as duas potências mundiais no que tange a disputa por parcerias econômicas.

Contudo, apesar da distância de quase 50 anos, os desafios do avanço do neoliberalismo, o capitalismo que transforma tudo em mercadoria – recorde o “kit manifestante de R\$ 15,00” –, já estava impregnado em nossa sociedade. Portanto, discutir sobre o progresso tecnológico – desenvolvido e manuseado pelo ser humano –, que fez realçar esses valores que avançam cada vez mais rápido, pode ser a semelhança que salta aos olhos. No livro *Depois da teoria*, Terry Eagleton faz um resgate histórico e desenha o quadro de mutação, sobretudo na cultura, que faz jus ao processo de esvaziamento da realidade que hoje é sentido com tanta veemência. Segundo Eagleton, “lá pelas décadas de 1960 e 1970, cultura também estava começando a significar filme, imagem, moda, estilo de vida, marketing, propaganda, mídia. Signos e espetáculos estavam se espalhando por toda a vida social” (Eagleton, 2005:45).

1.9 Visibilidade, argumento na sociedade contemporânea

Seguindo a lógica de Bourdieu, vivemos em um jogo de espelhos. A busca pelo novo, a euforia pela exclusividade constante nos faz fazer as coisas exatamente iguais a tudo o que já existe. “Essa espécie de jogo de espelhos refletindo-se mutuamente produz um formidável efeito de barreira, de fechamento mental” (Bourdieu, 1997:33). Hoje a noção de cultura está associada à aquisição de informação, conhecimento é mero detalhe. As pessoas não estão preocupadas com a profundidade e o desdobramento das ideias se o progresso salta aos olhos com a proposta do menor esforço. Llosa também discorre sobre esse aspecto:

Nunca na história houve acúmulo tão grande de descobertas científicas, realizações tecnológicas, nunca foram publicados tantos livros, abertos tantos museus nem oferecidos preços tão vertiginosos pelas obras de artistas antigos e modernos. Como se pode falar de mundo sem cultura numa época em que as naves espaciais construídas pelo homem chegaram às estrelas e a porcentagem de analfabetos é a mais baixa de toda a história humana? Todo esse progresso é indubitável, mas não é obra de pessoas cultas, e sim de especialistas. [...] Por outro lado, embora haja atualmente um número maior de alfabetizados do que no passado, este é um aspecto quantitativo, e a cultura não tem muito a ver com quantidade, e sim com qualidade. Estamos falando de coisas diferentes (Llosa, 2013:63)

Diante do cenário desenhado pelo autor – o texto mais recente consultado –, e todos os outros pensadores trazidos para dar luz a estas linhas, talvez possamos dizer que o auge do diálogo proposto para tentar compreender a transformação das características das manifestações no Brasil seja a sociedade atual. Diferente da sociedade que tínhamos em 1968, aonde a novidade tecnológica era a televisão – o rádio como o veículo de maior velocidade ao difundir as notícias –, os jornais ainda traziam mais desdobramentos sobre os fatos, o que permitia melhor compreensão e, talvez, fomentasse o pensamento crítico do leitor – embora quantidade não faça justiça à qualidade, vide a enxurrada de informações que nos deparamos todos os dias –, os apelos publicitários já ganhavam força, mas ainda não estavam tão entranhados no cotidiano como na contemporaneidade.

A sociedade atual está alicerçada nas novas tecnologias (*internet, smartphones, tablets*), constituída por indivíduos produtores e consumidores de informação, que endossam o consumo da tradição do obsoleto e cultuam a velocidade que faz uma informação se sobrepor a outra sem nos dar tempo de tecer reflexão. Talvez seja um paradoxo, pois a mesma sociedade que critica a mídia, por ela ser tendenciosa e superficial, é a mesma que a legitima como produtora de cultura e educadora. O que aprendemos na televisão, nos jornais, nas revistas, sites de notícias e redes sociais, forja o homem culto, gerações de especialistas sem conhecimento.

Na verdade, abusando da acidez, refiro-me ao conhecimento das manchetes, em que sabemos o que acontece no Brasil e no mundo, mas não temos ideia dos desdobramentos, das causas, dos efeitos. Arrogantes, muitas vezes, uma ou duas laudas de matéria são suficientes para alimentar e dar embasamento teórico sobre assuntos que dizem respeito à economia, à política, à arte. Desta forma, abre-se precedente para a perda de consciência do real. Segundo Debord, “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente” (Debord, 1994:15).

O importante é a forma como as coisas se apresentam e as manifestações se apresentaram ao longo dos protestos de junho de 2013, em um grande palco do entretenimento. Citando a fragilidade de ideias, não seria exagero supor que perdemos a oportunidade de trazer para o debate público questões relevantes para o país, como a carência no campo educacional que não forma pensadores, e sim novos consumidores para alimentar o sistema vigente, aumentando as desigualdades. A sociedade contemporânea infelizmente faz apologia à ignorância e lembra o que Debord nos diz

em seu livro: “O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que finalmente não exprime senão o seu desejo de dormir” (Debord, 1967:16).

Embora haja comparações das manifestações promovidas durante a ditadura militar brasileira com as jornadas de junho de 2013, as semelhanças terminam nas imagens resgatadas das ruas das cidades repletas de manifestantes, como as que podemos encontrar facilmente na internet, sobre a “Passeata dos Cem Mil”, no Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1968. Esta, inclusive, foi comparada a passeata que tivemos no dia 17 de junho, também no Rio de Janeiro, que ficou conhecida como “Passeata dos Trezentos Mil”. Curiosamente, a marcha aumentou em números, como Llosa já havia criticado em seus ensaios.

Devido ao momento histórico que perpassa um período de quase 50 anos, entre o começo do Golpe em 1964 e o início das manifestações atuais, em junho de 2013, o que mais chama atenção é o início da espetacularização das últimas jornadas, ou jornadas atuais. A crise de identidade política que salta aos olhos faz com que haja um tipo de amnésia histórica, afinal, percorremos um longo caminho até desaguarmos em uma recente democracia e, não raro, presenciamos as críticas à obrigatoriedade do voto, pior, nas caminhadas ergueram-se faixas exaltando “os sem partido”. Usam-se *slogans* da publicidade para emocionar e angariar mais simpáticos aos protestos. Endosso as palavras de Llosa, quando nos diz que:

A publicidade e as modas que lançam e impõem os produtos culturais em nossos tempos são um sério obstáculo à criação de indivíduos independentes, capazes de julgar por si mesmos o que apreciam, admiram, acham desagradável e enganoso ou horripilante em tais produtos. A cultura-mundo, em vez de promover o indivíduo, imbeciliza-o, privando-o de lucidez e livre-arbítrio, fazendo-o reagir à “cultura” dominante de maneira condicionada e gregária, como os cães de Pavlov à campanha que anuncia a comida (Llosa, 2013:24,25)

Desta forma, talvez possamos pensar que as necessidades das sociedades são outras. Nesta Sociedade Capitalista da Informação, em que a velocidade dos acontecimentos, somada ao excesso de imagens operam de modo a inebriar os nossos sentidos de forma visceral e a causar, em seguida, o esquecimento, o desinteresse, tal como a estrutura de um telejornal em que a notícia de corrupção é sufocada pelo sorriso

do âncora ao falar do campeonato brasileiro de futebol, traduzindo para o popular, muito esforço para nada.

As imagens e informações produzidas em grande escala, sob a euforia do crescimento tecnológico dos últimos tempos – diferentemente da década de sessenta. No Brasil não havia tanta tecnologia. A televisão surgia como uma proposta inovadora, mas como toda nova tecnologia, acessível para poucos –, transformaram as pautas levantadas nas manifestações de junho de 2013, em frágil desejo de transformação social. Sim, havia vontade de alguns, mas faltou discussão, ideias, embasamento crítico, que permitem a imersão em possíveis reflexões transformadoras, revolucionárias, capazes de canalizar ações que sejam revertidas em resultados. Sobrou desencanto. Desta forma, todo o fôlego demonstrado no começo das jornadas, que tinha uma pauta, de certa forma, estruturada, sobre a redução das tarifas de ônibus, trem e metrô, foi desperdiçado e nós, sociedade, perdemos uma excelente oportunidade de reflexão política e aceleração nas transformações necessárias para o país. E, já que tentamos explorar semelhanças em episódios distintos da história brasileira, podemos elucubrar a respeito de que, durante o Regime Militar, a repressão policial, os atos institucionais, as perseguições políticas, as rotulações dos que pensavam diferente do regime em “subversivos” e “inimigos da pátria”, esvaziaram as ruas que protestavam mesmo sob a possibilidade de conhecer as celas do Dops, e desmereciam o diálogo simplesmente porque vivíamos em um Estado repressor, imposto pela força e não pelas ideias. Hoje, em uma democracia que ainda caminha nos passos imaturos de sua juventude, mas ainda assim, se firma como democracia, temos aparatos tecnológicos que nos tornam, não meros consumidores de informação, sobretudo produtores de conteúdo. Temos democracia e tecnologia, poderíamos ter vantagem sobre as jornadas do período ditatorial, no entanto, a vantagem é falsa. A falta de reflexão, discussão e conhecimento, seja político, seja histórico, fez com que perdêssemos novamente a oportunidade de transformar os debates de extrema importância para o crescimento do país. Questões como a educação que, embora tenha aumentado as vagas nas instituições de ensino – sem dúvida, uma das reivindicações do movimento estudantil durante o período da ditadura militar –, vem cada dia mais pecando na qualidade necessária para formar cidadãos capazes de refletir criticamente sobre os problemas enfrentados pela nossa jovem democracia, tais como desigualdade social, reforma política, assistência no campo da saúde pública. O preconceito que ainda é muito forte e destinado aos grupos oprimidos da sociedade, especialmente os mais pobres, entre outros.

Talvez possamos pensar que durante a ditadura militar perdemos a oportunidade de transformação social pela censura que ceifava as ideias progressistas; na atualidade, perdemos a oportunidade de aproveitar a mobilização social nas ruas das cidades por uma espécie de “autocensura coletiva inconsciente”, usando o termo autocensura como metáfora para tentar compreender a mobilização movida pela fragilidade dos debates, ideias e propostas transformadoras. A sonhada revolução.

Capítulo II – Mídia alternativa na sociedade do espetáculo

Quando pensamos em jornalismo alternativo, não raro revisitamos os tempos em que a liberdade de expressão era tolhida pela ditadura militar que se instaurara no Brasil, no ano de 1964. Foram quatro anos de censura velada, através de pressões econômicas, aonde o governo pressionava os empresários para que não anunciassem em jornais de ideias “subversivas”, ou seja, contrárias ao regime instaurado, até a chegada do famigerado Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, ato este que abriu caminho para a ocupação de redações, prisões de jornalistas de esquerda, corte de matérias, charges e qualquer conteúdo considerado subversivo. Neste cenário, a imprensa alternativa teve papel relevante na tomada de consciência da população, sobretudo através do jornalismo impresso. Os “nânicos” ou jornais alternativos, como eram chamados, rompiam o silêncio da censura e faziam oposição ao governo ditatorial.

Entre 1964 e 1980 nasceram e morreram cerca de trezentos periódicos que se caracterizavam pela oposição intransigente ao regime militar. Esses jornais ficaram conhecidos como imprensa alternativa, nânica, de leitor, independente e *underground*. Era a única que fazia perguntas. Uma das funções da imprensa é tentar propor alternativas, e não apenas de notícia, mas de mercado, de postura, de organização acionária, a sonhada empreita do jornal de jornalista (CHINEM, 1995: 07)

O anonimato garantia um pouco de segurança, tendo em vista as arbitrariedades de prisões de jornalistas, atentados à bomba em sedes e bancas de jornais, além da pressão econômica exercida pelo governo contra os empresários da informação. Os anúncios já eram o que sustentavam o jornalismo naquela época, assim como sustentam hoje, a diferença é que as linhas editoriais estão cada vez mais parecidas. Ser de direita ou de esquerda é uma questão bastante flexível na nova Era. “O leitor, hoje, não é capaz de obter uma identificação clara quando adquire este ou aquele jornal, ao qual foi fiel durante muito tempo” (Ramonet, 2013:54).

Dos jornais alternativos da época, nenhum sobreviveu. Entre a Grande Imprensa, alguns periódicos vivem em cenário nacional até hoje, como é o caso de O Globo (Família Marinho), O Estado de S. Paulo (Família Mesquita) e Folha de S. Paulo (Família Frias).

2.1 Jornalismo na contemporaneidade

Para contextualizar o cenário da sociedade atual em que a imagem dispensa, cada vez mais, as narrativas, podemos discorrer sobre as novas formas de “mídias alternativas” que ganharam espaço e se projetaram, sobretudo nas redes sociais, nas jornadas de junho de 2013. Para esta reflexão nos deteremos aos “Jornalistas Ninjas” que buscam oposição às informações veiculadas na grande mídia.

A Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) ganhou visibilidade nas manifestações que tomaram as ruas do país em junho de 2013. Ativista, apresenta um enfoque jornalístico que diverge da cobertura que a grande mídia se propõe. Assume o caráter de levar ao internauta imagens da atuação da Polícia Militar (PM) em tempo real e, desta forma, zelar pela proteção dos manifestantes, mostrando os possíveis excessos da PM.

Em dissonância com o discurso hegemônico, a Mídia Ninja, braço de comunicação – que está sob a responsabilidade do jornalista Bruno Torturra –, do grupo organizado Coletivo Fora do Eixo, que atua, aproximadamente, há 11 anos no campo da cultura, sob o comando do produtor Pablo Capilé, durante o ápice das manifestações de junho, utilizou o objeto de crítica, a mídia tradicional, para dar visibilidade à proposta de um jornalismo independente. Não raro, jornais, revistas, blogs e a tevê se transformaram em potenciais interessados em compreender a proposta Ninja no tratamento com a informação. Ou seja, os Ninjas se transformaram na própria notícia.

Desta forma, com este recorte, podemos levantar possíveis reflexões a respeito das transformações do modelo jornalístico, considerando aspectos do campo das novas tecnologias, mas principalmente, observando a sociedade contemporânea em que todos somos produtores e consumidores de informação. Tendo como pano de fundo a ideia do jornalismo alternativo da ditadura militar, aonde havia a censura estabelecida e, mesmo sob essas amarras, o jornalismo combatente dos nanicos trazia para o leitor uma proposta de refletir sobre as questões do país que os mesmos não podiam obter pelas vias da mídia tradicional, amordaçada pelos censores em suas redações ou, pior, pela autocensura que era praticamente um acordo que os jornais firmavam com o governo para não ter suas redações invadidas. Kotscho lembra que: “nos tempos mais bravos da ditadura, em que repórteres mais falavam do que publicavam – escrever, até escreviam, mas a censura cortava quase tudo – meia dúzia de três ou quatro sonhadores viajavam

por esse Brasil para participar de seminários, simpósios, mesas redondas, qualquer coisa, enfim, que se inventasse para romper o silêncio” (Kotscho, 1995: 07).

Desta forma, diante deste paradigma do jornalismo brasileiro, as manifestações de junho de 2013, talvez tenham fomentado o debate sobre a forma industrial no trato com a informação. Em outras palavras, a crise de representatividade que permeia, não somente o campo da política, mas também o campo da mídia tradicional, conduziu às ruas uma diversidade de pessoas que, em um primeiro momento, comprou o argumento dos “sem-partidos” e demonstrou cólera contra a imprensa assaltada pelo atordoamento diante das manifestações, mas, sobretudo, elevou os olhos para as grandes empresas jornalísticas que, antes de pensar no interesse público, se detém aos interesses do capital por meio dos anunciantes. Nesse caso, a Internet, através da cobertura – no cerne dos acontecimentos –, dos Ninjas trouxe outro olhar para o episódio. Um olhar parcial, vale ressaltar, mas que angariou um público que se mostrou cansado de uma cobertura tendenciosa. Com a audiência comprometida devido às divergências que eram reportadas nas redes sociais, a grande mídia foi obrigada a traçar novas estratégias, ou seja, além da mudança de discurso – o apoio aos manifestantes aconteceu após as cenas de violência no ato do dia 13 de junho, na Av. Paulista, em São Paulo –, e envio de jornalistas para cobrirem *in loco* os acontecimentos. No artigo sob o título *Indústria Cultural: Bourdieu e a Teoria Clássica*, Setton diz que “a arte jornalística, na busca pela maior audiência, sujeita-se à dinâmica de transformar o ordinário da vida cotidiana em extra-ordinário” (Setton, 2001:30)²⁵.

2.2 Visibilidade na Rede

A Mídia Ninja, que se apresenta como uma rede de jornalistas independentes é fruto de um grupo organizado chamado Coletivo Fora do Eixo (Rede de produtores culturais das cidades de Cuiabá - MT, Rio Branco - AC, Uberlândia - MG e Londrina - PR), nasceu com a proposta de levar eventos culturais a cidades fora do eixo Rio-São Paulo. Segundo o produtor Pablo Capilé, co-fundador da Mídia Ninja, em entrevista a TV Cultura no dia 05 de agosto de 2013²⁶, o Coletivo é o principal mantenedor da rede.

²⁵ Maria da Graça Jacintho Setton, professora Doutora da Faculdade de Educação – USP. Pesquisadora do NAEF – Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação.

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QI8M>>, acesso em: 15/09/2013, às 21h.

Duas mil pessoas contribuem com o serviço de suporte e de estrutura. A transmissão da cobertura é ao vivo através do canal POSTV.

Os Ninjas ganharam visibilidade nas manifestações que tomaram as ruas do país em junho de 2013. A jornalista Elizabeth Lorenzotti, do Observatório da Imprensa, no dia 25 de junho de 2013, trouxe em uma reportagem, dados sobre a repercussão da MN: "Nas manifestações que tomaram as ruas de várias capitais, ganhou maior visibilidade e chegou a picos de audiência de 120 mil espectadores. O que significa uma marca de 1,2 dos ibopes oficiais - e não é pouco, pois muitos programas de TV aberta não o atingem"²⁷.

A Mídia Ninja utilizou o objeto de crítica, a mídia tradicional, para dar legitimidade à proposta de um jornalismo independente. O grupo, reconhecido por disseminar informações que não são veiculadas pelos grandes conglomerados midiáticos, já existe a pelo menos um ano e meio, mas só agora ganhou destaque como jornalismo independente. O jornalista Ronaldo Bressane, na edição 82 da revista Piauí, em matéria sob a manchete e linha fina, "Guerra dos memes, na transmissão dos protestos, surge um novo tipo de jornalismo", tece a seguinte afirmação sobre os Ninjas: "com os protestos foram parar inclusive na mídia convencional, entrevistados por revistas e jornais brasileiros, pelo *New York Times*, pelo *Washington Post* e pela rede árabe de tevê *Al Jazeera*"²⁸.

2.3 A flexibilidade do 4º poder

As manifestações de junho de 2013 trouxeram para o debate a forma industrial no trato com a informação. Debord tenta compreender a dinâmica da sociedade capitalista que tem a tendência de transformar tudo em mercadoria. Para essa reflexão, tece crítica a toda imagem que, na sociedade moderna, conduz o homem à acomodação, tomando para si as explicações de mundo calcadas no modelo capitalista da informação. Com a consolidação da Sociedade do Espetáculo, presenciamos o esvaziamento da realidade, desta forma, vivemos em função da geração de imagens, sem nos

²⁷ Disponível em:

<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_tespectadores>, acesso em 15/10/2013, às 15h25.

²⁸ Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>>, acesso em: 15/10/2013, às 12h30.

relacionarmos com as situações reais. Foi o que aconteceu com os primeiros dias das manifestações.

No início das manifestações a grande mídia permeou o imaginário da população com cenas de violência promovidas pelos “vândalos”, na tentativa, talvez – as vésperas da Copa das Confederações Fifa 2013 e Copa do Mundo Fifa de Futebol 2014 –, de esvaziar as ruas. Exemplo clássico foi o discurso do jornalista Arnaldo Jabor no Jornal Globo, dia 13 de junho. O pronunciamento está disponível no *youtube*²⁹.

A grande maioria dos manifestantes são filhos de classe média. Ali não havia pobres que precisassem dos vinténs. Os pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis molotóvs, que ganham muito mal. No fundo tudo é uma imensa ignorância política. É burrice misturada a um rancor sem rumo [...] A causa deve ser ausência de causa.

O apoio inicial às manifestações veio de vídeos dos manifestantes postados no *youtube*, dos *facebook*s de quem acompanhou as manifestações, das pessoas conectadas que, rapidamente, compartilharam informações entre si. As imagens que circularam nas redes causaram comoção, sobretudo, revolta. Comparações com a repressão empregada pela Polícia em tempos de ditadura militar. Alguns exemplos: há a imagem de um grupo de manifestantes, em cordão, entregando flores aos policiais do choque. Em outra, esta gravada por um cinegrafista amador através de, talvez, um celular, podemos ver e ouvir os manifestantes gritarem a palavra de ordem “sem violência”³⁰ e mesmo assim, a PM avança para o confronto, no intuito de reprimir a manifestação, organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL).

²⁹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=o-CduMlugRI>>, acesso em: 10/10/2013, às 10h.

³⁰ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=E13BKzwXCho>>, acesso em: 01/10/2013, às 11h.



Foto de Rodrigo Soares.

Não podemos afirmar que foi a movimentação nas redes sociais que fez a grande mídia mudar seu enfoque quanto às manifestações de junho, mas, de fato, os discursos mudaram. Na rádio CBN, em 16 de junho, Jabor iniciava o comentário da seguinte forma: “Amigos ouvintes, outro dia eu errei. Errei na avaliação do primeiro dia das manifestações contra o aumento das passagens em São Paulo. Falei na TV o que me pareceu um bando de irresponsáveis fazendo provocações por causa de 20 centavos. Era muito mais que isso, pois eu fiz um erro de avaliação”³¹.

Quando se refere ao *impeachment*, Jabor não cita o nome do ex-presidente Fernando Collor de Mello, que nos dias atuais atua na política brasileira. Diz que “desde 92 faltava o retorno de algo como os caras pintadas. Os jovens que derrubaram o presidente”. Com eloquência, discorre sobre o argumento positivo de que o Movimento Passe Livre (MPL) surgiu por consequência da crise de representatividade com relação aos partidos políticos. Na retratação, o jornalista sugere algumas pautas que deveriam ser estendidas como baluarte das manifestações. O que, de fato, se sucedeu nos desdobramentos seguintes. Não raro, havia faixas contra o Mensalão e a PEC-37. Coincidência ou não, após o apoio da grande mídia, a reivindicação dos 20 centavos se transformou em outras reivindicações que precisariam ser discutidas e entendidas pela população.

³¹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=l15sc85hO-g>>, acesso em: 03/10/201, às 21h.

Nesse contexto, na efervescência que vimos as ruas do país se transformarem em junho de 2013, a imprensa tradicional, que vislumbra um processo crescente de desencanto entre a sociedade e os meios de comunicação, em sua, talvez, crise de identidade, sendo o quarto poder, “mero apêndice dos grupos empresariais” (Serrano, 2012:72), não conseguiu entender as vozes vindas das manifestações. Em um dos primeiros artigos sobre as jornadas, Vainer, ao discorrer sobre o contexto brasileiro atual em que há amplos investimentos na Copa do Mundo Fifa 2014 e nas Olimpíadas do Rio de 2016 elucida um pouco a questão empresarial que pode ter influenciado a repulsa dos grandes conglomerados no que se refere ao início dos incidentes.

De um lado, a repressão brutal e a rapidez com que a mídia e governos tentaram amedrontar e encurralar os movimentos deveu-se, ao menos em parte significativa, à preocupação em impedir que os jovens irresponsáveis e “vândalos” manchassem a imagem do Brasil num momento em que os olhos do mundo estariam sobre o país, devido à Copa das Confederações (Vainer, 2013:37)

A grande mídia perdeu-se na confusão de ideias, foi hostilizada pela massa e então, eis que surge – para muitos -, e ganha visibilidade, a Mídia Ninja, acolhida por parte dos manifestantes como símbolo de um novo jornalismo ideológico, ou seja, contra-hegemônico, talvez a volta do jornalismo alternativo. Ideologia que foi perdida, ou diluída conforme as transformações jornalísticas, em memória brasileira, a dos tempos da ditadura militar, em que os jornais de esquerda, mesmo diante da censura, atacavam o governo vigente. Não raro, sabia-se quem era da esquerda e quem era da direita. Podemos dizer que duas das características perdidas com a falta de clareza das linhas editoriais, foram a credibilidade e a fidelidade. “Não é apenas que o leitor tenha mudado, pois ele também variou em suas certezas, modificou suas convicções, tem mais dúvidas do que certezas em muitos aspectos; mas, sobretudo, porque o meio de comunicação é muito menos identificável política ou ideologicamente” (Ramonet, 2012:54).

Na apresentação do livro *A Explosão do Jornalismo, das mídias de massa à massa de mídia*, de Inácio Ramonet, o professor de jornalismo da Universidade de São Paulo (USP), Dennis de Oliveira, reflete sobre as transformações, pelas quais o jornalismo, ao longo dos anos, com a consolidação da sociedade da imagem, vem passando. “O chamado ‘quarto poder’ ou ‘contrapoder’ trai a sua origem e passa a

operar como um ‘partido da globalização neoliberal’” (Oliveira, 2012:10). Ou seja, a crise de identidade ideológica por parte da grande mídia pode ter sido um dos fatores que viabilizou a atuação da Mídia Ninja na cobertura das manifestações. A ideia de que as mudanças ideológicas em prol do capitalismo industrial da informação, impregnado nas redações, não existia com os Ninjas permeou o imaginário de parte dos manifestantes. “Os cidadãos desconfiam de uma imprensa que pertence a um punhado de oligarcas, que já controlam amplamente o poder econômico e que, frequentemente, são coniventes com os poderes políticos” (Ramonet, 2012:45). Os indícios se traduzem no carro de reportagem do SBT que foi incendiado por um grupo. O jornalista Caco Barcellos foi, praticamente, impedido de registrar sua reportagem sobre as manifestações. A hostilidade fez com que os repórteres da Rede Globo, no cerne dos acontecimentos, fossem desconhecidos do grande público e não usassem identificação da emissora em seus microfones. Seria então a internet o modelo libertário do fazer jornalismo? Quando Octavio Ianni discorre sobre as questões do Príncipe Eletrônico, encontramos a seguinte reflexão que pode fazer sombra a esse momento específico:

O príncipe eletrônico é o arquiteto do agora eletrônico, no qual todos estão representados, refletidos, defletidos ou figurados, sem o risco da convivência nem da experiência. Aí, as identidades, alteridades e diversidades não precisam desdobrar-se em desigualdades, tensões, contradições, transformações. Aí, tudo se espetaculariza e estetiza, de modo a recriar, dissolver, acentuar e transfigurar tudo o que pode ser inquietante, problemático, aflitivo (Ianni, 1999:19)

Quanto à crise de representatividade no campo midiático, Ignácio Ramonet descreve o cenário, pelo qual as democracias têm passado.

O que constatamos na maioria das democracias é que há um conflito entre a sociedade e os meios de comunicação. Tal conflito não é novo, pelo contrário, vem se agravando há uns dez ou quinze anos. Aprofunda-se na sociedade a crítica contra o modo de atuação da mídia dominante (Ramonet, 2013:53)

2.4 Velocidade da informação X Perda de análise

Tivemos no Brasil o mês de junho de 2013 marcado pelo ápice das manifestações, percebemos o respirar dos processos de rupturas política e cultural da sociedade que esteve nas ruas com reivindicações que perpassam o desgosto com a corrupção vigente no país, o qual a grande mídia enfatizou em sua repercussão. Nesse caso, a Internet, através da cobertura – no cerne dos acontecimentos –, motivou algumas mudanças de reportagens. A Rede Globo colocou um repórter, chamado de M2, para acompanhar as manifestações fazendo a cobertura com um celular. No entanto, em uma sociedade capitalista em que tudo é mercadoria, arrisco dizer que a Mídia Ninja, utilizando ferramentas da Internet - que ainda não é tão explorada pelos veículos por falta de rentabilidade -, trouxe um “Q” de concorrência para as mídias tradicionais que ainda não encontraram um caminho eficaz para explorar o potencial econômico que vem da rede. “A imensa maioria dos meios digitais não é rentável, e o mesmo acontece com a mídia convencional (imprensa, rádio, televisão, informação), cada vez menos lucrativa” (Ramonet, 2012:54). E, trazendo o debate para o campo virtual, Denis de Moraes discorre sobre algumas transformações que perpassam o campo jornalístico a partir da Internet.

Em sua irrefreável expansão, a internet constitui hoje uma arena de embates pela hegemonia cultural e política, da qual já não podemos abrir mão, em qualquer dos horizontes abertos ou requeridos pelo pensamento crítico. No ecossistema virtual, desenvolvem-se práticas comunicacionais viabilizadas pelo desenvolvimento contínuo das tecnologias – desde a multiplicação de espaços para expressar/interagir opiniões e preferências em redes sociais até a convocação, articulação, cobertura e socialização de atos públicos, protestos e manifestações em tempo real (Moraes, 2013:103-104)

As novas tecnologias, sobretudo a internet, trouxeram mais agilidade para a produção e disseminação de informação. Computadores, *smartphones*, *tablets*, quando conectados à internet, transformam o portador não apenas em consumidor, mas também, em produtor e reproduzidor (quando compartilha uma notícia, por exemplo, através das mídias sociais) de informação. Diante dos novos aparatos tecnológicos, abandonamos a forma passiva de consumidores de notícias, ou seja, deixamos de ser meros espectadores dos fatos para reportá-los. "Desse modo, estamos vendo um crescimento

massivo da cidadania, que tem acesso não só à função de consumidora, mas também de produtora da informação - em geral de opinião, que é o mais barato e mais fácil, mas também de informações especializadas" (Ramonet, 2012:68).

No entanto, a necessidade da Sociedade da Informação por consumir informação vem comprometendo cada vez mais a credibilidade e o objetivo da proposta jornalística de espelho da realidade, cercando-se do maior número possível de versões de um fato para aproximar-se de maneira fidedigna do acontecimento e reportá-lo. "O jornalista tem a missão de encontrar várias fontes que digam a mesma coisa para garantir a veracidade da informação" (Ramonet, 2012:69)

Um dos fatores que motivaram a mudança de comportamento do leitor, talvez seja a maior acessibilidade às mídias através dos novos aparatos tecnológicos. Esses facilitadores mudaram a relação dos indivíduos com os meios de comunicação. Nos sites de notícias, blogs, redes sociais, jornais, rádios e TV, há uma crescente interação entre os produtores e os consumidores de informação. Desta forma, o jornalista pode ser interpelado, julgado, contestado ou prestigiado, não necessariamente nessa ordem ou em momentos distintos, ou seja, pode haver inúmeras réplicas sobre o mesmo assunto, pois a heterogeneidade de opiniões a respeito de um fato reportado, seja pelo jornalista, seja pelo cidadão em exercício ao seu direito de expressão, faz parte da dinâmica dos meios de comunicação que são utilizados pela sociedade atual. Mas, o que, de fato, pode ser positivo, pois amplia os debates, se não for conferido com doses de pensamento crítico e responsabilidade cai no vazio das propostas superficiais, ofensivas, sustentadas pelo popular "achismo", ou seja, somos bombardeados, todos os dias, com muita informação, mas pouco conhecimento. Desta forma, a quem favorece o cenário atual do jornalismo? A velocidade em que se produz uma notícia, na ânsia da exclusividade cada vez mais difícil de ser alcançada, resulta em precária apuração. A superficialidade no trato com a mensagem é outra especificidade a ser refletida.

Nesse contexto, o jornalista atrofia suas qualidades e especificidades, e quem não é jornalista encontra estímulo para divulgar informação, seja ela qual for. O interesse é o dos empresários, dos proprietários da imprensa. Para eles, o ideal seria fazer jornalismo sem jornalistas, sem salários e sem ninguém que seja capaz de problematizar o tipo de informação que é divulgada (Ramonet, 2012:69)

Questiona-se a respeito da cobertura que a Mídia Ninja faz, se é ou não jornalismo. Os veículos de comunicação buscam essa resposta, enquanto isso, a Mídia Ninja se torna a própria notícia. Vide a enxurrada de informação que vem sendo veiculada na mídia tradicional a respeito do grupo e, sobretudo, a entrevista no programa Roda Viva da TV Cultura no dia 05 de agosto de 2013, em que o jornalista Bruno Torturra, co-fundador da Mídia Ninja, questionou o fato das pessoas ainda se perguntarem se os Ninjas fazem ou não jornalismo. Torturra disse no programa que: “acho que dá para discutir que tipo de jornalismo a gente faz. Dá pra discutir a qualidade dele. Dá pra discutir a relevância. Mas o fato de ser um grupo organizado, de se colocar como um veículo, de ter uma dedicação diária e de transmitir informação da maneira mais crua, da maneira mais honesta, da maneira mais abrangente possível, dentro das nossas limitações. Eu acredito que é jornalismo sim”. Para alguns, como é o caso do jornalista Gabriel Priolli, do blog Imprensa, “Fazer jornalismo participativo, sobretudo online, transmitindo ao vivo a notícia que se desenrola em tempo real, exige enorme responsabilidade. Ponderação. Controle das emoções. Juízo crítico. Isenção. E, claro, uma linguagem educada, que possa comunicar-se com todos os públicos, e não chocá-los”³².

Dentro da fala de Torturra, há a afirmação de que a Mídia Ninja faz um jornalismo da maneira mais honesta e abrangente possíveis. No entanto, chama a atenção o fato de que os Ninjas mostram as imagens dos conflitos por um único olhar, o de quem está com o celular nas mãos. Quando o Ninja fecha o ângulo de uma imagem, o internauta tem uma pequena porção do todo, vista por quem está com o poder de recriar aquela realidade, ou seja, novamente nos deparamos com Debord quando ele relata a espetacularização da imagem. “O mais moderno é também aí o mais arcaico” (Debord, 1967:17). Vemos o caos através da cobertura da Mídia Ninja, recorte da realidade que revela mais um olhar parcial em meio a toda crítica que é feita aos meios de comunicação tradicionais. Talvez, em uma reflexão mais rigorosa, pode-se dizer que há também um interesse capitalista insuflado na proposta de uma mídia alternativa e combativa, tendo em vista as aparições nos próprios meios de comunicação tradicionais - a entrevista na TV Cultura -, como fruto de angariar mais seguidores e conseqüentemente, financiadores desse fazer jornalismo que assume a proposta de

³²Disponível em:

<http://portalimprensa.uol.com.br/revista_imprensa/gabriel+priolli/60951/ninja+tosco+e+combatente+fra>, acesso em: 12/10/2013, às 11h.

trazer ao público a notícia mais honesta e abrangente, desde que seja, sob a própria ótica, sob a própria ideologia. No dia 16 de agosto de 2013, Gabeira³³, jornalista, no jornal O Estado de S. Paulo questionou a imparcialidade da Mídia Ninja quando os interpela sobre a solidariedade aos jornalistas que, ao terem seus direitos de cobertura negados pelos manifestantes, foram discriminados e tiveram a sua liberdade de expressão tolhida.

Quando alguém da Mídia Ninja é preso, a grande imprensa relata em detalhes e busca explicações da polícia. Quando carros das emissoras de TV são queimados por manifestantes, é de esperar que a Mídia Ninja também combata esse tipo de violência e todas as outras formas de agressão. Se o nome do jogo é informação, a liberdade de imprensa é um bem comum. Quem vai sobreviver ao tsunami da revolução digital, quem vai naufragar, tudo é uma questão de talento e capacidade de adaptação aos tempos revoltos

Dentro do cenário urbano que se formaram as manifestações, embora haja muitos prós e contras a respeito do que é ou não jornalismo na era da internet, parcial ou não, os ativistas das redes sociais – não me refiro somente aos Ninjas, mas aos manifestantes que cobriram e compartilharam vídeos sobre a jornada de junho de 2013, especialmente a partir do dia 13 de junho –, trouxeram para o debate público uma questão crucial que fere o direito à cidadania, sobretudo da população que vive nas periferias, a violência policial. No Observatório da Imprensa, a jornalista Cátia Guimarães rebate uma crítica feita à cobertura da Mídia Ninja pelo jornalista Chico Otávio do jornal O Globo. Cátia diz que “a objetividade nada imparcial dos Ninjas talvez venha acrescentar a importância de se garantir também um outro modo de se compreender e fazer jornalismo, a ressignificação de uma prática que foi aprisionada num modelo profissional desenhado para caber nos moldes da mídia empresarial”³⁴.

Desta forma, podemos refletir a respeito das transformações do jornalismo em que as mídias tradicionais perderam a credibilidade e as novas formas de comunicação, através das redes, tecem um universo enigmático de significados e utilidade, tendo em

³³ Fernando Paulo Nagle Gabeira é membro-fundador do Partido Verde brasileiro. No período militar, participou da luta armada como militante do Movimento Revolucionário Oito de Outubro. Participou do sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, em 04 de setembro de 1969. O episódio é narrado em seu livro O que é isso, companheiro?, de 1979.

³⁴ Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed758_o_globo_e_o_jornalismo_do_midia_ninja>, acesso em: 09/10/2013, às 19h.

vista que não conseguem sustentar um modelo capaz de transpor as barreiras da superficialidade, trazendo para o campo social um discurso capaz de fomentar no cidadão, mais do que a indignação com o sistema político vigente, o pensamento crítico dos fatos capaz de incitar debates e transformações sociais. Muito pior do que a falta de informação, os modelos jornalísticos exercem, de acordo com o autor Pascual Serrano, a censura, camuflada no discurso da defesa do direito de imprensa, ou seja, a liberdade de expressão. “Desta forma, a mídia não exerce o direito à liberdade de expressão, mas o direito à censura, na medida em que decide o que nós, cidadãos, vamos conhecer e o que não” (Serrano, 2013:78).

Capítulo III – Cobertura do jornalismo impresso, um olhar sobre as manifestações

As recentes transformações no campo jornalístico tiveram início com o avanço da Indústria Cultural, conseqüentemente a ascensão do valor-informação teve como fatores determinantes, o progresso tecnológico e o desenvolvimento da sociedade capitalista. Segundo Moraes, ao definir o sistema midiático como a imagem de uma árvore, “cada galho se combina com os outros por intermédio de um fio invisível – as tecnologias avançadas. [...] pertence a um reduzido número de corporações que se incumbem de fabricar volume convulsivo de dados, som e imagens, em busca de incessante lucratividade em escala global” (Moraes, 2013:19). O autor define da seguinte forma as principais características do sistema:

Primeiramente, evidencia a capacidade de fixar sentidos e ideologias, interferindo na forma da opinião pública e em linhas predominantes do imaginário social. Em segundo lugar, demonstra desembaraço na apropriação de diferentes léxicos para tentar colocar dentro de si todos os léxicos, a serviço de suas conveniências particulares (Moraes, 2013: 20)

Para tentar compreender as transformações do discurso da imprensa, assim como a influência que exerce sobre a população, sobretudo no Brasil, apropriamo-nos de um resgate histórico, contudo, sob a perspectiva de um recorte apenas, sendo este o período da Ditadura Militar (1964-1985) como um divisor de águas, tendo em vista a modernização da paisagem do produto informação com a acentuação dos novos métodos inspirados no modelo americano de fazer jornalismo, através da consolidação da indústria da comunicação no país, com impacto forte da Indústria Cultural. “Até a década de 60, o tom da discussão versava sobretudo sobre a força e o caráter manipulador do pólo da produção cultural. Já a partir das décadas de 70/80, a ênfase nas pesquisas sobre a influência dos veículos midiáticos transfere-se para o pólo dos consumidores” (Setton, 2001: 27).

No final da década de 60, havia um movimento que tentava aproximar o leitor através de uma nova linguagem utilizada nos periódicos, somado ao uso de técnicas

como o *lead*³⁵ e a *pirâmide invertida*³⁶; a imagem ganhava força através das fotografias cada vez mais em destaque nas matérias, estruturas utilizadas até os dias atuais. Sem esquecer principalmente do processo de popularização que propagava uma linguagem mais simples em busca de angariar leitores e, muitas vezes, ultrapassava a linha tênue que separa o ato de reportar uma informação do sensacionalismo, apelando ao contexto emotivo das pessoas que, com o passar das décadas acentuou-se na Sociedade do Espetáculo. Exemplo clássico do uso de elementos sensacionalistas, tanto em manchetes e textos quanto nas fotografias, era a *Última Hora*³⁷, de Samuel Wainer. Porém, não podemos deixar de destacar que era um periódico ousado e foi um dos diários mais combativos ao regime militar vigente.

Jornal moderno, usufruía de manchetes apelativas e fotografias estrategicamente posicionadas para chamar a atenção do leitor. A capa do dia 30 de março de 1968, ilustra de forma bastante interessante a descrição acima:



³⁵ Método jornalístico utilizado no início das notícias que tem a finalidade de responder as seguintes perguntas: "O quê" e/ou "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", e "Por quê?".

³⁶ Fórmula jornalística que organiza as informações dentro de uma notícia.

³⁷ **Última Hora**: fundado em 12 de junho de 1951 pelo jornalista Samuel Wainer. Vendido em 1971 à empresa Folha da Manhã S/A. Deixou de circular em 1972.

Ainda na vasta cobertura sobre o assassinato no Calabouço, podemos observar que, curiosamente o jornal traz em várias páginas a grafia errada do nome do estudante morto. Ao invés de Edson, refere-se a ele como Nelson. Um erro recorrente que talvez possa abrir questionamentos sobre o que era mais importante para o jornal: a informação ou simplesmente o furo de reportagem. A fim de exemplificar a veia sensacionalista da *UH*, destacamos outra manchete do dia 30 de março de 1968: “CPI do fuzilamento começa 2ª feira”.



Em 03 de abril de 1968 o jornal expõe a seguinte reportagem: “Mãe de Edson: Êle era tôda esperança”



Coelho nos fala sobre a espetacularização que já se desenhava na época. “Havia a presença simultânea de um Estado economicamente intervencionista e promotor do ‘desenvolvimento’, a serviço da burguesia brasileira e multinacional, que concentrava o exercício do poder político (e tentou, no início dos anos 1970 transformar um general em ‘líder popular’), e de uma sociedade do espetáculo em processo de constituição, promotora do culto das mercadorias e da difusão social (especialmente pela Rede Globo de Televisão) das práticas espetaculares” (Coelho, 2006:22).

Porém, às vésperas de mais uma nova etapa de modernização da linguagem jornalística, nós tivemos as manifestações estudantis que, entre muitas outras questões já citadas ao longo do texto, levou jovens brasileiros às ruas após o marco das jornadas

que foi o assassinato do estudante Edson Luís, em 28 de março de 1968, no restaurante do Calabouço, no Rio de Janeiro.

Na tentativa de buscarmos ou refutarmos semelhanças na cobertura do jornalismo do presente e do passado quanto à produção impressa e as manifestações no país – passeatas realizadas em 1968, após a repressão policial que resultou no assassinato do estudante Edson, e passeatas realizadas em junho de 2013, após a repressão policial no que se refere ao aumento da tarifa do transporte público –, é necessário refletirmos que:

Durante a ditadura militar, a censura à imprensa teve diversos momentos e se implantou segundo diferentes modelos. Deve-se assinalar que como quase toda a grande imprensa apoiou o golpe de 1964, com alguns dos jornais e seus proprietários participando ativamente da conspiração para derrubar João Goulart, houve um momento em que os próprios jornais, rádios e televisões praticavam uma espécie de autocensura, procurando construir versões das informações favoráveis ao regime autoritário, seguidamente ‘salvador da democracia’ contra o perigo comunista (Luca, Martins, 2008:238)

Desta forma, ao falarmos do período ditatorial é importante ressaltarmos que a liberdade de expressão, sobretudo antes do Ato institucional nº5, era tolhida pelos próprios donos dos veículos de informação, o que talvez não seja tão diferente nos dias de hoje tendo em vista a linha editorial que cada jornal possui. A imparcialidade defendida e teorizada mostra-se, em ambos os períodos, distante de espelhar a realidade. As pressões econômicas estão presentes para alimentar o sistema neoliberal que abarca todos os campos da sociedade, não seria diferente com a informação-mercadoria. Exemplo clássico da pressão econômica foi a venda da *Última Hora*, em 1971, devido às dívidas do jornal.

Com relação às jornadas de junho de 2013, vale a reflexão sobre a complexidade do sistema midiático na contemporaneidade. “A digitalização favoreceu a multiplicação de bens e serviços de ‘infoentretenimento’; atraiu *players* internacionais para operação em todos os continentes; intensificou transmissões e fluxos em tempo real; instituiu outras formas de expressão, conexão, intercâmbio e sociabilidade, sobretudo por meio da internet” (Moraes, 2013:21).

3.1 As notícias e a tomada das ruas

Em 1968, o estopim foi o estudante Edson Luís de Lima Souto, alvejado à bala pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, resultando em uma sequência de atos violentos entre manifestantes e policiais, o maior deles conhecido como a Sexta-feira Sangrenta, um massacre que causou comoção na sociedade. Diante desse cenário, qual o papel exercido pela imprensa, sobretudo a imprensa escrita na cobertura dos episódios? Houve alguma mudança nas características de cobertura do jornalismo impresso com relação às jornadas de junho de 2013?

A respeito destes momentos distintos na história brasileira, o presente trabalho traz a voz do jornalismo impresso, sobretudo da Folha de S. Paulo que, embora no final da década de sessenta não tinha a expressão jornalística dos dias atuais, é um dos veículos que ilustra as transformações da imprensa escrita no país, no que tange a tentativa de compreender se a ação da população em repúdio aos excessos policiais teve ou não, influência da cobertura do jornalismo.

Em 1968, na sexta-feira, 29 de março, referente ao episódio do Edson, a **Folha** trouxe a manchete: “Estudante morto em choque no Rio”. No dia seguinte, 30 de março, a notícia era sobre a violência do confronto entre policiais e manifestantes: “Violento conflito entre polícia e estudantes em Brasília; Edson sepultado”. Desta forma, a notícia do assassinato do estudante Edson Luís estava difundida pela mídia impressa. Outros grandes veículos da época também noticiaram o incidente, como os jornais *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Última Hora*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Para ilustrar, abaixo algumas manchetes:

Folha de S. Paulo, 29 de março de 1968: “Estudante morto em choque no Rio”.

Jornal do Brasil, 29 de março de 1968: “Polícia mata estudante em choque no calabouço”;

Correio da Manhã, 29 de março de 1968: “Polícia Militar mata estudante”;

O Globo, 30 de março de 1968: “Valsa do Adeus” no Sepultamento do Estudante”;

O Estado de S. Paulo, 30 de março de 1968: “Persiste a tensão depois do enterro”;

Última Hora, 30 de março de 1968: “Povo acompanhou jovem assassinado até o fim”.

Valle nos conta que “a morte de Edson Luís repercute em vários estados com passeatas e comícios em repúdio à violência policial, a maior parte deles defrontando-se novamente com a repressão da Polícia Militar” (Valle, 2008:50). Percebemos que a comoção difundida pelos meios de comunicação pode ter fomentado e, quem sabe em uma dimensão maior, incentivado o revide por parte do estudantado, pois a violência passou a ser uma via de mão dupla entre manifestantes e policiais, ou seja, havia um corpo a ser vingado. Segundo Gaspari: "Ele haveria de se tornar a encruzilhada de todas as raivas" (GASPARI, 2002: p. 278).

3.2 Repercussão impressa

Observando a cobertura da mídia impressa sob o recorte da repercussão após a invasão do Calabouço, em comparação com a cobertura das manifestações de junho de 2013, percebemos o caminho inverso utilizado pela imprensa ao noticiar os episódios, uma alteração de posturas que buscaremos exemplificar. Ou seja, em 1968, após o assassinato do estudante, as passeatas foram retratadas da seguinte forma: os jornais noticiaram a invasão policial e o resultado da violência da PM: a morte de Edson. A notícia provocou indignação na sociedade, o que se transformou em número nas ruas do país com o crescimento constante de manifestações em solidariedade ao estudante assassinado, conseqüentemente, no dia seguinte ao episódio, após vasta cobertura midiática, aconteceu a marcha dos 50 mil. Do prédio da Assembléia Legislativa até o cemitério São João Batista, em Botafogo, local em que o estudante foi sepultado, pessoas foram somando ao grupo de manifestantes. “A adesão popular ao enterro de Edson Luís vai aumentando durante o cortejo, e até o final oferece provas substanciais de sua disposição política de participar daquele ato” (Valle, 2008:49).

Em outro momento, após a soma de pessoas no enterro de Edson, conseqüentemente o crescimento das manifestações em várias regiões do país, percebermos que houve uma rejeição às manifestações por parte da mídia, desta forma, a Polícia recebeu o respaldo jornalístico para conter os “subversivos”, esvaziando as

ruas novamente. O jornal *O Globo*, por exemplo, estampou em suas páginas, no dia 4 de abril de 1968, a manchete:

EXÉRCITO ADVERTE: TRATAREMOS ARRUACEIROS COMO INIMIGOS DA PÁTRIA

O General José Horácio da Cunha Garcia, comandante do 1 Exército, distribuiu nota ontem a respeito das missas que serão celebradas hoje pelo jovem Edson Luís, advertindo que os amotinados lançando pedras, atirando fogo e perturbando a ordem pública passarão a ser, para o soldado brasileiro, "o inimigo que ataca o território pátrio e ameaça as instituições básicas da nacionalidade". A tranquilidade pública e o bem particular -- presentes a nota -- serão defendidos "a qualquer preço", para que "a anarquia e o deboche não tomem conta da cidade (Texto na 10.ª página)

ANO XLIII — Rio de Janeiro, 5.ª-feira, 4 de abril de 1968 — N.º 12.854

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Director-Redactor-Chefe: ROBERTO MARINHO Director-Tesoureiro: HERBERT MOSEI
Director-Secretario: RICARDO MARINHO Director-Substituto: ROGERIO MARINHO



Capelão acompanha o condenado

A contenção da PM saiu do controle na missa de 7º dia de Edson, na igreja da Candelária, em 04 de abril de 1968, dividindo a mídia da época em suas ideologias vigentes:

Em toda a dinâmica governamental durante os episódios da morte de Edson Luís, é indiscutível a importância do papel desempenhado pela violência: a violência policial, a violência dos estudantes, a violência do Estado. O governo, por meio da ação repressiva da Polícia Militar e das Forças Armadas, utiliza-se da violência em quase todos os momentos e em todo o país. Não apenas pratica a violência, mas a justifica como reação às manifestações violentas dos estudantes. Nas palavras do governador Negrão de Lima, “em legítima defesa” (Valle, 2008:75)

Para traçar um paralelo com as jornadas de junho de 2013, é importante lembrar que o movimento percorrido pela cobertura jornalística foi diferente. A mídia culpou e responsabilizou as manifestações pela redução da tarifa do transporte público pelo início da violência nos enfrentamentos com a PM, somente após a repercussão, nas redes sociais, da agressividade policial na contenção das passeatas, a imprensa mudou o discurso e criticou a atuação violenta. Para completar o ciclo jornalístico, após a tomada das ruas por um número crescente de manifestantes, a mídia voltou-se novamente contra as passeatas, sob a alegação de sucessivos atos de vandalismo. Nesse período podemos dizer que surgiu o movimento *Black Bloc*, um grupo de pessoas vestidas de preto, rostos

tapados, coturnos nos pés – acessórios parecidos com os da própria polícia –, propício a depredar o patrimônio público ao manifestar-se e promover atos de violência.

3.3 Polícia invade, estudante morre

O secundarista Edson Luís foi o estopim da tomada estudantil nas ruas das cidades brasileiras, coincidentemente com as jornadas de junho de 2013, em que protestou-se contra o aumento das passagens do transporte público, uma das reivindicações dos comensais do restaurante do Calabouço era contra o aumento no preço das refeições:

No dia 28 de março de 68, morre Edson Luís durante o choque da Polícia Militar com os estudantes do restaurante Calabouço, que participavam de mais uma das manifestações da Frente Unida dos Estudantes do Calabouço (FUEC) contra o aumento do preço da refeição, que consideravam abusivo, e pela melhoria e conclusão das obras do restaurante (Valle, 2008:40)

De acordo com o que foi mencionado, em junho a luta dos jovens do Movimento Passe Livre (MPL) era pela redução da tarifa do transporte público. Talvez seja uma comparação simplificada, no entanto, podemos ver a sombra das questões que envolvem as lutas sociais e transcendem os períodos históricos das sociedades. De um lado, em 1968, além de muitas outras lutas, o direito de garantir comida a preços acessíveis para jovens estudantes. De outro, em 2013, a acessibilidade da população no espaço público, ou seja, a exclusão social, reflexo das políticas neoliberais. “Boas condições de vida dependem, frequentemente, de políticas públicas urbanas – transporte, moradia, saneamento, educação, saúde, lazer, iluminação pública, coleta de lixo, segurança. Ou seja, a cidade não fornece o lugar, o suporte ou o chão para essa reprodução social” (Maricato, 2013: 20).

Quanto à cobertura jornalística do primeiro episódio, a morte de Edson, a violência empregada pela Polícia e noticiada nos veículos de comunicação foram fomentos para sensibilizar a população. Não raro, as notícias referentes ao caso eram retratadas de forma emocional e, às vezes apelativa, pela imprensa nos primeiros dias após o assassinato.

Como exemplo, em 31 de março de 1968, a *Folha* traz a seguinte manchete: “O emocionado relato de uma testemunha ocular”, na sequência podemos ler o depoimento:

Funcionários do INPS, que se achavam na noite de quinta-feira na janela do edifício onde funciona o antigo IAPI, foram testemunhas oculares do massacre praticado por policiais, sendo que uma das funcionárias em seu relato disse: “Eu vi o estudante correr, seus joelhos dobraram-se e era tão perto de mim que vi sua expressão, mais de espanto do que de dor; ajoelhou-se e um PM chegou perto, gritou alguma coisa e eles sumiram. Tenho a impressão de que o policial viu o garoto mortalmente ferido e avisou os outros. Foi ai que eles pararam de atirar e massacrar os garotos”.

A funcionária afirmou ainda que do prédio em que trabalha, que fica na avenida Marechal Câmara, das janelas dos fundos, dá para se avistar perfeitamente bem o restaurante e o beco por onde surgiram os policiais. Só da sua sala, que fica no beco onde o garoto foi mortalmente alvejado, os funcionários assistiram ao crime (página 18).

O *Correio da Manhã*, em 29 de março de 1968, estampou a manchete: “Polícia Militar mata estudante”, seguido da seguinte notícia:

A Polícia Militar da Guanabara transformou, ontem à noite, as imediações do novo restaurante do Calabouço em verdadeira praça de guerra, matando um estudante, ferindo outro e mais um servidor do INPS, após vários choques da corporação invadirem o local, onde grupos de estudantes discutiam a realização, hoje, de uma passeata, de protesto contra as condições de higiene do restaurante.

Depois de espancar moças e rapazes, os policiais os puseram em fuga, fazendo vários disparos, um dos quais atingiu mortalmente Edson Luís Lima Souto, 18 anos, cujo corpo foi levado por seus colegas para a Assembléia Legislativa, de onde sairá, hoje, às 17h30min, o seu enterro.

O *Jornal do Brasil*, em 29 de março de 1968, destacou o episódio com a manchete: “Polícia mata estudante em choque no calabouço”, na sequência:

Um estudante de 16 anos, Edson Luís de Lima Souto, morreu em consequência de um tiro no peito, às 18h30min de ontem, quando um choque da Polícia Militar invadiu o restaurante do Calabouço e revidou a tiros as pedradas com que os estudantes – uns jantavam,

outros assistiam a uma aula – reagiram ao espancamento imediato.

Outro estudante, Benedito Frazão Dutra, de 20 anos, teve de ser medicado no Hospital Sousa Aguiar em consequência da violenta surra sofrida, e um comerciário, Telmo Matos Henriques, de uma firma próxima ao restaurante dos estudantes, levou um tiro na boca, quando sentado a sua mesa de trabalho. Está internado no HSA em estado grave.

A *Última Hora*, em 30 de março de 1968, traz a manchete: “Povo acompanhou jovem assassinado até o fim”, seguida da linha-fina, com o nome equivocado do estudante assassinado: “Nélson foi chorado na última caminhada”.

Uma multidão incalculável – só superada pela que acompanhou o corpo do Presidente Getúlio Vargas em agosto de 1954 – seguiu ontem o cortejo que levou o estudante Nélson Luís Lima Souto da Assembleia Legislativa ao Cemitério São João Batista.

Durante quatro horas o povo percorreu entre lágrimas e protestos as largas avenidas do Flamengo e Botafogo. Nas janelas surgiam os negros panos do luto, de alguns edifícios caíam flores. A porta do cemitério a massa forçou os portões e assistiu triste, o corpo do estudante morto pela polícia baixar ao túmulo.

O Globo, em 30 de março de 1968, estampou a manchete: “‘Valsa do Adeus’ no Sepultamento do Estudante”:

Após extenso cortejo que percorreu vários quilômetros, interrompidos e paralisados por violentos incidentes e comícios durante todo o trajeto da Cinelândia ao Cemitério de São João Batista, o povo e milhares de estudantes sepultaram, cerca das 20 horas de ontem, o estudante assassinado no conflito de anteontem com a Polícia Militar.

Cansados, os olhos vermelhos do pranto e da revolta, a voz rouca de gritar nos comícios de rua o dia todo, os adolescentes conduziram nos ombros o esquife de Edson Luís à catacumba, enquanto milhares de companheiros lotavam os estreitos corredores, trepavam sobre túmulos e se apinhavam nos portões e nas ruas vizinhas, chorando silenciosamente ou acusando aos brados as autoridades. Ao ser fechada a sepultura, todos assoviavam a “Valsa do Adeus”, emprestando mais uma nota emotiva à despedida ao jovem sacrificado.

A repercussão, sobretudo na mídia impressa causou comoção na sociedade e pode ter sido determinante para a elevação considerável do número de pessoas nas ruas para

manifestarem-se contra a violência empregada pela PM. Abro um parêntese para uma reflexão: em comparação com a realidade atual, não podemos esquecer um aspecto primordial que distancia o episódio de 68 das jornadas de 2013. Na época militar, o acesso à informação era difundido principalmente através dos jornais impressos e pelo rádio. Na atualidade, as mídias sociais, através da Internet, são facilitadores na recepção de informação.

Após o assassinato: “O enterro de Edson Luís é a maior mobilização popular após o golpe de 64, pois concentra 50 mil pessoas, conforme os estudantes, que a justificam não apenas pela revolta contra o primeiro assassinato explícito da ditadura” (Valle, 2008:48).

Após o enterro: na edição do dia 30 de março de 1968, o jornal *O Estado de S.Paulo* define a multidão como “dezena de milhares de pessoas” e também, como a *Última hora*, publica em suas páginas o nome equivocado de Edson: “Após ter sido velado durante toda a madrugada e o dia de ontem na Assembleia Legislativa carioca, o corpo do estudante Nelson Luís Lima Souto foi sepultado às 19 e 15, no cemitério São João Batista, para onde foi levado por um cortejo de que participaram dezenas de milhares de pessoas”. É neste momento, após o enterro que percebemos a mudança do discurso de parte da mídia que, após intensa cobertura sobre a violência policial no Calabouço, passa a responsabilizar o estudantado pela violência posterior ao incidente. Ainda utilizando a reportagem do jornal:

À beira do tumulto, após orações, seguiram-se inflamados discursos de estudantes contra o governo federal e até mesmo contra a política dos Estados Unidos no Vietnã. Após a cerimônia, um grupo de jovens exaltados que deixava o cemitério cercou uma viatura da Aeronáutica em que estavam um oficial e um soldado, espancaram os dois e atearam fogo ao veículo” (Estadão, 30 de março de 68, p. 6)

Na página 7 do caderno o *Estadão* continua trazendo a versão de que os estudantes tinham o propósito de promover a baderna e perturbar a “ordem nacional”. A manchete é a seguinte: “Dops diz que sabia dos planos”.

“O povo neste momento está contra nós. Vamos deixar a situação se acalmar para depois agir. Os acontecimentos de ontem já estavam há muito planejados. Nós sabíamos do plano e apenas nos antecipamos. Os estudantes estão sendo liderados por gente estranha à classe, que prepara as agitações e desaparece. São comunistas, e estão fazendo o mesmo em vários países, Uruguai, Chile e Itália”.
E assim o general Lucídio Arruda, diretor-geral do Dops, explicou ontem os fatos ocorridos nas últimas 48 horas.

Na mesma trajetória, com destaque, ocupando a parte superior da *Folha de S. Paulo*, edição do dia 31 de março de 1968, a informação que ilustra o momento em que o Brasil vivia, em especial a cidade do Rio de Janeiro. Sob a manchete: “Estudantes planejam uma passeata amanhã”:

Comícios relâmpago foram realizados na tarde de ontem em diferentes pontos da cidade, por estudantes de várias faculdades, sob a orientação da UNE, com o objetivo de conseguir a adesão do povo para a passeata que pretendem realizar amanhã, como protesto contra a morte do estudante Edson Luís Lima Souto.

Comícios relâmpago foram realizados na tarde de ontem em diferentes pontos da cidade, por estudantes de várias faculdades, sob a orientação da UNE, com o objetivo de conseguir a adesão do povo para a passeata que pretendem realizar amanhã, como protesto contra a morte do estudante Edson Luís Lima Souto (Folha, 1968:18)

Na notícia destacada o jornal menciona duas vezes que os jovens estavam sob orientação da UNE, entidade que teve a sede depredada e incendiada logo no primeiro dia do golpe e fora lançada à clandestinidade. Aponta a existência de comícios e divulga a realização de passeata no dia seguinte.

Em menor destaque, localizada na parte inferior da página, do lado esquerdo, ocupando aproximadamente 30% do todo, para ilustrar o descontentamento de parte da população – a generalização não condiz com a realidade, pois havia grupos favoráveis ao Regime Militar –, com os excessos policiais encontramos também a notícia publicada sob a manchete: “Padres solidários com estudantes”. O texto refere-se aos manifestos divulgados na imprensa pelos religiosos, com teor de condenação à violência empregada pela Polícia Militar.

Trinta padres de São Paulo, entre os quais o pe. Emilio Dion – assistente da Ação Católica Operária – e o frei Chico, dos Dominicanos, assinaram e distribuíram ontem um manifesto solidarizando-se com os estudantes e condenando a violência policial, em particular, o assassinato de Edson Luís, na Guanabara. Eis o manifesto: “No momento em que ocorre o assassinato de um jovem de apenas 16 anos de idade, somos obrigados a nos solidarizar com os estudantes e a condenar a violência policial (Folha, 1968:18)

Na contramão das notícias sobre as passeatas e o apoio dos religiosos, ocorreu a divulgação da nota da Secretaria de Segurança Pública da Guanabara, sob a manchete: “Nota da Secretaria da Segurança da GB alerta os pais e a população”, a qual sutilmente induzia os pais a acreditarem que os filhos estariam sendo aliciados por comunistas para que eles promovessem atos de vandalismo pela cidade.

A Secretaria da Segurança Pública da Guanabara, a propósito dos últimos acontecimentos ocorridos na cidade distribuiu hoje a seguinte nota: “Os acontecimentos assinalam uma gama de atos manifestamente ilegais, de desordens contínuas, de trauma popular e fortalecidas por orientação contrária ao regime”.

Sentimentalizando os estudantes em sua boa fé e verdor da idade, desvirtuando-os de obrigações escolares, colocaram-nos a frente de interesses e objetivos de retaguarda desleal e alcance inconfessáveis (Folha, 1968:19).

A cobertura jornalística começa a tomar um caráter heterogêneo, ou seja, os posicionamentos políticos ficam mais acessíveis aos olhos da sociedade. O confronto entre policiais e manifestantes rendeu longa cobertura na imprensa. Principalmente após a missa de 7º dia da morte de Edson, em que a PM fez represália e usou novamente a violência como escudo.

3.4 Repercussão e posicionamento político

A mídia impressa, sob o recorte de alguns jornais da época, trazidos para ilustrar a miscelânea de vozes, nos mostra o caminho do discurso jornalístico sobre a morte no Calabouço, e se afasta das semelhanças em comparação com as jornadas de junho de 2013, sobretudo pela unanimidade, ou seja, em junho de 2013, nos primeiros dias de manifestações toda a grande mídia estava em desacordo com o Movimento Passe Livre (MPL).

Desta forma, percebemos que, em 1968, no primeiro estágio as notícias tinham o cunho de reportar o incidente do Calabouço, ou seja, a morte do estudante. Voltando ao exemplo da manchete da *Folha*: “Estudante morto em choque no Rio” (Folha, 1968:18). A repercussão em massa nos jornais, no mínimo, talvez tenha encorajado as pessoas para que elas fossem às ruas. A literatura, os jornais e depoimentos nos dizem que o montante de 50 mil manifestantes no enterro de Edson, foi possível por uma gama de

peessoas que desceram dos prédios para acompanhar o cortejo. Até então, esse havia sido o número mais expressivo de manifestantes nas ruas desde o início do Golpe em 1964. Esta pode ser considerada uma evidência de que a repercussão jornalística motivou as pessoas a irem às ruas. A notícia sobre o assassinato fora difundida em todos os jornais da época e causou comoção na sociedade.

Em um segundo momento, sobretudo após o velório que reuniu o número expressivo de manifestantes, a voz do governo começa a dar sinais de que pretende tomar as páginas impressas através da versão policial cada vez mais presente. Se do lado estudantil, Edson era o baluarte da luta, do lado da PM, contava o revide dos jovens, animados pelo apoio que vinha das ruas. “Desde a morte de Edson Luís, nos relatos dos estudantes, quer em entrevistas e depoimentos, quer em matérias publicadas em seus periódicos, notamos sua opção pelo enfrentamento e um clima de combate. A violência passa a ser respondida com violência” (Valle, 2008:53). A retribuição da violência facilitou o discurso das autoridades na tentativa de esvaziar as ruas para o controle da “ordem nacional”. É essa a mensagem que continha na nota divulgada na imprensa pela Secretaria de Segurança Pública citada acima.

Diante do cenário que se formou – Polícia Militar mata estudante. Manifestantes revidam. Polícia livra as ruas da ameaça subversiva –, esse trajeto foi o percurso que notamos na cobertura jornalística da época e que nos mostra as ideologias políticas que foram estampadas nas linhas dos jornais diante da combustão gerada pelo incidente do Calabouço. Algumas manchetes exemplificam a tomada de posicionamento ao longo do período delimitado pela dissertação: 29 de março ao dia 05 de abril, um dia após a missa de 7º dia do secundarista assassinado:

Correio da Manhã:



O Globo:

Laudo Afirma Que Edson Recebeu Tiro de Ricochete

A bala que matou Edson Tui de Lima Souto, segundo o laudo pericial, não foi de parada diretamente em sua direção, mas atingiu o rapaz depois de ricochetear em uma das paredes do Restaurante do Calabouço. O projétil penetrou no corpo do jovem com a base invertida. Isto é, com a borda traseira.

Para o perito do Instituto de Criminalística, que mantém o resultado do laudo em sigilo, a bala mortal fez um percurso contra um preceito: mas após o impacto mu-

dou de direção, arrastando as estrias na parede, para depois atingir Edson.

O que reforça o laudo de balística é a constatação de que no projétil ficou gravada a trama do tecido da camisa que o rapaz vestia. Isto é corroborado ainda, pelo fato de que junto com a bala foi encontrado um pedaço da camisa do jovem, o que tecnicamente, não teria ocorrido se a bala tivesse penetrado de frente. A bala, ao que afirmam os técnicos, é de calibre 38, carga dupla, munição de grande poder de penetração.

O grande problema, entretanto, é determinar a trajetória do tiro, uma vez que o Instituto de Criminalística não sabe com exatidão o local em que o jovem Edson estava quando foi mortalmente ferido. Sem esta determinação, ao que foi deixado transparecer, será impossível indicar de onde foi disparado o tiro. Segundo ainda ficou revelado no laudo, o projétil tem a estria bem gravada o que possibilitaria identificar a arma que disparou bastando que ela seja apreendida e apresentada ao IC.

Jornal do Brasil:

Peritos provam que Polícia não atirou só para o alto

A posição das matras das balas nas paredes dos edifícios próximos ao restaurante dos estudantes onde ocorreu o tiroteio da noite de anteontem — algumas a apenas um metro do solo — evidencia, para os peritos que estiveram ontem no local, que os tiros dados pelos policiais não foram somente para o alto e para espantar; alguns visavam os próprios estudantes.

dos rombos provocados por balas. Na galeria existem 16 perfurações de bala. A maioria está a uma altura superior a cinco metros, indicando tiros dados para o alto. Três, no entanto, estão a uma distância de cerca de um metro do solo. Nenhuma cápsula foi encontrada próximo aos rombos.

CHUVA DE BALAS

Aspirante acusado nega disparo que matou estudante

RIO 30 (SUCURSAL) — O aspirante da Polícia Militar, Almirante de Azevedo, acusado de ter matado Edson Luís Lima Souza, ao depor hoje perante o Conselho de Inquérito Estadual, que apura o crime do estudante, declarou que "não tem ideia de quem fez o disparo e não sabe se o mesmo pode ter sido o aspirante ou alguém que se aproximou dele".

Justamente com o aspirante que chefiava o grupo de choque do cabo José Roberto Pitol que disse que não podia também precisar de onde partiram os tiros — se dos estudantes ou do aspirante de armaria — pois todos os soldados estavam acurrados, defendendo-se dos ataques dos estudantes. Informou depois o cabo Pitol que a tática estava cheia de detalhes de bala, sendo que uma era de calibre 45, de uso exclusivo das Forças Armadas.



ma e depredando todas as instalações do Calabouço. Zise e administrador — que não são os identificadas — que o policial não se retirava depois que os estudantes do COBRAL (Comissão de Alimentação do Rio de Janeiro) foram até o restaurante e pediram a sua retirada. Disse ainda o administrador que os estudantes não tiveram armadilhas de para os pedras. Traziam pequenas bandeiras nacionais e do Calabouço e que "não tiveram chance de defesa não a violência dos policiais que os encarceraram, dentro do restaurante", disse.



Sindicatos apiam

RIO 30 (SUCURSAL) — Sindicatos nacionais que integram o movimento social e artístico também apoiaram a luta dos estudantes. Os sindicatos estão dispostos a entrar em greve para apoiar os estudantes.

Apesar das duras condições físicas, à medida que os estudantes participavam da manifestação estudantil de protesto pela morte do jovem Edson Luís Souza, algumas entidades, como as sindicatos dos Bancários, Mineiros e Têxteis, já decidiram apoiar o ato pacífico.



Três decidiram

O Sindicato dos Bancários já decidiu apoiar o ato pacífico. Os sindicatos dos Mineiros e Têxteis também decidiram apoiar o ato pacífico.

O depoimento

Foto e aspirante Ruyner não se lembrava dos nomes de Castro e Alfredo Dantas de Carvalho, do Conselho de Inquérito, que se chegou uma lista de 23 nomes, transportado em 3 carros para o Rio de Janeiro. O PIS por volta das 18h00 horas e o aspirante Ruyner não lembra o número de estudantes que foram.



Quando chegaram ao Estádio — continuou — os estudantes já estavam reunidos para não receber e antes de serem presos.

Nota da Secretaria da Segurança da GB alerta os pais e a população

em São Paulo: estudantes picham paredes, fazem inscrições e pregam cartazes em vários pontos da cidade. Durante todo o dia, houve comícios-relampago e preparo de cartazes com slogans de protesto.

Estado de S. Paulo:

Um morto e vários feridos no Rio

Ocupação dos principais pontos da cidade por forças do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, um esvaziamento da Costa Marinha, 30 policiais feridos e um número ainda não calculado de estudantes e população presos e feridos, foram os resultados das manifestações promovidas ontem pelos estudantes da Guanabara. Ao sentir que não poderia dominar a situação somente com os contingentes da Polícia Militar, ameaça de propagação das manifestações, o governador Neugério de Lima pediu ao ministro Gama e Silva a ajuda federal e este determinou ao comandante do I Exército, gen. José Horácio da Cunha Garcia, que tomasse providências no sentido de ocupar a cidade. O morto e os feridos são consequência não só da verdadeira batalha de vedar travada pelos estudantes com os policiais, em vários pontos da cidade, como também do fato de ter havido troca de tiros entre os manifestantes e a Polícia.

Gama aciona Exército

Em 20 de março, na noite, o ex-governador de Minas Gerais, governador Almirante de Azevedo, foi chamado para assumir o comando do Exército. Ele chegou a São Paulo no domingo e foi recebido pelo governador Neugério de Lima. Ele assumiu o comando do Exército no domingo e foi recebido pelo governador Neugério de Lima. Ele assumiu o comando do Exército no domingo e foi recebido pelo governador Neugério de Lima.



Este é o policial que foi espancado no "Calabouço"

Justiça explica ação

Ação de forças de segurança em São Paulo para conter manifestações estudantis. A polícia prendeu cerca de 100 pessoas em vários pontos da cidade. O governador Neugério de Lima pediu ao ministro Gama e Silva a ajuda federal e este determinou ao comandante do I Exército, gen. José Horácio da Cunha Garcia, que tomasse providências no sentido de ocupar a cidade.

DR. PLINIO REYS JR. DOENÇAS DO CORAÇÃO

Diagnóstico preventivo do coração. ESTOMAGO, Fígado e Intestinos. Consultas com Radiodiagnóstico em Tororó. Rua Venâncio Brasil, 140 - 2.º andar. Das 8 às 18h - Sábado: Das 9 às 12h - Tel. 24-9522

VIVA COM SAÚDE

Com saúde, sem esforço, sem dor, sem preocupação. Saúde e beleza em um só produto. VIVA COM SAÚDE. Rua Venâncio Brasil, 140 - 2.º andar. Das 8 às 18h - Sábado: Das 9 às 12h - Tel. 24-9522

Diversos pontos

Os estudantes ocuparam diversos pontos da cidade, incluindo o Calabouço e o Estádio. A polícia tentou dispersar os estudantes, mas eles resistiram.

Houve violências de parte a parte

Entre os estudantes e a polícia houve conflitos físicos em vários pontos da cidade. Alguns estudantes foram feridos e a polícia também sofreu baixas.

A BREJE DE CLEOPATRA E O BOM-HUMOR DE CESAR

Alimentar cada melhor qualidade. A Breje de Cleopatra é o melhor alimento para a saúde e o bom humor. Disponível em todas as farmácias.

IERB ESCOLA DE SECRETARIAS

Ensino de secretariado em São Paulo. Cursos de atualização e especialização. Inscrições abertas.

DR. PLINIO REYS JR. DOENÇAS DO CORAÇÃO

Diagnóstico preventivo do coração. ESTOMAGO, Fígado e Intestinos. Consultas com Radiodiagnóstico em Tororó.

VIVA COM SAÚDE

Com saúde, sem esforço, sem dor, sem preocupação. Saúde e beleza em um só produto. VIVA COM SAÚDE.

VESPERTINA

EXÉRCITO PROÍBE PASSEATAS

Tanques voltam às ruas do Rio

Guarnição no Palácio da Guerra



O Comandante de I Exército, General José Horácio da Cunha Garcia, advertiu, em nota oficial divulgada nos primeiros minutos de hoje, que as autoridades responsáveis pela segurança do Estado da Guanabara impedirão a realização de comícios, passeatas e concentração de massas nos logradouros públicos. "bent como deposições de cores e outras promoções junto aos monumentos de vilões de nossa história pátria". Em outra nota, o General alerta a população de que os "comunistas e seguidores proletários programaram a "operação múnich", visando à fabricação de mais cadáveres para servir de bandeira aos seus propósitos de agitação social". (P. 6)

Ultima Hora
Ano XVII — Rio de Janeiro, 5.º-feira, 4/4/1968 — N.º 3.436 — NR15 0,20

Missas pelo estudante morto param a Cidade

Desta forma, a reflexão em questão é sobre como a divulgação das manifestações, reportada pela mídia, repercute nos ânimos da população em tempos distintos, separados pelos avanços tecnológicos e do avanço das técnicas da Indústria Cultural. Percebemos o monopólio da informação, concentrada nas mãos dos jornalistas e dos veículos de informação, no caso estudado, o jornalismo impresso. Por isso a escolha do recorte. Sob a orientação de pensadores da contemporaneidade podemos pensar na mudança do fazer jornalismo ao longo de um período que perpassa quase 50 anos. Em comparação com os dias atuais Ramonet diz que:

A confortável situação das mídias e dos jornalistas, em posição de monopólio da informação na sociedade, está chegando ao fim. Muitos jornalistas profissionais se viam como uma elite, pensando deter o poder exclusivo de impor e de controlar debates. Esse pecado do orgulho os fazia crer que seus leitores passivos e cativos estariam sempre a seu favor. Mas esse tempo em que eles tinham sozinhos o direito de escolher e de publicar informações já terminou (Ramonet, 2012:21)

3.5 Caminho inverso ao de 1968: Manifestantes violentos, polícia é vítima

Tendo em vista a expressão do jornal *Folha de S. Paulo*³⁸ nos dias de hoje, escolhemos trazer para a reflexão sobre as manifestações de junho de 2013 apenas este olhar. Diferente do período militar, em 2013 o posicionamento dos grandes veículos de comunicação teve desempenho semelhante no trato com a informação, ou seja, percebemos uma homogeneidade no discurso. Daí a dificuldade de identificar a ideologia de cada jornal. Na década de sessenta o processo de perda da identidade política estava em processo, mas não era tão cristalino quanto na contemporaneidade. Moraes explica que “em seu afã de seduzir o maior número de pessoas possível, os meios de comunicação dispersaram sua identidade política, pois seu objetivo não é mais um grupo definido política ou ideologicamente” (Moraes, 2013:54).

Na quarta-feira, 12 de junho de 2013, a *Folha* traz em sua capa uma foto destacada que preenche toda a parte superior do jornal e utiliza a seguinte legenda: “Militantes interditam a avenida Paulista em manifestação contra o aumento das tarifas do transporte em São Paulo, foi o terceiro confronto com a polícia em menos de uma semana”. Abaixo da fotografia a manchete: “Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista”. Após a notícia sobre o protesto, que foi considerado extremamente violento, nos chamam a atenção duas notas de depoimentos. A primeira diz o seguinte: “Sangrando, PM aponta sua arma, mas não atira”, e descreve que um militar foi atacado por cerca de dez pessoas. Ao se levantar, apontou a arma para o grupo que o espancou e não atirou. Ao lado, uma frase destacada é atribuída à estudante de direito e uma das organizadoras do MPL, Nina Capello. Afirma que: “Não temos controle; virou revolta”.

A dedicação do jornal foi de aproximadamente 70% da página na cobertura mostrando parcialmente o olhar contrário às manifestações.

³⁸ **Folha de S.Paulo**: de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), é o segundo Jornal de maior circulação no Brasil. A média de circulação foi de 294.811, em 2013. Fundado em 19 de fevereiro de 1921 com o nome original de **Folha da Noite**, foi comprado na década de 60 pelos empresários, Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho.



Militantes interditam a avenida Paulista em manifestação contra o aumento das tarifas do transporte em São Paulo; foi o terceiro confronto com a polícia em menos de uma semana

EUA e Japão fazem Bolsa de SP cair ao menor nível desde 2011

Dúvidas sobre medidas de estímulo nos EUA e no Japão derrubaram Bolsas pelo mundo ontem. No Brasil, o Ibovespa caiu 3%, ao menor nível desde agosto de 2011. O índice Dow Jones teve queda de 0,89%. O Banco Central voltou a intervir duas vezes no mercado, e o dólar fechou com desvalorização de 0,2%. Mercado B1.

Ministro Mantega (Fazenda) promete segurar gastos para cumprir superávit de 2,5% do PIB neste ano. B4

Gurgel dispensa subprocuradora por 'falta de sintonia'

O procurador-geral da República, Roberto Gurgel, afastou a subprocuradora Deborah Duprat. Ela divergiu do superior no julgamento do projeto que inibe a criação de partidos. Gurgel disse que a sintonia entre eles era "insuficiente". Poder A5

Polícia da Turquia reprime ativistas em praça de Istambul

A polícia da Turquia usou bombas de gás lacrimogêneo e jatos de água para expulsar manifestantes da praça Taksim, em Istambul.

Horas mais tarde, milhares de militantes voltaram a se reunir no local, e houve novo confronto. Mundo A10

Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista

No 3º e mais violento protesto, ativistas enfrentam PM e atacam ônibus e estações do metrô; 20 são detidos



No alto, policiais disparam bomba de efeito moral; acima, ativistas incendiam ônibus

No mais violento protesto contra o aumento da tarifa do transporte público, manifestantes voltaram a entrar em conflito com a polícia na região central de São Paulo.

Como saldo, 20 pessoas foram detidas. Dois ônibus foram parcialmente queimados, e outros, apedrejados. Estações de metrô foram depredadas, muros, pichados, e vitrines, quebradas. Lojas e bancos fecharam as portas.

Foi o terceiro ato em menos de uma semana — os ativistas são contra a alta da passagem, de R\$ 3 a R\$ 3,20. Segundo a PM, mais de 5.000 pessoas foram ao protesto. A prefeitura fala em 2.500.

Segundo policiais, militantes jogaram pedras, paus e coquetéis molotov contra a PM, que atirou balas de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta.

A manifestação ocorreu sem a presença na cidade do prefeito Haddad (PT) e do governador Alckmin (PSDB), que estão em Paris. O Movimento Passe Livre promete um novo protesto amanhã.

Ontem, policiais civis e servidores da saúde protestaram contra o governo Alckmin, e reintegração de posse na zona sul também terminou em confronto. Cotidiano C1

Repórter da Folha é detido pela Polícia Militar durante protesto. C5

DEPOIMENTO

Sangrando, PM aponta sua arma, mas não dispara

GIRA BERGAMIM JR.

DE SÃO PAULO

Um policial e um manifestante caíram no chão atirados. Cerca de dez pessoas começaram a agredir o PM com pedras, socos e chutes. Mesmo atingido, ele se levantou. De pé, sangrando, o policial apontou a arma para o grupo. Não disparou. Cotidiano C4

'Não temos controle; virou revolta', diz organizadora do ato

"Não temos controle. A manifestação se transformou numa revolta popular", disse Nina Cappello, 23, estudante de direito e uma das organizadoras do Movimento Passe Livre.

Cappello culpou a "repressão violenta da polícia" pelo resultado. Segundo ela, a manifestação estava pacífica até que houve grande repressão no centro. Cotidiano C5

Na página C1 do caderno Cotidiano da mesma data encontramos nova fotografia que mostra um grupo pequeno de manifestantes com os rostos encobertos por lenços, depredando um ônibus, em meio à maioria que não participava do ato de destruição. A manchete: "Protesto mais violento contra tarifa tem confrontos em série e vandalismo em SP"



Já na página A10 do caderno Mundo, ao retratar as tensões em território turco, a manchete do jornal é a seguinte: “Com bombas e jatos, polícia turca esvazia praça, mas ativistas voltam”. Chama à atenção a qualificação dos atores sociais nos dois episódios. No Brasil, “manifestantes vandalizam”, na Turquia, “ativistas”.



Manifestantes correm após a polícia lançar bombas de gás lacrimogêneo para dispersá-los da praça Taksim (Istambul)

POLÍCIA NA PRAÇA TAKSIM
 Governo turco expulsa ma



1 Polícia usou gás lacrimogêneo e canhões d'água contra manifestantes, que correram

Com bombas e jatos, polícia turca esvazia praça, mas ativistas voltam

Taksim, em Istambul, é alvo de operação para remover grupos que se concentram lá há 12 dias

Premiê Erdogan diz ver 'conspiração' contra o seu governo e promete 'caçar provocadores'; advogados são detidos

Istambul, num agravamento do confronto que já dura 12 dias com o governo do premiê Recep Tayyip Erdogan.

À noite, porém, dezenas de milhares voltaram a se reunir na Taksim e no parque Gezi, anexo à praça —uma cifra nu-

uma das participantes do protesto, que preferiu não revelar seu sobrenome à **Folha**.

Isil disse também que, ainda que se preocupe com a violência, não pretende deixar o parque Gezi: "O governo ainda não cedeu a nossas exi-

Huseyin Avni Mutlu, fez um apelo aos manifestantes "pacíficos" para que fiquem longe da praça até que "grupos de marginais" saiam do local.

Voluntários estimam que, nos confrontos da manhã, ao menos 300 pessoas tenham

manifestantes. "Precisamos fazer tudo por nós mesmos, já que perdemos totalmente a confiança no governo e na polícia para nos proteger", afirmou a médica Esra Ozkan.

Segundo entidades de direitos humanos, muitos nec-

Estes dois recortes refletem o posicionamento do jornal e talvez, a maioria da grande mídia, contrária aos protestos que desencadearam uma sucessão de acontecimentos por todo o país.

Na edição do dia 13 de junho, quinta-feira, quem abriu o jornal *Folha de S. Paulo* ou acessou a página digital na Internet, acompanhou a cobertura destacada do conflito. A fotografia escolhida é a de um policial sangrando no rosto, imobilizando um manifestante deitado na calçada. Acompanha a legenda: "Polícia acionará Tropa de Choque em ato hoje, e Alckmin cobrará manifestantes por prejuízos". A manchete adverte: "Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo".

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: CECÍLIO FRIAS FILHO

AV. 91 • QUINTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2013 • R\$ 3,20

EDIÇÃO SP/DF • CIRCULAÇÃO A 0152 • R\$ 3,10

RECEBA HOJE

GUIA DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES

Confira as sedes e a tabela do torneio que começa sábado

+ Perfil das oito seleções

NÚMEROS DO PROTESTO

- 87 ônibus depredados
- 8 policiais militares feridos
- 30 manifestantes feridos
- 19 detidos, dos quais 6 já foram soltos

Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo

Polícia acionará Tropa de Choque em ato hoje, e Alckmin cobrará manifestantes por prejuízos

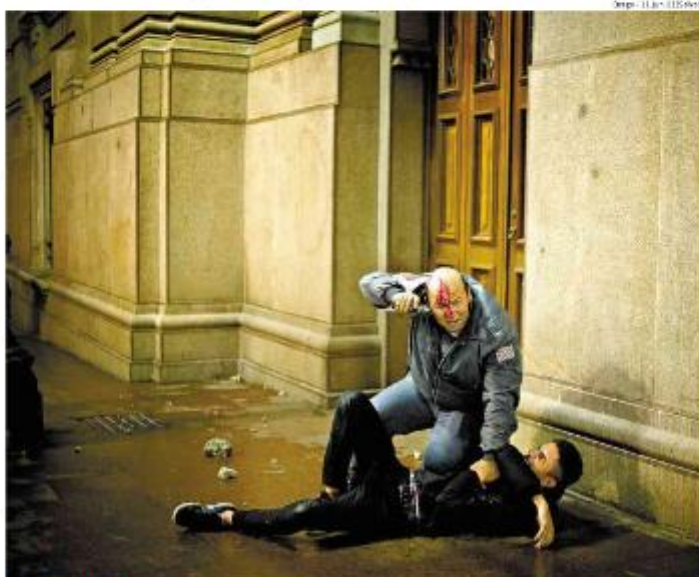
Mantega recua e zera imposto para segurar a alta do dólar

Dois dias depois de afirmar à **Folha** que não pretendia retirar o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) de operações com dólar no mercado futuro, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou que a alíquota de 7% deixará de existir.

O objetivo é atrair mais dólares ao país e segurar a escalada da moeda americana, que ontem subiu para R\$ 2,149, a maior cotação em quatro anos. Mercado 93

Dilma Rousseff vê pessimismo em críticos do governo

Em um momento de queda de popularidade, a presidente Dilma acusou os críticos de serem como o "velho do Resnelo", personagem do poeta português Luís de Camões e símbolo do pessimismo. Segundo ela, o "velho do Resnelo não terá a última palavra no Brasil". Poder 94



#ENCURRALADO Ferido, policial militar Wanderlei Vignoli segura o manifestante e aponta arma para evitar que fosse linchado no protesto de ontem em SP; um dia depois, ele disse que teve medo de morrer ao ser cercado por cerca de 100

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) chamou de "hadesianos" e "vândalos" os manifestantes que incendiaram ônibus em protesto antitebom, no centro de São Paulo, contra o aumento das tarifas de transporte.

"A polícia vai responsabilizar e exigir o ressarcimento de patrimônio destruído, seja público ou privado. Isso é absoluta violência, vandalismo, hadesismo e é inaceitável", afirmou Alckmin. Ele está em Paris com o prefeito Fernando Haddad (PT), que também condenou a violência durante a manifestação.

O ato deixou um rastro de destruição na cidade. Ao menos 87 ônibus foram danificados, vidros de lojas e bancos, quebrados, e estações de metrô, depredadas.

Novo protesto está marcado para hoje, às 17h, em frente ao Teatro Municipal. A Polícia Militar diz que será mais dura na repressão a atos de vandalismo e que não tolerará nem casos isolados. A Tropa de Choque seguirá a manifestação.

Após reunião com líderes dos protestos, o Ministério Público diz que levará a Haddad e Alckmin proposta de suspensão por 45 dias da tarifa de R\$ 3,20. Cobrança 101

Em editorial o jornal trouxe a informação: "Retomar a Paulista", seguido da opinião: "Avenida vital de São Paulo se tornou território preferido de protestos abusivos, que prejudicam milhões de pessoas para chamar a atenção do público" (Folha, 2013: A2).

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

PUBLICADO DESDE 1921 - PROPRIEDADE DA EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A.

Presidente: LUIZ FRIAS

Diretor Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO

Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO

Editor-executivo: SÉRGIO DÁVILA

Conselho Editorial: ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, MARCELO COELHO, JANIO DE FREITAS, GILBERTO DIMENSTEIN, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HEITOR CONY, CELSO PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (secretário)

Diretoria-executiva: ANTONIO CARLOS DE MOURA (comercial), MURILO BUSSAB (circulação), MARCELO MACHADO GONÇALVES (financeiro) E EDUARDO ALCARO (planejamento e novos negócios)

EDITORIAIS

editoriais@uol.com.br

Retomar a Paulista

Avenida vital de São Paulo se tornou território preferido de protestos abusivos, que prejudicam milhões para chamar a atenção do público

Oito policiais militares e um número desconhecido de manifestantes feridos, 87 ônibus danificados, R\$ 100 mil de prejuízos em estações de metrô e milhões de paulistanos reféns do trânsito. Eis o saldo do terceiro protesto do Movimento Passe Livre (MPL), que se vangloria de parar São Paulo — e chega perto demais de consegui-lo.

Sua reivindicação de reverter o aumento da tarifa de ônibus e metrô de R\$ 3 para R\$ 3,20 — abaixo da inflação, é útil assinalar — não passa de pretexto, e dos mais vis. São jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados.

Pior que isso, só o declarado objetivo central do grupelho: transporte público de graça. O irrealismo da bandeira já trai a intenção oculta de vandalizar equipamentos públicos e o que se toma por símbolos do poder capitalista. O que vidraças de agências bancárias têm a ver com ônibus?

Os poucos manifestantes que parecem ter algo na cabeça além de capuzes justificam a violência como reação à suposta brutalidade da polícia, que acusam de reprimir o direito constitucional de manifestação. Demonstrem, com

isso, a ignorância de um preceito básico do convívio democrático: cabe ao poder público impor regras e limites ao exercício de direitos por grupos e pessoas quando há conflito entre prerrogativas.

O direito de manifestação é sagrado, mas não está acima da liberdade de ir e vir — menos ainda quando o primeiro é reclamado por poucos milhares de manifestantes e a segunda é negada a milhões.

Cientes de sua condição marginal e sectária, os militantes lançam mão de expediente consagrado pelo oportunismo corporativista: marcar protestos em horário de pico de trânsito na avenida Paulista, artéria vital da cidade. Sua estratégia para atrair a atenção pública é prejudicar o número máximo de pessoas.

É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na avenida Paulista, em cujas imediações estão sete grandes hospitais.

Não basta, porém, exigir que organizadores informem à Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), 30 dias antes, o local da manifestação. A depender de horário e número previsto de participantes, o poder público deveria vetar as potencialmente mais perturbadoras e indicar locais alternativos.

No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei. Cumpre investigar, identificar e processar os responsáveis. Como em toda forma de criminalidade, aqui também a impunidade é o maior incentivo à reincidência.

Vainer discorre sobre o posicionamento da mídia nos primeiros dias de manifestações. A postura em questão não é exclusividade da *Folha*, mas de outros veículos de comunicação, sobretudo a televisão através dos telejornais.

De um lado, a repressão brutal e a rapidez com que a mídia e os governos tentaram amedrontar e encurralar os movimentos deveu-se, ao menos em parte significativa, à preocupação em impedir que jovens irresponsáveis e ‘vândalos’ machucassem a imagem do Brasil num momento em que os olhos do mundo estariam postos sobre o país, devido à Copa das Confederações. ‘Porrada neles’. A Grande Mídia deu o tom, e o ministro da justiça compareceu ao telejornal da principal rede de televisão para colocar a Força Nacional à disposição de governos estaduais e municipais” (Vainer, 2013: 37)

3.6 Polícia repressora, jovens resgatam a democracia

Após a repercussão da violência sofrida pelos Polícias Militares, ressaltada em jornais e telejornais, endossada pelas palavras de comentaristas renomados como é o caso de Arnaldo Jabor, o 4º ato contra o aumento das passagens do transporte público, realizado na região central de São Paulo, na noite do dia 13 de junho de 2013, fugiu ao controle da cota mínima de civilidade. Houve agressões da PM contra manifestantes, revide dos ativistas, bombas de gás lacrimogêneo foram utilizadas, além de balas de borrachas. Jornalistas também foram agredidos pela força policial.

As Redes Sociais que já traziam a cobertura *in loco* dos manifestantes denunciava os excessos cometidos pelos policiais, imagens que há muito já eram compartilhadas, mas até o momento não haviam sido veiculadas pela mídia tradicional. Diante desse cenário, ou seja, a partir do episódio do dia 13 de junho, a grande imprensa reformulou o discurso.

Na capa de *Folha* de sexta-feira, dia 14 de junho de 2013, encontramos a página preenchida com 90% de informações sobre o conflito. Na parte superior do jornal, em destaque, a fotografia de um policial espancando um casal a golpes de cassetete. A legenda trazia a informação: “Policial agride casal que tomava cerveja em bar na avenida Paulista, próximo ao Masp, ontem à noite, e recebeu ordem para que deixasse o local”. Acima da foto a manchete em destaque: “Polícia reage com violência e SP vive

noite de caos”. A fotografia da repórter da Folha de S. Paulo Giuliana Vallone, ferida no olho com bala de borracha aparece logo abaixo. Ao lado, uma chamada que conduz a leitura da coluna de Elio Gaspari, sob o título: “Distúrbios começaram com ação da Tropa de Choque”, seguida da informação: “Quem acompanhou a manifestação pode assegurar: os distúrbios começaram por um grupo de uns 20 homens da Tropa de Choque, que, a olho nu, chegaram com esse propósito” (Folha, 2013: C3).

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.753

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 1H22 • R\$ 3,00

Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos

★ NO 4º ATO CONTRA TARIFA, PM CERCA MANIFESTANTES E USA BALAS DE BORRACHA E BOMBAS DE GÁS ★ DEZENAS DE PESSOAS FICAM FERIDAS E 192 SÃO DETIDAS ★ HADDAD CRITICA CORPORAÇÃO



Policial agride casal que tomava cerveja em bar na avenida Paulista, próximo ao Masp, ontem à noite, e recebeu ordem para que deixasse o local

A Polícia Militar reagiu com forte violência à quarta manifestação contra o aumento das tarifas de transporte, o que levou caos e tensão ao centro de São Paulo.

O estopim ocorreu quando a PM fez bloqueios na região da rua da Consolação para tentar conter os manifestantes, estimados em cerca de 5.000, e evitar que chegassem à av. Paulista.

Policiais usaram bombas de gás e balas de borracha. Manifestantes responderam com pedras. A violência apavorou pedestres e motoristas, que chegaram a abandonar os carros nas ruas.

Dezenas de pessoas ficaram feridas — muitas delas não faziam parte do protesto. A PM não informou quantos policiais se feriram.

Houve ao menos 192 detenções, em meio a incidentes isolados de depredação. O prefeito Haddad (PT) disse que “a imagem que ficou foi a da violência policial”. O governador Alckmin (PSDB) afirmou, em rede social, que o governo “não vai tolerar vandalismo”.

Rio e Porto Alegre também tiveram atos contra o reajuste. Novo protesto foi marcado para segunda-feira em São Paulo. **Cotidiano 1 C1**

Petrobras está impedida de fazer comércio internacional

Devido a uma dívida de R\$ 7,3 bilhões, a Petrobras está impedida de importar, exportar e de participar de rodadas de leilão do pré-sal, segundo a própria estatal.

O motivo é o cancelamento da certidão de débitos da empresa por uma decisão da Justiça em processo que discute a dívida com a Receita. A Petrobras tentou, em vão, reverter a medida. **Mercado 81**

EUA afirmam que Síria usou armas químicas contra rebeldes

Os EUA disseram ter informações de que tropas do presidente sírio, Bashar al-Assad, lançaram mão de armas químicas contra os rebeldes.

O governo diz que as forças sírias usaram gás sarin em pequena escala diversas vezes e que de 100 a 150 pessoas morreram nos ataques. A gestão Obama está dividida quanto a uma intervenção militar no país. **Mundo A12**



A repórter Giuliana Vallone, ferida no olho por tiro da PM

Distúrbios começaram com ação da Tropa de Choque

ELIO GASPARI
COLUNISTA DA FOLHA

Quem acompanhou a manifestação pode assegurar: os distúrbios começaram por um grupo de uns 20 homens da Tropa de Choque, que, a olho nu, chegaram com esse propósito.

Jornalistas da Folha levam tiros da PM; sete são atingidos

Sete jornalistas da Folha foram atingidos pela PM, in-

Nenhum megafone mandou a passeata parar. Começaram a atirar bombas de gás. Manifestantes buscaram pedras e também conseguiram o que queriam: uma batalha campal. Foi cena de conflito de canibais com antropófagos. **Cotidiano 1 C3**

HÉLIO SCHWARTSMAN
Democracia precisa aprender a conviver com manifestações

A violência permeou o campo das manifestações de junho de 2013 desde o início, seja pelas mãos dos manifestantes, que resolveram revidar aos excessos cometidos pela PM, seja pelas mãos dos policiais, que talvez tenham sido encorajados a exceder a força por conta do discurso favorável da mídia que no início das manifestações os colocou em posição de vítimas. A velha ideia de que a imprensa manipula totalmente a sociedade, neste caso, seguindo esta lógica, a maioria das pessoas desaprovava as passeatas. No entanto, não foi o que aconteceu. Com os desdobramentos dos fatos, Martino nos diz que a percepção da mídia na atualidade é outra:

A preocupação com a utilidade da informação representou uma sensível alteração no rumo das pesquisas em comunicação. A pergunta central deixou de ser ‘O que a mídia faz com o receptor’ (que correspondia ao estudo dos efeitos sociais da mídia) e passou a ser ‘O que o receptor faz com a mídia’, estudo dos usos e gratificações que encontra o receptor em consumir este ou aquele produto oferecido (Martino, 2003: 78).

Portanto, de uma edição para a outra, os discursos mudaram. A volatilidade da postura da mídia é um espelho da sociedade contemporânea?

Curiosamente, a capa da *Folha* do dia 15 de junho diverge do seu editorial, ou seja, há a defesa da atuação da PM em destaque, nas manchetes, mas a opinião do jornal é de que a atuação dos policiais foi arbitrária.

FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO PIRES FILHO 4002-0100 SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013 Nº 50.754 EDIÇÃO SP/DF CONCLUÍDA ÀS 08H15 R\$ 3,00

Justiça libera Petrobras para fazer comércio internacional

O Superior Tribunal de Justiça revogou decisão que impedia a Petrobras de importar e exportar petróleo, por causa da dívida de R\$ 7,1 bilhões com a Sovoita. O tribunal torceu para decisão de autossucesso, que mantém o cancelamento da concessão de débitos da empresa.

Segundo o Ministério Público Federal no Rio, a Petrobras poderia “qualificar” a gerar “crise” na Bolsa se pagasse o débito. **Marcos 21**

Alckmin defende PM e diz que protesto tem viés político

Haddad reafirma que não reduzirá tarifa de ônibus e marca reunião com líderes das manifestações



Moderado lidera eleição no Irã com ampla vantagem

O Ministério da Interior do Irã anunciou que o conservador Hassan Rouhani lidera a contagem de votos da eleição à Presidência, informou Saeed Adghemi, de Teerã. Dos 1,8 milhão de votos apurados, ele tem 49%. O conservador Mohammad Qalibaf é o segundo, com 17%. O resultado definitivo é esperado para hoje. **Marcos 21**

ANÁLISE VERA MAGALHÃES
 Não há vencedores políticos depois de batalha campal

Não há vencedores políticos de batalha campal que São Paulo viveu nesta Alckmin reviviu dramaticamente da realidade, e criticou com o foto de Haddad e o apelido “Maldad” popularmente. **Nem Alckmin parou ao largo da reatuação. Costas e C2**

Polícia Militar só reagiu a ataque, afirma comandante

O comandante-geral da Polícia Militar, Benedito Roberto Bóia, disse que, após terem sido atacados, os manifestantes quebraram acordo de não protestar na av. Paulista e que a polícia só reagiu ao ataque. Segundo ele, a PM tentará negociar uma rota para evitar novos confrontos na segunda. **Costas e C2**

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

PUBLICADO DESDE 1921 - PROPRIEDADE DA EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A.

Presidente: LUIZ FRIAS
Director Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO
Superintendente: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO
Editor-geral: SÉRGIO DÁVILA
Comitê Editorial: DUGLÉSIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, MARCELO COELHO, JÂNIO DE FREITAS, GILBERTO DIMENSTEIN, CLÓVIS BOSSI, CARLOS HÉTOR D'ÁVILA, CELSO PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (sócios)
Directoria-geral: ANTONIO CARLOS DE MOURA (conexão), MURILO BUSSAB (circulação), MARCELO RACHADO GONÇALVES (finanças) e EDUARDO ALCANTAR (plataforma e novos negócios)

EDITORIAIS

editoriais@folha.com.br

Agentes do caos

Contra manifestantes, PM paulista agiu com inaceitável violência, que lhe cumpria coibir; paradoxalmente, ajudou a parar São Paulo

A Polícia Militar do Estado de São Paulo protagonizou, na noite de anteontem, um espetáculo de despreparo, truculência e falta de controle ainda mais grave que o vandalismo e a violência dos manifestantes, que tinha por missão coibir. Cabe à PM impor a ordem, e não contribuir para a desordem.

O Movimento Passe Livre preconiza a paralisação de São Paulo em nome da irreal reivindicação de tarifa zero para os transportes públicos. Tolerar, se não acolhe, facções interessadas apenas em depredar equipamentos públicos, que num intervalo de seis dias transformaram áreas centrais da capital, por três vezes, em praças de guerra.

No quarto protesto, a responsável maior pela violência passou a ser a própria PM. Pessoas sem envolvimento no confronto foram vítimas da brutalidade policial. Transeuntes, funcionários do comércio, manifestantes pacíficos e até frequentadores de bar foram atacados com cassetetes e bombas.

Sete repórteres da **Folha** terminaram atingidos, quatro deles com balas de borracha, em meio à violência indiscriminada da polícia. A jornalista Giuliana Vallone foi alvejada no olho e recebeu 15 pontos no rosto. O comandante da PM diz que o disparo foi feito para o chão.

Não é só por solidariedade profissional que se mencionam, neste espaço, as agressões sofridas

de mais nada, como qualquer cidadão, eles não poderiam ser atacados por policiais cuja ação não parecia obedecer a qualquer plano ou estratégia.

Há uma razão adicional para a força policial não tomar jornalistas por alvo: o trabalho da imprensa oferece um testemunho expurgado do radicalismo sectário que se impregnou nas manifestações contra o aumento das tarifas.

As arbitrariedades cometidas pela polícia no quarto protesto não poderiam contrastar de modo mais nítido com a exemplar disciplina exibida pelo PM Wanderlei Vignoli, na terceira manifestação. Ele sacou a arma, mas não disparou, mesmo isolado e ferido por manifestantes. "Somos treinados para manter o autocontrole", declarou.

Lamentavelmente, o comportamento da PM na quinta-feira veio impugnar a expectativa de que a tropa revelasse o mesmo senso de equilíbrio e, por que não, de coragem. Pois há coragem em manter a calma e o discernimento sob ameaça de uma multidão. Revela-se despreparo — e covardia —, entretanto, quando se ataca indiscriminadamente a população indefesa, ainda que sob a justificativa de defender a liberdade de ir e vir dos prejudicados pela manifestação.

Nem mesmo o saldo de 13 PMs feridos justifica o emprego de meios excessivos pela polícia. Tampouco foi eficaz a ação da PM, afinal ela acabou contribuindo para paralisar a cidade, mais até do que o próprio protesto.

De promotores da paz pública, policiais transformaram-se em agentes do caos e da truculência

Depois da repercussão na grande mídia, as marchas pelas cidades ganharam fôlego. O que vimos nos dias seguintes ao 4º ato foi o descontentamento da sociedade pelos excessos cometidos pela PM e um aglomerado cada vez maior de manifestantes nas ruas das cidades brasileiras. Conseqüentemente, a audiência também aumentou. Prova disso foi o avanço do Jornal Nacional, da Rede Globo, no dia 20 de junho, para noticiar a reunião de, aproximadamente 300 mil pessoas no Rio de Janeiro.

A partir do dia 18 de junho, as notícias eram sobre a repercussão da passeata que tomou o Congresso Nacional, em Brasília, além de todas as outras em várias cidades brasileiras.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br
 *** UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO MIAS FILHO ANO 91 • TERÇA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2013 • Nº 12.157 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 04H58 • R\$ 3,00



Em Brasília, aos gritos de 'o Congresso é nosso', manifestantes quebram cordão de isolamento da PM e invadem a laje da sede do Legislativo; segurança do Planalto foi reforçada

Milhares vão às ruas 'contra tudo'; grupos atingem palácios

★ MANIFESTAÇÃO É A MAIOR NO PAÍS DESDE O 'FORA, COLLOR' (1992) ★ EM SP, MAIS DE 65 MIL PROTESTAM, DIZ DATAFOLHA ★ ASSEMBLEIA DO RIO É ATACADA E SEDE DO GOVERNO PAULISTA SOFRE TENTATIVA DE INVASÃO



Cartazes dos protestos pelo país



Largo da Batata, local da concentração inicial dos manifestantes na capital paulista

Centenas de milhares de pessoas foram às ruas em 12 capitais do país para protestar contra aumento das tarifas de transporte, corrupção, gastos da Copa do Mundo e para reivindicar a melhoria de serviços públicos, como saúde, educação e segurança, entre outras demandas. Políticos também foram alvos, como o presidente Dilma (PT), os governadores Alckmin (PSDB-SP) e Cabral (PMDB-RJ) e o prefeito Haddad (PT-SP).

Foi a maior onda de protestos políticos no país desde os caras-pintadas, em 1992, pelo impeachment do então presidente Collor.

A maioria das manifestações foi pacífica, mas houve vandalismo contra sedes do poder. Em São Paulo, uma portão do Palácio dos Bandeirantes foi derrubado — a polícia impediu a invasão. No Rio, onde o protesto juntou 100 mil pessoas, um grupo atacou a Assembleia Legislativa. Em Brasília, militantes tomaram o teto do Congresso Nacional.

Na capital paulista, o ato reuniu ao menos 65 mil pessoas, segundo o Datafolha. Dos participantes, 84% disseram não ser preferência partidária. Um novo protesto está marcado para hoje, às 17h, na Sé. **Carolina C**

ATMOSFERA **Confiança C11**
 Sal entre os mais em São Paulo
 Milena DMC, Mariana DMC

350.001 exemplares
 impressos + digitais

EDITORIAIS **Opinião A2**
 Lei "Protestos e Votos",
 acerca da mudança no clima político brasileiro, o "O
 Iria se mover", sobre eleição de clérigo Ruybará para a Presidência do país.

FERNANDO RODRIGUES

Desfecho do movimento é imprevisível
Carolina C

Se tarifa do transporte fosse zero,
 valor do IPTU dobraria em SP
Carolina C



Em pouco tempo a passagem do transporte público foi reduzida e os R\$ 0,20 desapareceram do bolso de quem utiliza o transporte público.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO BRAS FILHO ANO 91 • QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.758 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01:22 • R\$ 3,00



À noite, cerca de 500 manifestantes, segundo estimativa da Polícia Militar, ocupam a av. Paulista em ato pacífico para comemorar a revogação do aumento do valor das passagens

PROTESTOS DE RUA DERRUBAM TARIFAS

★ APÓS 13 DIAS, MANIFESTAÇÕES FORÇAM GOVERNOS DE SP E RIO A CANCELAR O REAJUSTE DOS TRANSPORTES
★ ALCKMIN (PSDB), HADDAD (PT) E PAES (PMDB) AFIRMAM QUE REDUÇÃO COMPROMETERÁ INVESTIMENTOS

GUSTAVO PATU
"Populismo" tarifário se perpetua e cria demandas sociais
Coluna CA

ELIANE CANTANHÊDE
PT, PSDB e PMDB perdem 1ª batalha, mas guerra continua
Opinião A2

RODÉRIO GEMELLI
Com recuo, risco é ato de vandalismo virar método de negociação
Opinião A2

mercado aberto A2
Para ministro turco, atos terroristas prejudicam crescimento do Brasil

folha na copa A1
Neymar brilha, e seleção vence México por 2 a 0 em Fortaleza

EDITORIAIS *Opinião A2*
Luta "Vitória das ruas", sobre redução das tarifas de transportes públicos, e "Projeto insuportável", acerca de proposta que legaliza e chama de "crua gay".



Após 13 dias de protestos em que centenas de milhares de pessoas foram às ruas, os governantes de São Paulo e Rio de Janeiro recuaram e cancelaram o aumento das tarifas dos transportes. Pressionados pelos atos pacíficos em sua maioria, mas com episódios de violência de manifestantes e policiais — o governador Geraldo Alckmin (PSDB-SP) e os prefeitos Fernando Haddad (PT-SP) e Eduardo Paes (PMDB-RJ) disseram que a medida forçará cortes de investimentos públicos.

Em São Paulo, o valor da passagem de ônibus, metrô e trem cairá de R\$ 3,20 para R\$ 3 a partir de segunda. A medida foi celebrada na av. Paulista. No Rio, o ônibus irá de R\$ 2,95 para R\$ 2,75 — o governo Sérgio Cabral (PMDB) também cortou tarifas de metrô, trem e barca.

Antes dos anúncios, manifestantes protestaram em Fortaleza, no Castilho, onde a seleção jogou. Houve confronto com a polícia, e 18 pessoas ficaram feridas. Em São Paulo, atos bloquearam cinco rodovias ao longo do dia. No Rio, protesto fechou a ponte Rio-Miraflores. Há manifestações previstas para hoje em 90 cidades — em São Paulo, começará às 17h na av. Paulista. *Coluna CA*

Pierre, 20, aluno de arquitetura, atacou prefeitura
Coluna CA12

Movimento Passe Livre agora quer transporte gratuito
Coluna CA12

Pierre de Oliveira, 20, um dos iniciadores do ataque à prefeitura, se entregou à polícia. Aluno de arquitetura da FUM, se adepto do jiu-jitsu, ele se tornou líder. "Quem nunca correu que afire a primeira pedra." *Coluna CA12*

O Movimento Passe Livre, que liderou as manifestações, agora lutará pelo tarifa zero e por outras como "as reformas agrária e urbana e contra o latifúndio urbano", disse o Mayara Viotari, integrante do grupo. *Coluna CA12*

313.217 exemplares impressos e digitais RUBRIZO... Coluna CA16 São Paulo, circulação cara... 7 e 8 ATMOSFERA Coluna CA16 Clima frio no capital paulista. Manaus 12°C. Manaus 20°C

A tabela que mostra em quais estados brasileiros a tarifa do transporte público foi reduzida é publicada na revista Folha de domingo, 21 de junho, referente à semana de protestos, na página 24 do caderno.

CAPITAIS QUE REDUZIRAM AS TARIFAS DO TRANSPORTE PÚBLICO

CIDADE	A PARTIR DE	DE...	PARA...	REDUÇÃO	OBS.
Goiânia	13/jun	R\$ 3,00	R\$ 2,70	10%	
Rio de Janeiro	21/jun	R\$ 2,95	R\$ 2,75	6,8%	
Recife	20/jun	R\$ 1,50 a R\$ 3,45*	R\$ 1,40 a R\$ 3,35	6,7% a 2,9%	*São quatro valores diferentes, de acordo com o itinerário
São Paulo	24/jun	R\$ 3,20	R\$ 3,00	6,3%	
Curitiba	1º/jul	R\$ 2,85	R\$ 2,70	5,2%	
João Pessoa	1º/jul	R\$ 2,30	R\$ 2,20	4,4%	
Natal	23/jun	R\$ 2,30	R\$ 2,20	4,3%	
Aracaju	Indefinido	R\$ 2,45	R\$ 2,32	4,1%	
Campo Grande	1º/jul	R\$ 2,85	R\$ 2,75	3,5%	
Cuiabá	19/jun	R\$ 2,95	R\$ 2,85	3,4%	
Manaus	10/jun	R\$ 3,00	R\$ 2,90	3,3%	
Vitória	08/jun	R\$ 2,45	R\$ 2,40	2,0%	
Porto Alegre	Indefinido	R\$ 2,85	R\$ 2,80	1,8%	
Belo Horizonte	Indefinido	R\$ 2,80	R\$ 2,75	1,8%	

CIDADES DO INTERIOR E REGIÕES METROPOLITANAS QUE TAMBÉM REDUZIRAM TARIFAS

CIDADE	A PARTIR DE	DE...	PARA...	REDUÇÃO
Garulhos (SP)	24/jun	R\$ 3,30	R\$ 3,00	9,10%
Contagem (MG)	1º/jul	R\$ 2,95	R\$ 2,75	6,80%
Niterói (RJ)	20/jun	R\$ 2,95	R\$ 2,75	6,80%
Vinhedo (SP)	30/jun	R\$ 3,20	R\$ 3,00	6,25%
Osasco (SP)	24/jun	R\$ 3,20	R\$ 3,20	6,25%
Santo André (SP)	1º/jul	R\$ 3,20	R\$ 3,00	6,25%
São Bernardo do Campo (SP)	1º/jul	R\$ 3,20	R\$ 3,00	6,25%
Pelotas (RS)	16/jun	R\$ 2,75	R\$ 2,60	5,45%
Betim (MG)	Indefinido	R\$ 2,90	R\$ 2,75	5,20%
Blumenau (SC)	20/jun	R\$ 3,05	R\$ 2,90	4,92%
Jacareí (SP)	1º/jul	R\$ 3,15	R\$ 3,00	4,80%
Campina Grande (PB)	1º/jul	R\$ 2,20	R\$ 2,10	4,50%
Montes Claros (MG)	23/jun	R\$ 2,40	R\$ 2,30	4,17%
Londrina (PR)	12/jun	R\$ 2,45	R\$ 2,35	4,10%
São Carlos (SP)	1º/jun	R\$ 2,75	R\$ 2,65	3,60%
Campinas (SP)	30/jun	R\$ 3,30	R\$ 3,20	3%
Barueri (SP)	17/jun	R\$ 3,30	R\$ 3,20	3%

Após a conquista o MPL se retirou do movimento, pois já havia conseguido o objetivo de reduzir a tarifa do transporte público. No entanto, as pessoas não deixaram as ruas. As manifestações continuaram por vários pontos do Brasil. As pautas nasciam e morriam com a volatilidade que cabe na sociedade atual. No entanto, um novo ator social passou a frequentar as ruas, os Black Blocs.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO BRAS FILHO

ANO 94 • SEXTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2014 • SP R\$ 2,00

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 0149 • R\$ 3,00

Mascarados depredam lojas de veículos e bancos em SP

Um ato organizado pelo Movimento Faço o Meu Lixo teve ao menos cinco batidas em lojas de carros de luxo e um veículo de imprensa depredados em São Paulo. O protesto reuniu 1.300 pessoas, segundo a PM. Em uma concessionária da Mercedes-Benz, 12 carros, avaliados em cerca de R\$ 2 milhões no total, foram danificados. A **Folha** não viu policiais na passeata. A Polícia Militar fez acordo com o MPL para acompanhar a manifestação à distância. Pode ir



Manifestante mascarado depreda carro de concessionária da Mercedes-Benz na marginal Pinheiros, durante protesto na zona oeste de São Paulo

3.7 Polícia precisa conter vândalos

Com a mesma velocidade em que a grande imprensa mudou o discurso a partir da violência empregada pela PM, até mesmo contra a própria imprensa que registrava a atuação, as notícias voltaram a ser retratadas de forma desfavorável aos manifestantes.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO BRAS FILHO

ANO 94 • QUINTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2014 • SP R\$ 2,00

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 0132 • R\$ 3,00



FIM do reinado

Derrotada por 2 a 0 pelo Chile, atual campeã Espanha tem seu 'Maracanazo' e é eliminada

Em Madri, no dia da abdicação do rei Juan Carlos, torcida agradece a time com aplausos



PFC Equipe está velha, com craques desgastados, e rivais aprenderam a marcá-la

O goleiro e capitão espanhol, Iker Casillas, no Maracanã

Segurança volta a falhar, e 150 invadem o Maracanã

Incidente no Rio tem 85 chilenos detidos; governo e organização trocam acusações

Na mais falha de segurança da Copa, cerca de 150 chilenos invadiram o Maracanã, no Rio, antes da partida entre Chile e Espanha.

Os torcedores demoraram uma grade e entraram na sala de imprensa. Policiais e seguranças não conseguiram controlá-los. Foram detidos 85 chilenos — eles foram libertados à noite. Segundo o Ministério da Justiça, eles terão 72 horas para deixar o Brasil ou poderão ser deportados.

Outros invasões ocorreram em áreas restritas do estádio e assistiram ao jogo.

Esta é a segunda vez na Copa que o Maracanã é invadido. No domingo, 30 argentinos sem ingresso entraram na arena. Nove foram presos.

O incidente com os chilenos levou o governo do Rio e o Comitê Organizador Local a focarem suas ações sobre a presença da polícia nos acessos do estádio.

Cerca de 50 pessoas subiram furto de ingressos na saída do metrô do Maracanã. O governo federal provavelmente a Fifa para que aumente o número de segurança nos jogos. Copa 2014/03

Em São Paulo, a Av. Paulista continuou sendo palco das mais variadas manifestações e também, dos enfrentamentos entre uma pequena parte de manifestantes e a Polícia. Os atos de vandalismo realizados pela minoria que frequentava as passeatas ganhava cada vez mais destaque na cobertura da mídia. Em pouco tempo as ruas perderam o fôlego e o que passou a ser reforçado novamente na imprensa era a necessidade de que a PM contivesse os “vândalos”. E o ciclo se fechou novamente. As manifestações passaram a ser reportadas pela grande mídia como agitações promovidas pelos ativistas.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FILIAS FILHO

ANO 93 • SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013 • Nº 18.760

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 11H22 • R\$ 3,00



Manifestantes em frente ao Congresso, em Brasília, correm após polícia lançar bombas de gás para dispersar multidão; 55 ficaram feridos e 3 foram detidos em protesto na capital

Protestos violentos se espalham pelo país e Dilma chama reunião

★ MAIS DE 1 MILHÃO DE PESSOAS VÃO ÀS RUAS ★ EM BRASÍLIA, TRÊS MINISTÉRIOS E BANCO CENTRAL SÃO DEPRECADOS ★ SEGUNDO ASSESSORES, GOVERNO FEDERAL ESTÁ 'PERPLEXO'

Mesmo depois da redução das tarifas de transporte público pelo país, mais de 1 milhão de pessoas voltaram a ocupar as ruas em cerca de cem cidades. No 14º dia de manifestações, cenas de violência e vandalismo foram registradas em 13 das 25 capitais que tiveram protestos. Houve novos confrontos entre manifestantes e a polícia, ataques a prédios públicos e depredações.

Em Brasília, um grupo quebrou vidros do Palácio Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, e houve princípio de incêndio. Dois ministérios foram pilchados, e o BC teve vitraça danificada. Ao menos 55 pessoas foram feridas. Outras oito capitais registraram ataques a prédios públicos. No Rio, ato que reunia 300 mil pessoas, segundo a PM, terminou com 62 feridos.

A presidente Dilma cancelou viagem ao Japão e chamou para hoje reunião emergencial para avaliar os protestos. Segundo assessores, o governo está "perplexo".

Para dirigentes da Fifa, que promove a Copa das Confederações, a situação no Brasil é mais grave do que o pior cenário imaginado. **Crônicas C1 e Folha na Copa B2**
Está em circulação especial no Brasil e em suas edições de Dilma e Dilma B2

ELIANE CANTANHÊDE

As ruas do Brasil estão em chamas; a coisa desandou

Opinião B2

Multidão grita 'fora, partidos' e petistas deixam av. Paulista

Militantes de partidos como PT, PSOL e PSU do Movimento Passe Livre foram hostilizados na avenida Paulista no protesto de ontem. A multidão gritava "fora, partidos, vocês agastam o povo dividido". Os petistas, o maior grupo, deixaram o ato.



De capacete, manifestante agrediu militantes do PT na Paulista



Vítima de atropelamento é atendida em Ribeirão Preto (SP)

FERNANDO RODRIGUES

Silêncio do Planalto sintetiza falta de liderança de políticos

Crônicas C3

Manifestante morre durante ato em Ribeirão Preto

O estudante Marcos Delefrate, 18, morreu atropelado em protesto em Ribeirão Preto (SP) após um carro tentar furar um bloqueio montado pelos manifestantes. Outras três pessoas ficaram feridas, uma delas em estado grave. Osmotista está ferido.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO PRIAS FILHO

ANO 94 • SÁBADO, 21 DE JUNHO DE 2014 • Nº 11.215

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 11:30 • R\$ 3,00



Costa Rica derrota Itália, elimina Inglaterra e ratifica força do continente no torneio 06 • 67

rosário
Desejo de autoafirmação embala as seleções da América no Mundial 99



Benzena
celebra gol em Salvador

Na Fonte Nova, que só viu goleadas na Copa, França vence Suíça por 5 a 2 se

Os sem-hotel

Torcedores dormem em áreas destinadas para turistas em rodoviária e aeroporto do Rio 016



Costa-riquenses comemoram o 1 a 0 sobre a Itália e a classificação para a próxima fase da Copa na praça da Democracia, em San José, capital do país



PM foi ingênua e vai conter vandalismo, diz secretário de SP

Chefe da segurança da gestão Alckmin, Fernando Grella afirma que não sabia de negociação da polícia com o MPL em protesto

O secretário de Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella, disse que a Polícia Militar errou ao fazer um acordo com o Movimento Passe Livre para acompanhar à distância o protesto de quinta (19) e que não sabia da negociação.

A manifestação, que reuniu cerca de 1.300 pessoas, teve ao menos cinco bancos e três concessionárias de carros de luxo depredadas.

Segundo Grella, a corporação foi "ingênua" e vedou a reprimir vandalismo em protestos. Há uma manifestação marcada para segunda (23), na av. Paulista. A ordem é que a condução policial seja como a da abertura da Copa. Na ocasião, a PM sufocou um ato a 11 km do Itaquaquecetuba.

Grella disse que membros do MPL podem ser responsabilizados pelos danos do protesto da última quinta.

"Nas manifestações do MPL sempre [há] 'black blocs'", diz o ministro da Justiça, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmou que o MPL não defende nem criminaliza as depredações.

Marcus Calhazinho, dono das concessionárias atacadas, comentou o caso no internet. "A gente dá emprego para um monte de gente, não singa a presidente, faz tudo certinho e é isso que recebe em troca." **Federati**

Considerações finais

Na sociedade que valoriza cada vez mais a imagem percebemos, com certa clareza, os caminhos que a mídia percorreu até chegar, de fato, ao cenário descrito por Debord antes mesmo de sonharmos com um período tão turbulento nas ruas brasileiras. A concorrência desmedida acirra os ânimos da sociedade, e claro, reflete no campo jornalístico, como bem nos lembra Bourdieu. O imediatismo é um mal que talvez não possa ser corrigido, tendo em vista a aceleração das informações e a pouca reflexão que se faz presente na vida moderna. Nem os templos de conhecimento, como as grandes Universidades, escapam ao precioso tempo. Os estudos, por exemplo, estão em constante aceleração. Cada vez mais formamos leitores de orelhas de livros, resumos, resenhas. O desinteresse pelas análises é visto nas edições dos jornais. As reformulações dos diários para se adequarem aos novos tempos são responsáveis pela redução dos conteúdos. As matérias densas perdem cada vez mais espaço nas redações, assim como a apuração *in loco* fora substituída, muitas vezes, pelos contatos por e-mails, mensagens nas redes sociais, telefonemas. Vieram também as demissões em massa de jornalistas. A Agência Pública fez uma matéria sobre o assunto, em 10 de junho de 2013, sob o título “Revoada dos passaralhos”:

Também a Folha de S. Paulo anunciou uma reestruturação na última semana, com o fim do caderno “Equilíbrio” e o reagrupamento de outros cadernos em três núcleos de produção. O número de jornalistas demitidos foi de 24. A direção comunicou à ombudsman, Suzana Singer, que “as redações do futuro deverão ser cada vez mais enxutas, assim como o produto impresso”. Entre os demitidos estão nomes do porte de Andreza Matais, ganhadora do Prêmio Esso de jornalismo 2011 pela série que demonstrou o enriquecimento do então ministro da Fazenda, Antonio Palocci. “Aos que acreditam que o jornalismo de qualidade faz bem à democracia resta torcer para que a travessia dê certo”, resumiu Suzana Singer, em artigo na Folha³⁹

As grandes reportagens estão sendo limadas pelo jornalismo impresso, ao mesmo passo em que o leitor não tem mais paciência ou tempo, de refletir sobre poucos assuntos, pois o avanço tecnológico fomentou também o avanço da sociedade do

³⁹ Disponível em: < <http://apublica.org/2013/06/revoada-dos-passaralhos/> >, acesso em: 01/01/2015, às 17h17.

espetáculo, ou seja, a globalização nos permite interagir com número crescente de informações, rascunhos do que acontece no Brasil e no mundo. As ideias se sobrepõem umas nas outras, o que importa nesta modernidade é a quantidade, não a qualidade. Indivíduos criados para o consumo, seguindo a lógica da Indústria Cultural desenhada por Adorno e Horkheimer. “A ‘exaltação da novidade’ cria outro paradoxo: a produção de uma quantidade brutal e incessante de informação também produz a ‘amnésia permanente’. É claro: se o que interessa é a ‘novidade’, e essa é produzida industrialmente – a cada dia, hora ou minuto –, o telespectador / leitor é convidado a abandonar qualquer reflexão sobre determinado evento, para sempre se entregar ao novo” (Arbex, 2005:89).

Não raro percebemos o quão espetacularizados estamos. Seja nas palavras de ordem retiradas das peças publicitárias, seja na cobertura que a mídia – tanto a grande mídia, quanto as “novas”, “pequenas”, “alternativas”, “contra-hegemônicas” que nasceram no cerne dos acontecimentos, através da utilização da tecnologia móvel –, fez sobre as manifestações. Em um tempo aonde somos produtores e consumidores de informação, o excesso de imagens disponíveis sobre os episódios causaram uma onda de desinformação. As passagens foram reduzidas, mas as ruas continuaram com um vazio de identidades e ideologias que ainda nos primeiros dias de 2015, salpicam pelo país, sufocadas pela imagem do vandalismo, mesmo que praticado por uma minoria que ainda não sabemos qual é a identidade. A maioria da população parece ter se cansado das manifestações. É notícia velha. Um incômodo para as pessoas que querem transitar pelas cidades. O que ficou de herança e, talvez seja algo positivo que está, mesmo timidamente, sendo discutido pela sociedade é a forma como a Polícia Militar está despreparada para lidar com as pessoas. A violência policial é o elo entre os episódios nas ruas do Brasil em 1968, após o assassinato de Edson Luís e a adesão da sociedade nas passeatas da contemporaneidade, através da atuação no dia 13 de junho de 2013. Ao analisarmos os jornais de 1968 e em comparação, quase 50 anos depois com os periódicos atuais, percebermos que a violência da PM foi o grande motivador de união das pessoas nas manifestações. O jornalismo do passado tinha suas limitações em um período ditatorial, sobretudo após o Ai-5; na atualidade, o limitador é o processo de esvaziamento da notícia que vislumbramos ao longo dos tempos. Portanto, cabe a crítica de Bourdieu aos meios de comunicação por adotarem uma fórmula mais simplificada no trato com a informação, ou seja, espelham-se na dinâmica superficial do telejornalismo. A busca pelo sensacional, o imediatismo, a falta de reflexão e até mesmo de ética, nos

mostra a sociedade espetacularizada que Debord esmiuçou. O discurso jornalístico ao adotar uma postura totalmente flexível, como vimos no trabalho, acentua o pensamento de que o importante para a imprensa brasileira, quiçá mundial, é reportar o que as pessoas querem ver, ouvir, saber, pois é fato que as identidades ideológicas deram lugar às identidades da audiência. O que nos conduz a um grande impasse, pois o acesso à informação e a disseminação dela não garante qualidade, muitas vezes – senão na maioria das vezes –, cai no campo da desinformação. Em junho de 2013 percebemos que a Mídia Ninja, com uma proposta de cobertura *in loco*, chamou a atenção não somente dos manifestantes e internautas das redes sociais, sobretudo despertou a curiosidade da mídia tradicional, que precisa se reinventar para acompanhar os recursos disponibilizados pela Internet para não perder espaço no gosto popular.

Portanto, os autores consultados nesta pesquisa nos conduzem pelos meandros das mudanças de postura ideológica, cultural, política que os meios de comunicação têm experimentado ao longo das décadas. Em ritmo mais acelerado com a difusão das novas tecnologias, sobretudo a Internet que, cada vez mais desconcentra o poder da informação, mantido por longos períodos sob a vigilância dos jornalistas. O desafio talvez seja aproveitar as ferramentas tecnológicas que a população tem (*smartphones*, computadores, redes sociais...) a fim de transformar os movimentos nas ruas, não somente deixar a cargo da grande mídia o papel de difundir a informação de maneira que encha as ruas e as esvazie de acordo com o posicionamento que mais convém. Não podemos atribuir aos grandes conglomerados de comunicação toda a responsabilidade por qualquer forma de manipulação da opinião pública, ao usarmos a tecnologia a favor da sociedade, precisamos subverter a lógica do mercado, de forma a trazer um olhar diferenciado, mas um olhar, acima de tudo reflexivo. Apostar em mais conhecimento, menos informação.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. - **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARBEX JR., José - **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BAUDRILLARD, J. - **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

_____. - **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1991.

BAUMAN, ZYGMUNT. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. - "A Obra de Arte na Época das suas Técnicas de Reprodução" in Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Pensadores vol. XLVIII, 1975.

BOURDIEU, P. - **O Poder Simbólico**. São Paulo: DIFEL, 1989.

_____. - **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BUITONI, Dulcília H. S.; CHIACHIRI F., Roberto (Orgs.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**, São Paulo: Almedina, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CATALÀ, Josep M. **A forma do real: introdução aos estudos visuais**. São Paulo: Summus, 2011.

Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato... [et AL.] – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa Alternativa – jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995.

COELHO, Cláudio N.P. – “A Publicidade e a Cultura Contemporânea: uma visão crítica” in **Hiperpublicidade 1 : fundamentos e interfaces**. Clotilde Perez & Ivan Santo Barbosa (Orgs.). São Paulo: Thomson Learning, 2007.

_____.- **Publicidade: É Possível Escapar?** São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

_____.-“Indústria Cultural, Entretenimento e Cultura do Narcisismo: a questão do controle social terapêutico” in **Líbero, ano X , n.19, 2007**, p. 29-39.

COELHO, Cláudio N.P. (Org.) - "**Dossiê: Crítica da Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo**" in **Revista Estudos de Sociologia**, FCL-UNESP-Araraquara-v.16,n.30(2011),p.15-95.Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/index.php/estudos>.

COELHO, Cláudio N.P. & CASTRO, Valdir J. de (Orgs.) – **Comunicação e Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

COELHO, Cláudio N. P.; KÜNSCH, Dimas A; MENEZES, José Eugenio. **Estudos de comunicação contemporânea: perspectivas e trajetórias**. São Paulo: Plêiade, 2012.

CAZELOTO, Edílson; MARTINO, Luís Mauro Sá; PERSICHETTI, Simonetta. **Mídia e comunicação contemporânea: relatos de pesquisas**. São Paulo: Plêiade, 2012.

DEBORD, Guy - **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa:Edições Mobilis in Mobile, 1991.

_____.- **A Sociedade do Espetáculo – Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997.

EAGLETON, Terry – **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____.- **Depois da teoria**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005

FONTENELLE , Isleide A. – **O Nome da Marca**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. volume 1 e 2. Coleção As Ilusões Armadas, São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

_____. **A Ditadura Derrotada**. volume 3. Coleção O Sacerdote e o Feiticeiro, São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

_____. **A Ditadura Encurralada**. volume 4. Coleção O Sacerdote e o Feiticeiro, São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**; tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985

HAUG, Wolfgang F. - **Crítica da Estética da Mercadoria**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

História da imprensa no Brasil / Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, (organizadoras). – São Paulo: Contexto: 2008.

KOTSCHO, Ricardo. **Do golpe ao planalto**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

JAPPE, Anselm. **Violência, mas para quê?**. São Paulo: Hedra, 2013.

KLEIN, Naomi – **Sem Logo : A Tirania das Marcas num Planeta Vendido**. Rio de Janeiro: Ed Record, 2002.

LIPOVESTKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. São Paulo, Editora Manole, 2007

LIPOVESTKY, Gilles e SERROY, Jean. **A Cultura-Mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008

LLOSA, Mario Vargas - **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. MARCONDES FILHO, C. **Até que ponto nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2005.

MARCONI, Paolo. **A censura política na Imprensa Brasileira – 1968/1978**. São Paulo: Global Editora, 1980.

MARTINO, L. M. S. **Comunicação & Identidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2006.

_____. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: summus, 1978.

Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MINNINI, Giuseppe. **Psicologia social da mídia**. São Paulo, Edições Sesc/SP e Girafa, 2008.

MODERNELL, Renato. **A notícia como fábula: realidade e ficção se confundem na mídia**. São Paulo: Summus, 2012.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: summus, 2003.

MARTINO, Luís M. S. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo. Das mídias de massa à massa de mídias**. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 2003.

SILVEIRA, Joel; ANDRADE, Jeferson de. **Um jornal Assassinado: A última Batalha Do Correio Da Manhã**. Jose Olympio, 1991.

SOUSA, Jorge. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

VALLE, Maria Ribeiro do. **1968: o diálogo é a violência**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008.

WAINER, Samuel. **Minha Razão De Viver: Memórias De Um Repórter**. Planeta do Brasil, 2005.

ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. **1968: eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.